NYPL RESEARCH LIBRARIES
3 3433 07437993 8

JAMES
SEP 21,10

GUERRA JUNQUEIRO

A MORTE DE D. JOÃO

PORTO
LIVRARIA MORÉ — EDITORA
Praça de D. Pedro
1874

J. W. Hawes;
from Portuguese dept
Philadelphia Exhibit
Recd March, 187

A MORTE DE D. JOÃO

J. W. Rawles;
from Portuguese dept.
Philadelphia Exhibition
Rec'd March, 1877

A MORTE DE D. JOÃO

Porto — Imprensa Portugueza, rua do Bomjardim, 181.

GUERRA JUNQUEIRO

A MORTE DE D. JOÃO

PORTO
LIVRARIA MORÉ — EDITORA
Praça de D. Pedro
1874

THE NEW YORK
PUBLIC LIBRARY
525458
ASTOR, LENOX AND
TILDEN FOUNDATIONS.
R 1911 L

AO SENHOR

ALEXANDRE HERCULANO

INTRODUCÇÃO

INTRODUCÇÃO

Eu era mudo e só na rocha de granito.
Por sobre a minha fronte a sombra do infinito,
Em volta a solidão, e o mar junto a meus pés
Cantando hymno igual aos hymnos de Moysés.
Vinha tombando a noite. Escuridão sem fim:
Negra como o terror, triste como Caim.
A abobada celeste ameaçadora e bruta
Tinha o ar concentrado, o ar de quem escuta.
A treva, espião de Deos, immensa, indefinida,
Vinha apagar a luz para espreitar a vida.

Sentia-se um olhar n'aquellas sombras mudas:
O olhar da consciencia interrogando Judas.
Silencio sepulchral! mudez profunda e calma!
Fechavam-se tremendo as petalas da alma.
Corria pelo espaço um negro magnetismo...
E os vagalhões do mar no monstruoso abysmo
Contavam entre si, frementes, soluçantes,
As mortes dos heroes e as luctas dos gigantes.
E eu triste contemplava os pelagos medonhos,
O surdo revolver dos monstros e dos sonhos.
Ó murmuroso oceano, ó vivo cemiterio,
És a noite do assombro, a noite do mysterio.
Ao crebro latejar das tuas pulsações
Abrasam-se de fogo as bocas dos vulcões,
A vaga redemoinha, e surge um continente
Quando arrancas do peito algum soluço ingente.
Que forças collossaes, magneticas, estranhas!
Quem gera dentro em ti as ilhas e as montanhas?
Teu ventre maternal a trasbordar d'amor
Quem é que o fecundou, teu ventre abrasador?
Que povo mysterioso, indomito, infinito
Transforma a tua agua em rochas de granito?
Onde reside, ó mar, teu vasto coração?
Quaes são as tuas leis? quem deu a inspiração

Ás correntes febris, ao turbilhão profundo
Que vae de polo a polo e vae de mundo a mundo?
Tens uma alma, tens, negro leão convulso!
Que eu bem sinto bater o sangue do teu pulso,
Bem sinto murmurar no abysmo subterraneo
As vozes do teu peito e as luctas do teu craneo.

Scismava eu assim; meus doidos pensamentos,
Mais negros do que o mar, mais livres do que os ventos,
Lançavam-se febris como animaes selvagens
Nos sonhos, no terror, nas pallidas voragens
Do circulo fatal chamado a morte e a vida,
Floresta sem entrada e mundo sem sahida.

Lancei o meu olhar pelo horisonte escuro
E vi tremeluzir clarões phosphorescentes;
Talvez um animal, já podre, no monturo:

Era a cidade immensa, a meretriz das gentes.

E então julguei ouvir os gritos das gehenas,
O rabido estertor das velhas saturnaes,
E vêr as cortezãs, famintas como hyenas,
Torcerem-se febris nos leitos sensuaes.

Vi lampejar na treva a flamula das lanças,
Rugir como chacaes irmãos contra os irmãos,
E eu vi a soluçar as pallidas creanças
Crusando sobre o peito as pequeninas mãos.

Nos robles da floresta atlethicos, hirsutos
Vi corpos semi-nus e tabidas caveiras
Suspensas sobre o ar, como vermelhos fructos
Postos para banquete ás aguias carniceiras.

Eu vi as tres irmãs—a fome, a peste e a guerra—
Batendo em noite escura ás portas d'um bordel.
Senti sob os meus pés estremecer a terra
E bramir na amplidão a voz de Izequiel.

E n'isto o céo tornou-se aberto e transparente;
E a lua, a lua triste, envolta n'um sudario,
Apparece a tremer silenciosamente,
Branca como Jesus na noite do Calvario.

E o mar, o vasto mar profundo e soluçante,
Vendo surgir da lua o pallido fulgor,
Arqueia enormemente o dorso triumphante,
Como um leão raivoso em convulsões d'amor.

Arqueia o dorso enorme, eleva-se ás montanhas,
Tomba sobre si mesmo em rude cataclysmo,
Arranca mil trovões das rabidas entranhas,
Levanta-se outra vez, cahe outra vez no abysmo.

E eu disse dentro em mim:—Que portentosas maguas
Te fazem levantar a tunica das aguas,
Cyclopico gigante? A branca luz do luar
Que influencia terá sobre o teu peito, ó mar,
Que andas como o rei Lear, pallido, desgrenhado,
Nas tristes solidões do abysmo illimitado
Rugindo, soluçando um choro doudo, enorme,
Em quanto o teu amor silencioso dorme
No firmamento azul! Que athletica paixão
Te arde no craneo, diz. Teu rude coração
Porque brame d'amor, se despedaça, estoura,
Quando um raio de luz acaricia e doura
A tua juba, ó monstro? Ah! ideal, ideal!
És a concentração da força universal
Que irradia o trabalho, a ideia, o movimento.
Ó abysmo do mar, o mar do pensamento
Tambem tem como tu a mesma tempestade:
As tres luas do Bem do Bello e da Verdade

Tambem fazem rugir seus vagalhões profundos,
Levantam-n'os ao céo esses tres grandes mundos
Para os deixar cahir como tu cahes, oceano!
E apesar d'isso tudo o pensamento humano
Nem nunca descançou, nem hade descançar;
Ha uma voz que lhe diz:—Luctar! luctar! luctar!
Por mais que alguem te brade:—Aquatico gigante,
Tu não pódes beijar a face á tua amante;
Não revolvas no leito os teus heroicos flancos,
Não estoires na praia os teus soluços brancos,
Não queiras attingir a luminosa flor;
Dorme!...» não dormirás, ó velho luctador.
.....
.....

E então eu vi surgir das bandas do levante,
Pallida e virginal como a Beatriz do Dante,
Uma visão radiosa. A luz do seu olhar
Tinha as scintillações magicas do luar,
A olympica frescura, os mimos transcendentes
D'um céo da primavera. As curvas das serpentes,
A graça genial das Venus florentinas,
As fórmas da palmeira, o talhe das ondinas,

Tudo o que é puro e nobre e fugitivo e suave
—Desde o collo d'um cysne ao canto d'uma ave—
Nada d'isto traduz as languidas doçuras,
As linhas immortaes, aveludadas, puras
Do seu corpo divino. Aproximou-se, e então
Poisou sobre o meu hombro a sua nivea mão,
E com voz musical, traslucida, impuluta
Ella me disse:
«Ó filho, ó meu amante, escuta:
Que pensamentos maus, phantasticos, insanos
Fazem murchar a flôr dos teus vinte e dois annos
Como folhas do outomno extinctas sobre o pó?!
Um rosario de luz! vinte e dois annos só!
Para longe a tristeza e para longe as maguas!
Levanta o teu olhar do turbilhão das aguas
E lança-o pelo espaço harmonioso e vago.
Se a terra é um grande mar, o céo é um grande lago.
A vida para vós, espiritos suaves,
É fresca como o linho e pura como as aves.
É como um beijo ideal feito de coisas mansas:
Scintillações de luz e risos de creanças.
Sois o povo de Deos, o povo dos eleitos;
Trazeis, sem o saber, dentro dos vossos peitos,

Dentro do coração bem arejado e vasto
O amor—o sempre grande, o amor—o sempre casto.
A dôr, a meretriz, a negra irmã da morte
É a grilheta vil chumbada pela sorte
Ao pé da humanidade—esse immortal forçado;
Vós sois filhos do céo, filhos do mundo alado.
A vossa alma, alegre, esplendida, sonora,
Deve ser para a terra uma segunda aurora;
Ser como um véo de noiva, um manto de rainha,
Ser grande como Deos, leve como a andorinha.
Não mergulhes em pranto a flôr da mocidade...»

—Quem não hade chorar, ó musa, quem não hade!
O amor, a abnegação—immaculado altar—
Os peitos dos heroes mais brancos que o luar,
As almas virginaes, almas alegres, claras,
Brilhantes como o sol, fecundas como as searas,
A graça juvenil, a intima frescura,
A robusta velhice harmoniosa e pura,
O genio primitivo, o genio do ideal,
Almas feitas de bronze e feitas de cristal,
A vasta communhão—abençoado orvalho—
Os martyres da fé, os santos do trabalho.

E emfim a natureza — o grande paraiso —
Doce como um perdão, casta como um sorriso,
Tudo tremeu, tombou na immensa ruinaria!
Fugiu do peito humano a aguia da alegria.
Se olho em volta de mim, se paro, se contemplo,
Vejo abrir um bordel dentro de cada templo.
São cheios os quarteis, repletas as igrejas.
Os ebrios histriões e as ebrias colarejas
Cantam nas espiraes do fundo sorvedoiro.
Cada corpo gentil vale um punhado d'oiro.
O amor é uma palavra. A consciencia é morta.
Não existe o dever. Fechou-se a larga porta
Que deita para a luz, que dá para o futuro;
Ha em volta da terra um tenebroso muro.
O sceptro da justiça é o sceptro do crime:
Duro como um cutello e fragil como um vime.
Nos esgotos da vida — as rodas, os hospicios —
Fermenta noite e dia a rubra flôr dos vicios.
O mundo agonisante, assim como um quartel,
Olha para a taberna, abre para o bordel.
São dois os generaes — soldado e jesuita:
É o vicio bifronte, o vicio hermafrodita.
É um mundo que ri e um mundo que assassina:
Os guizos do jogral e as trevas da batina.

E o povo... o povo é rei! É rei, como Jesus,
Para beber o fel, para morrer na cruz. —

— «Socega, poeta; em breve a fresca luz do dia,
Casta como os heroes, loura como a alegria,
Virá engrinaldar de canticos e flores
Os vossos corações, ó tristes sonhadores,
Que andaes por este mundo em busca do Ideal.
A aurora é um anjo bom, antipoda do mal.
Ella é feita de amor, de purpuras brilhantes,
De graças juvenis, de glorias triumphantes
E de rubras canções limpidas, vigorosas.
Ella faz entreabrir os calices das rosas,
Faz voar pelo azul bandos de pombas mansas
E faz desabrochar, verdes como esperanças,
Frescas vegetações das sarças, dos abrolhos.
É um vinho de luz; bebe-se pelos olhos.
Quando ella fôr doirando ao longe os céos escuros
Iremos ambos nós pelos trigaes maduros,
Como costumam ir os jovens namorados,
Entre scintillações e beijos perfumados,
Na harmonia ideal, na doce plenitude
Do amor e do prazer, da força e da saude.

Como havemos de rir, meu Deos, pelos caminhos!
Iremos escutando a musica dos ninhos,
E ao cristallino som das tremulas risadas
Nós faremos fugir das sebes orvalhadas
Os melros joviaes. E ao terminar do dia
Voará da tua alma a duvida sombria,
E sentirás cantar no peito o coração
Alegre e juvenil como um festim pagão.
Não ha dôr que resista á luz da madrugada.
É como irmã mais nova inquieta e perfumada...
Deita-se ao pôr do sol, levanta-se mui cedo,
Entra-nos pelo quarto, assim como em segredo,
Pé ante pé, subtil... dá-nos um beijo, canta,
(E que alegre canção, que matinal garganta!)
Depois desata a rir, puxa-nos pelo braço
Com sanguinea alegria, uma alegria d'aço,
Brinca, salta, sorri, não póde estar em paz,
Atira-nos cantando um ramo de lilaz,
Torna-nos a beijar... até que finalmente
Já não ha resistir!... não tem remedio a gente
Senão deixar do somno os tepidos vapores:
Erguemo-nos do leito e vamos vêr as flores.»

—A aurora para ti, musa de louras tranças,
É labio juvenil que ri como as creanças,
E que passa atravez de alvissimos sendaes
Para esbater na luz as curvas sensuaes,
As curvas de luar, dormentes, unctuosas
Do teu corpo gentil, feito de arminho e rosas.
Mas não sabes, ó Musa, o que é a luz do dia
N'uma manhã de inverno, uma manhã bem fria,
Para o triste aldeão exhausto e somnolento
Que escuta lá por fóra o sibilar do vento
Nos ermos pinheiraes. Espera, Musa, espera!
Eu quero-te contar com singeleza austera
Os tramites crueis d'esse martyrio obscuro.
Despedaça-se, ao vêl-o, o coração mais duro:

Cobriram-se de neve os largos horisontes.
Rompeu a madrugada. O sol vibra nos montes
Raios de ouro e de luz que saltam pelo espaço,
Como frechas batendo em armaduras d'aço.
A aldeia dorme ainda. Apenas se pressente,
Como que a ruminar silenciosamente,
O boi, o rijo operario, esse animal antigo
Que faz florir a vinha e faz nascer o trigo.

O cão ladra faminto. E a esplendida alvorada
Com sua luz hostil, mais viva que uma espada,
Entra pelo casebre e diz ao aldeão:
«Levanta-te, animal! Tens fome e não tens pão;
É ganhal-o, é andar... Descance quem puder;
Deixa o rico a dormir. Tens filhos, tens mulher,
Vamos! depressa, a pé! Já canta a cotovia...
Para ganhar um pão é necessario um dia.
Tens muito somno, tens?... Os parias, desgraçado,
Quando querem dormir um somno abençoado,
Vão-se deitar ali, debaixo d'uma lousa,
Á sombra d'um cipreste!...»
E o triste que repousa
Sobre uma enxerga vil responde á luz da aurora:
«Ah, deixa-me ficar! apenas uma hora!
Olha a neve a cahir... Como soluça o vento!...»
E ella brada-lhe: «A pé! Nem mais um só momento!
Levanta-te do leito! Em quanto tu descanças
Jazem ali no chão tres pallidas creanças,
Tres filhos, vê lá bem, tres filhos sobre os quaes
Anda a morte a pairar com risos infernaes.
Quando faltar o pão e não houver já lume,
Hasde ouvil-os gemer como avesinha implume

Que a mãe abandonou em solitario ninho.
Não te levantes, não; é doce como arminho
O somno da manhã... E á noite, a horas mortas,
Uma mulher senil, que anda a bater ás portas
Dos tristes como tu onde a miseria habita,
Hade cá vir talvez; e essa mulher maldicta,
Ao vêr os filhos teus sem pai e sem abrigo,
Deixando-te a dormir, leval-os-ha comsigo.
E é melhor, é melhor! Pois de que serve andar
Um pai continuamente ahi a trabalhar
Criando um filho, um beijo, um fructo da alvorada,
Para curvar-lhe o dorso ao jugo d'uma enxada
Que pesa mais do que elle, o triste pequenino!
Se hãode ter afinal um misero destino,
Andando, como tu, ao frio, ao vento, á neve...
Não te levantes, não!... Antes a morte os leve.»

E o rude proletario,
Lançando o olhar maldicto á cruz do seu calvario,
Triste como Caim, mudo como um assombro,
Levanta-se d'um salto e põe a enchada ao hombro.
Não olha para traz para não vêr os filhos.
Parte, caminha, vae nos pedregosos trilhos

Curvado para o chão, como alguem que procura
Na grande paz da terra a paz da sepultura.
A arvore sacode a nevoa dos cabellos;
Volatilisa a luz os mornos pesadellos.
Treme da cotovia o cantico suave:
Rosa que se fez luz, beijo que se fez ave.
A selva rumoreja. Anima-se a paisagem.
E o misero aldeão, asperrimo, selvagem,
Minado pela dôr, varado pelo frio,
Desapparece ao longe — ermo, feroz, sombrio,
Na tragica mudez das nuvens pardacentas
Que levam no seu ventre os raios e as tormentas. —

— « Se ha estrellas no céo e rosas pelo monte,
Se sabes lêr Petrarcha e lêr Anacreonte,
Se a tua amante é bella e se o teu sangue é novo,
Deixa espingardear o coração do povo,
Deixa morrer Catão, deixa insultar a luz,
Deixa queimar Voltaire, deixa matar Jesus...
Não cessam de cantar por isso as cotovias.
Que o Pontifice lamba os pés das monarchias,
Que Tartufo conspire e D. João sedusa,
Que a treva inunde a eschola e a honra empenhe a blusa,

Que flammejem do mal as rubidas crateras,
Que a tirania lance a liberdade ás feras,
Que haja odios, traições, roubos, assassinatos,
Que exerçam a justiça os filhos de Pilatos,
Que rezem cantochão as linguas das espadas,
Que o Direito e Bodin caiam nas barricadas,
Que o povo tenha frio e se revolte e chore,
Que o trabalho produza, o capital devore,
E o milhão seja em fim o rei universal—
Que nos importa a nós? que importa o bem e o mal,
As velhas dissensões, a lucta, o dogma, a critica?
Os rouxinoes não têm opinião politica.
As flores não vão lêr as obras de Proudhon;
Desejam simplesmente—agua, terreno bom
E muitissima luz. As fontes cristallinas
Não cessam de correr com medo ás guilhotinas.
Os astros immortaes, os astros scintillantes
Hãode sempre girar como giravam d'antes;
Brilham da mesma fórma em Londres e em Paris;
Não têm religião, nem codigos civis.

«Encerra n'uma aldeia o teu destino, poeta.
N'aldeia a felicidade é virginal, completa.

Onde a alma conserva a eterna mocidade,
A fina flor de luz da sensibilidade,
Onde a boca não mente e o coração não chora,
Onde a agua é mais pura e mais vermelha a aurora;
Aonde a gente encontra aquillo que eu mais amo,
—Ninhos em cada peito e aves em cada ramo,
Ahi, poeta, ahi é que é viver tranquillo!
Hasde encontrar n'aldeia um perfumado asilo.
Canta a boa innocencia, as rosas, as searas,
Os mansos animaes, as vivas noites claras,
A abundancia, a alegria, o vinho, a formosura,
E os beijos sensuaes e a humida candura
Do transparente olhar da tua linda amante!
O poeta é como o aroma: o aroma inebriante
Enche o mar, enche a terra, enche o céo, enche tudo,
E cabe, santo Deos! no leito de velludo,
Nos rubros corações das pequeninas flores!»

—Não costumam dormir nas rosas os condores.

A aldeia, ó Musa, a aldeia é o trabalho, a guerra:
D'um lado o camponez, e do outro lado a terra.

O homem tem o braço, o braço tem a enxada;
Lucta sombria, heroica! Antes da madrugada
Já elle anda por lá, nos campos, nas montanhas,
Rompendo á natureza as rigidas entranhas
Para furtar-lhe um pão. Forte como o dever,
Trabalha sem dormir, trabalha sem comer,
Trabalha noite e dia. A seara no entretanto
Desmaia á falta d'agua; o sol bebe-lhe o pranto
Dos orvalhos da noite; o aldeão faminto
Fura, cava, revolve o immenso labyrinto
Das arterias do monte; escuta-se um rumor...
A agua sahe da rocha, o fructo sahe da flor.
A lucta não acaba. Ao ferro do maldicto
Oppõe a natureza o ventre de granito;
Lança-lhe pelo campo hervas ruins, damninhas,
Que vão como um rebanho a devorar as vinhas.
E o paria, o gladiador combate braço a braço:
É um gigante nu contra um gigante d'aço.

O sol dardeja a prumo. O azul é resplendente;
E a terra muda e triste uma fornalha ardente.
Scintillam pelo monte os nervosos reptis.
Dorme a ave em seu ninho, a fera em seus covis.

As folhas do arvoredo, o secco matagal
Têm uns lampejos crus, uns brilhos de metal.
O povo d'um só dia, o povo dos insectos,
Abrasados, febris, colericos, inquietos,
Sacodem pelo ar as deslumbrantes azas.
Corpos feitos de sol! almas feitas de brasas!
O mendigo procura a fresquidão das fontes.
E os tristes aldeões nos escalvados montes
Silenciosos, suando, exhaustos, semi-nus,
Comidos pelo pó, mordidos pela luz,
Sobre o seio da terra, a mãe ingrata e dura,
Coveiros, vão abrindo a propria sepultura.
O paria não descança; esfarrapado exangue,
Trabalha, sua e cava; e em volta do seu sangue
O espirito da febre o espirito mordente
Nas vibrações do sol volteia alegremente...
E á tarde quando chega exhausto de cansaço,
Depois de ter vendido a força do seu braço,
Silencioso animal curvado pelo açoite,
Não tem uma só luz para accender á noite,
E a mulher no hospital e os filhos sobre o chão!
Seis almas sem amor e seis bocas sem pão!

As creanças, Senhor! Deixa que eu falle agora
D'esses filhos da luz, d'essas nações da aurora.
Á tarde, ao pôr do sol, eu fico muitas vezes
Só para vêr sahir as pequeninas rezes
Do matadouro eschola. Olhae, vêde-os passar:
São almas sem amor, são noites sem luar.
Quebrados de cansaço, esfarrapados, nus,
Não têm dentro de si a fina flor de luz,
A sincera frescura, a candida alegria,
—Aroma no lilaz e voz na cotovia.
Para elles a infancia é sempre um sacrificio;
O berço não existe; educados no vicio,
Aos dez annos são maus, estupidos e graves:
Roubam o ninho ás mães, fazem a guerra ás aves.
Tenebrosa missão! castigo obscuro e rude!
Espiritos sem luz e corpos sem saude!
Ah! quanto custa, ó Deos, vêr as creanças pallidas!
Pobres botões em flôr! pobres gentis crisalidas!
Um mimo feito só de leite e de alvorada
Mandam-n'o ir á eschola e põe-lhe ao hombro a enxada!
A eschola! oh, negro horror, abraseado abysmo!
O mestre—tirannia, o dogma—cathecismo!
É o açougue da alma, a forja da ignorancia,
O antro da estupidez, a inquisição da infancia.
. . . . . .

Ao oriente, ao sul, por toda a parte emfim
Eu vejo reluzir os olhos de Caim
Na escuridão da noite. O soluçar dos ventos
É feito de estertôr e feito de lamentos.
Tingiram-se de sangue as rosas virginaes.
Os vagalhões do mar são lagrimas, são ais
Que vêm morrer na praia. A lua ensanguentada
É como uma cabeça enorme e decepada
Rolando pelo azul.....
.....
Em fim não ha um antro, um sitio, uma cabana
Onde não chegue a voz da consciencia humana
Implorando, rogando em nome de Jesus
Que a não deixem pregar segunda vez na cruz!—

E a branca Apparição, ligeira como o vento,
Perdeu-se pelo azul do claro firmamento,
Deixando atraz de si na luminosa esteira
O aroma virginal da flôr da amendoeira.

E n'esse mesmo instante, em pé sobre a montanha,
Eu vi alevantar-se uma mulher estranha,
Com gestos varonis, simplicidade estoica.
Pairava-lhe no labio um riso deslumbrante;
Trazia o peito nu; dourava-lhe o semblante
A luz crepuscular d'uma tristeza heroica.

Nas formas colossaes, olympicas, altivas,
Fazia-nos lembrar as raças primitivas,
As filhas dos titans creadas nas cavernas,
E que ao morrer o sol nas bandas do poente
Com as urnas de bronze iam tranquillamente
Enchel-as d'agua fresca á boca das cisternas.

Havia no seu ar aquella valentia
Feita de heroicidade e feita de harmonia,
Aquella bôa paz dos grandes corações
Robustos, varonis, intrepidos, suaves,
Que são ao mesmo tempo alegres como as aves,
Fortes como os leões.

E disse-me: — «Poeta!

«Dos pincaros da serra aonde a aguia dorme
Não tens visto cahir a catadupa enorme
D'um grande vendaval?
O enxurro vae descendo,
E em turbilhão febril, colerico, tremendo
Rasga os seios do monte, os seios da materia.
Entumesce a ferver na monstruosa arteria.
Despedaça-se tudo; arrasta na passagem
Os troncos da floresta, o bufalo selvagem,
A choça do pastor. Entra nos sorvedoiros
Com o bronco mugir de estrangulados toiros.
Alarga-se, transborda, e vae, já feito oceano,
Com um surdo gemer reconcentrado, insano,
Dormir sobre a campina um somno immenso e vago.
A agua fez-se mar, o mar tornou-se em lago,
E a luz inunda o céo com alegria estranha.

«A Ideia é uma torrente e a Historia é uma montanha.

«É torrente de luz, torrente de verdades,
Que arraza quando passa imperios e cidades,

Thronos, religiões, crenças e monumentos.
Desce co'a rapidez electrica dos ventos.
O phantasma da noite em vão lhe grita: Pára!
Em vão lhe arroja o sceptro, a purpura, a theara,
Para encravar-lhe a roda. A Ideia que conduz
Nas entranhas de bronze o espirito da luz,
Esmagando os reptis, sorrindo aos exorcismos,
Transpõe como um leão as curvas dos abysmos,
Imprimindo na treva um sulco flammejante.
Quando encontra um chacal, esmaga-o, passa adiante.
Porque para suster a marcha á liberdade
Não existe poder, nem carcere, nem grade,
Nem velhas tradições, nem velhos pretoria-

«É uma ideia que cahe do alto de seis mil

«Eu chamo-me Justiça, a grande musa aus
Que habita junto a Deos na eterna primav
Dos astros e dos soes. -
Eu sou a virgem-mãe, a virgem triumphan
E Hercules e Christo e Prometheu e Dante
Beberam no meu peito o sangue dos hero

«Se a luz do meu olhar dardeja pelo espaço,
Envolvem-se a tremer nas armaduras d'aço
Os despotas antigos:
E eu só, com braços nus, soltas ao vento as tranças,
Vou calcando e cortando os matagaes das lanças,
Como a ceifeira os trigos.

«E heide despedaçar as ferreas gargalheiras
E todas as prisões e todas as barreiras
Forjadas pelo mal,
Até que toda a alma e todo o peito humano
Seja um ninho de luz e seja um vaticano
D'amor universal.

«Na hora da agonia o pallido Jesus
Sentiu um choro amargo, um soluçar desfeito;
E, ao vêr-me ajoelhada aos pés da sua cruz,
Sorrindo desprendeu no bronze do meu peito
Tres astros immortaes, tres lagrimas de luz.

«Ó almas virginaes, ó grandes corações,
Ouvi a minha voz que brame nos espaços,
Mais forte do que o mar, mais rude que os trovões!

Eu vi morrer Catão cingido nos meus braços,
E entrei com Daniel nas furnas dos leões.

«Erguei-vos, menestreis, das purpuras do leito!
Deixae por um instante as aves nos seus ninhos,
E vinde defender o culto do direito
Que morre assassinado á beira dos caminhos.

«Vós sois o novo sol da nova Promissão.
Tomae a arca santa em vossos ferreos hombros;
Levae-a pelo mundo; enchei a escuridão
De raios e de assombros.

«Nem sei dizer qual é mais sacrosanto exemplo,
Se o Christo quando chama a si os pequeninos,
Se, quando incendiado em impetos divinos,
Expulsa e azorraga os vendilhões do templo.

«Contemplae sem pavor os tremedaes profundos,
Que abaixo d'este mar e d'este globo immenso
Arqueia-se tambem o pelago suspenso
Dos astros e dos mundos.

«Homens que soletraes a biblia da verdade
Ha seis mil annos já nos vossos corações,
Em extremos d'amor, de paz, de liberdade,
Podeis inda aprender com tigres e leões.

«Não sirva a natureza, a luz das alvoradas
E as rosas das campinas
Só para descantar ás faces purpurinas
Das vossas bem amadas.

«Estudae, contemplae os intimos segredos
Dos astros immortaes, das crystallinas fontes;
E ouvi a grande voz dos tristes arvoredos
Prégando ás solidões do pulpito dos montes.

«Nas arvores, no mar, na rocha, em tudo habita
Uma essencia d'amor, um Deos que sonha e dorme...
E é nos antros da terra onde esse amor palpita,
Como um fóco de luz n'uma cabeça enorme.

«Irrompa do futuro a esplendida manhã!
Retumbem pelo espaço as musicas sonoras!
Ávante! azorragae a fronte de Satan
Com lategos de auroras!

«Ha muito que fazer, muito que destruir.
Trabalhae, trabalhae nas forjas do porvir
Mineiros do futuro, artistas da verdade!
Ha seis mil annos já que o sol da liberdade
Vae descrevendo a curva, a ecliptica gigante,
Cujas constellações são Prometheu e Dante
E Christo, Galileu, Washington, Pascal
E Newton e Voltaire — zodiaco immortal
Da consciencia humana. Hoje são necessarios
Ainda outros heroes e ainda outros calvarios,
Para que o grande sol do amor e do direito
Como um raio descreva um circulo perfeito
Á volta do universo. Apostolos, marchae!
Rugi como os trovões nas fragas do Sinai.
Sede fortes, viris, energicos, serenos.
Soberbos para os reis, mansos para os pequenos.
Sede lagos d'amor. Fazei dos corações
Fortalezas de paz com antros de leões.
Tende a ferrea altivez dos solitarios montes.
Não dobreis a cerviz. As vossas regias frontes
São feitas para vêr o palpitar dos soes.
É de bronze inteiriço a espinha dos heroes.
Combatei, destrui. Lançae n'aza dos ventos
Gritos, revoluções, ideias, pensamentos,

Como um bando immortal de grandes aguias brancas.
Vós sois no fim de tudo as rijas alavancas
Que hãode erguer este globo ao nivel do Ideal.

« O amor e o odio, a luz e a treva, o bem e o mal,
Eis a dupla questão.
O pensamento humano
Mergulhou como um Deos nas grutas do oceano
Embebeu-se no azul, andou pelo infinito,
Interrogou a historia, os ventos, o granito,
Todas as creações, todas as creaturas,
Vermes, religiões, abysmos, sepulturas,
E disse-nos:—Jesus, Socrates, Platão
Fallaram a verdade. Existe uma razão,
Uma ideia, uma lei mysteriosa, etherea,
Que rege o movimento e as formas da materia
Desde a boca do tigre ao coração das flores,
Desde a aza da pomba á aza dos condores,
Desde o abysmo do céo aos pelagos profundos.
Os globulos do sangue e os globulos dos mundos,
As correntes do mar e as luctas das paixões,
O verme e a tempestade, os homens e os vulcões,
Tudo, tudo obedece á mesma lei suprema.

«Definir essa lei eis o immortal problema.

«Trabalha para isso a natureza inteira:
A consciencia, o ferro, a bussula, a caldeira,
O magnetismo, a luz, as prensas, o martello,
A voz da intuição e a lingua do escalpello,
A critica e a fé, os dogmas e os metaes.
E é d'este turbilhão de sciencias collossaes,
Dos livros, do vapor, das forjas, dos museus,
D'esta approximação immensa para Deos
Que hão-de surgir em breve, athleticas, radiantes,
Musas para inspirar theorbas de gigantes.

«No entanto ainda existe o inferno social.

«Ha debaixo de vós um mundo original,
Assombroso paiz de negros labyrintos.
É a fermentação de todos os instinctos,
Dos odios, das paixões, das lepras, da vingança;
Alli começa a morte e alli termina a esp'rança.
Sentem-se germinar nas trevas os peccados.
As almas são covis de monstros ignorados
Que rugem no silencio... Os crimes tentadores
Rompem da escuridão como sinistras flores.

Alli governa só o Deos-Fatalidade:
A escrophula e o roubo, a siphlis e a prisão.
Os craneos não têm luz e os ventres não têm pão.
Forçados, histriões, vadios, concubinas,
É a gente infeliz que habita essas latrinas
Onde a fome produz mil coisas assombrosas:
Chagas phenomenaes, sangrentas como as rosas,
Abortos, aleijões, vermes, hypocondrias...
E tudo isto germina em espiraes sombrias,
N'uma aglomeração horrivel, bestial.
De quando em quando treme a sociedade. O Mal
Ruge como um leão nas tenebrosas furnas;
E trinta gerações de maguas taciturnas,
De maguas collossaes, grandes como montanhas,
Retorcem-se na treva e lançam das entranhas
Um soluço que faz desabrochar crateras!

« Cahe então sobre o mundo uma explosão de feras.

« São tigres e leões, abutres e chacaes.
Aparecem á luz angulos faciaes
D'uma bestialidade espessa que horrorisa.
A canalha arregaça as mangas da camisa,

Empunha o bacamarte, e quebram-se as algemas.
Fazem detonação as coleras supremas.
Tremem da sociedade os velhos fundamentos.
Cadeias, arsenaes, palacios, monumentos,
Tudo se despedaça. Andam as colarejas
Famintas a roubar. Saqueam-se as igrejas.
Arma-se a guilhotina em cima dos altares.
Riem na escuridão monstros patibulares.
E o odio, o incendio, a peste, a fome, os exterminios
Implacaveis, brutaes, colericos, sanguineos,
Em negro turbilhão rompem dos seus covis.

«Foi assim que a miseria incendiou Paris.

«E então a sociedade alevanta-se e brada,
Forte como um juiz, fria como uma espada:
—Meus bravos generaes catholicos romanos,
Meus burguezes fieis, meus velhos pretorianos,
Vamos! espingardeae, varrei-me esta canalha!
Querem mais luz? prisão. Querem mais pão? metralha.
E fallam em Direito e fallam em Justiça!
Gente que nunca foi uma só vez á missa,
Gente que mata e rouba os padres e os banqueiros!
Cafila de ladrões! raça de petroleiros!

Problema social! gritam por toda a parte;
É a negra inscripção que trazem no estandarte.
Soldados, resolvei-me esse problema escuro!
Prendei-lhe bem as mãos, colae-o contra um muro,
E dae-lhe uma descarga. Os cinicos farçantes!
Obrigam a fechar cafés e restaurantes,
Atiram-nos á cara os nomes mais imundos,
Encarecem o pão, fazem baixar os fundos
E não deixam dormir no leito a burguezia!
Soldados, fazei bem a vossa pontaria.
Nada de compaixão, intrepidos vassallos!
É mergulhar em sangue as patas dos cavallos!
Não escape ninguem: nem velhos, nem creanças.
Dae de comer a Deos! Dae de beber ás lanças!
E depois de estar morta a *grande Ideia nova*,
Mettei-a n'um lençol, deitae-a para a cova,
E, como eu não possuo entranhas de Caim,
Vá lá, por compaixão rezem-lhe algum latim
Em cima do sepulchro. E lancem a final
Por sobre tudo isso uma porção de cal.
Não é que eu tenha medo a sombras e a fantasmas;
Nãe é; são precauções por causa dos miasmas.—

«E apenas dicto isto, a sociedade então
Vae a qualquer igreja, ouve qualquer sermão,
Rega com agua benta o sangue das calçadas,
Entra pelos cafés a rir ás gargalhadas,
Expõe, para vender, as filhas nas janellas,
Acende os lampiões, redobra as sentinellas,
Come a honra, o trabalho, a graça, a formosura,
Prostitue a mulher, explora a desventura,
Depois pela manhã, ao terminar da festa,
Aquillo que não serve e aquillo que não presta
Deixa-se para os cães ou manda-se atirar
Á prisão, ao bordel, ao crime, ao lupanar.
De resto, os hospitaes fazem o seu officio:
Comer as podridões e despejar o vicio.
Ruminam dia e noite; engolem; não têm dentes;
São como as digestões pesadas das serpentes.

«E a causa d'isto tudo é o velho Padre Eterno
E o velho D. João:
Um fez o lupanar, o outro fez o inferno;
Um fez a tirannia, o outro a devassidão.

«O infame D. João é o torpe aventureiro
Que dirige do amor as sordidas roletas,
Fazendo tilintar a bolsa do dinheiro
Quando passam na rua, á noite, as Julietas.

«É o rico burguez, pançudo, escalavrado,
E que, apesar de ter os dentes já corruptos,
Sibarita cruel fareja no mercado
Da branca virgindade os mais soberbos fructos.

«É o bardo scismador, lymphatico, plangente,
Doce como o luar, negro como um abismo,
O poeta que traz no coração doente
A velha flôr azul do sentimentalismo.

«São os grandes *leões* devassos, petulantes,
Manfredos imbecis, eroticos Mussets,
Que expõem de madrugada as cartas das amantes
Aos risos triviaes nas mezas dos cafés.

«É o satyro Tartufo, o D. João viscoso,
O lobo sensual que habita a sacristia,
E cujo olhar faminto e cujo olhar guloso
É feito de luxuria e treva e cobardia.

«Tem todas as feições, ainda as mais vulgares;
Usa indistinctamente os fraks e as batinas;
Anda por todo o mundo, em todos os lugares,
Desde o melhor palacio ás ultimas sentinas.

«Penetra brandamente as vossas consciencias,
Aguilhoa, domina os vossos corações;
É o verme do amor: subtil como as essencias
E forte como a garra adunca dos leões.

«É o monstro que faz perder a côr ás rosas,
Que sonham ao luar nevralgicos amores;
E é elle que produz chagas escrophulosas
No mimoso setim das delicadas flôres.

«Como a ferrugem morde as prateadas lanças,
Assim elle conspurca os nobres caracteres.
E á tarde, ao pôr do sol, muitissimas creanças
Desfolham só por elle os brancos malmequeres.

«E o destino cruel d'essas visões inermes
Resume-se a final, pobres visões celestes!
Em irem engordar os libertinos vermes
E fazerem crescer a rama dos ciprestes.

«Á noite, dos bordeis veem-se, solitarios,
Uns esquifes sahindo em longa procissão,
Entre o rouco latim d'uns homens mercenarios
E as risadas crueis do torpe D. João.

«São os anjos do lodo, as deosas das viellas,
Que vão a descançar o derradeiro somno,
Levadas para a campa, assim como as cadellas
Que não conhecem pai, e nem sequer têm dono.

«É elle que produz as brancas anemias,
Os desejos brutaes, colericos, ferozes,
E as allucinações amargas, doentias,
As allucinações vermelhas das nevroses.

«Cospe o seu riso hediondo em todas as virtudes,
Embriaga d'amor os seios virginaes,
E é elle o constructor dos grandes athaudes,
Chamados hospitaes.

«Transforma essas visões das languidas volatas
Em velhas barregãs que causam nojo e dó;
Arruina os pulmões ás magras Traviatas,
E é o unico auctor dos livros de Bellot.

«É preciso gravar inexoravelmente,
Gravar com ferro em brasa a nossa indignação
Na fronte bestial do cynico impudente,
Do canalha gentil, do torpe D. João.

«O outro é o Jehovah das Santas Escripturas,
O despota sagrado,
O Jupiter cruel, o Cesar das alturas,
O dogma feito carne e o Deos feito soldado.

«Foi um Deos sempre velho, um Deos sem mocidade;
Surgiu da natureza armado para a lucta;
Quando nasceu já tinha aquella mesma idade
E o mesmo olhar feroz e a mesma barba hirsuta.

«Odeia a liberdade e odeia os raciocinios;
E, para convencer as impias multidões,
Tem o incendio, a peste, a fome, os exterminios,
Os impetos do mar e os roncos dos trovões.

Inda hoje fabrica os codigos das leis
E sustenta do escravo as duras gargalheiras,
Off'recendo as nações para banquete aos reis,
Como um corpo sem vida ás aguias carniceiras.

«Despotico, cruel, sanguineo, intransigente,
Arrojou sobre nós a eterna maldição,
Transmittiu-nos á alma o virus da serpente,
Produziu Torquemada e fez a inquisição.

«Espalhou pelo mundo os lividos terrores;
Inventou Satanaz; do amor fez um peccado...
Maldictos sejaes vós, ó biblicos doutores,
Maldicto sejas tu, ó velho Deos castrado.

«Agrilhoou Prometheu ás rochas da montanha;
Mandou queimar Voltaire, crucificou Jesus,
E anda n'este momento a batalhar na Hespanha
Tendo por companheiro o cura *Santa Cruz.*

«É preciso lançar por terra esse espantalho
Que ha seis mil annos quasi assombra a humanidade.
E não deixa comer os fructos do trabalho,
Os fructos do direito e os fructos da verdade.

«Sublevae, revoltae as almas indignadas;
Atirae contra elle as rubras ironias,
E ponde-as a aquecer como um montão de espadas
No brazeiro fatal das coleras sombrias.

«Proclamae a Justiça, eleminae o inferno.
Escusaes de ter medo ao velho Mastai.
Ide ao azul, ao céo; matae o Padre Eterno:
Basta levar comvosco um simples bistouri.

«Depois ide dizer ao pallido Jesus
Que não nos basta a fé catholica romana,
E que o mundo precisa um vendaval de luz
E que precisa um Deus a consciencia humana.

«Que venha fulminar o abutre—tyrannia,
O abutre colossal, feroz, ensanguentado,
Que ha seis mil annos já devora noite e dia
O Prometheu antigo, o heroico sublevado.

«Prometheu e Jesus, a liberdade e a crença,
Unidos n'um abraço estreito e fraternal,
Farão da natureza uma harmonia immensa,
Farão do velho Deos um Deos universal.

«Mais um instante só. Eu vou deixar-te, poeta.
Caminha para o bem, direito como a seta
Lançada contra um alvo. A força da attracção
É uma lei moral; domina o coração
Assim como domina as rochas de granito:
Existe um iman — Deos — occulto no infinito.
Obedece-lhe sempre invariavelmente.
Torna-te um pensador; e, mais ainda, um crente.
Tem dous polos a alma — a crença e a razão.
A crença é o luar da nossa intuição.
Onde a razão acaba a crença principia.
Sustenta-te de pão; nutre-te de alegria.
Ser alegre é ser forte; a força é uma alavanca.
Só é forte quem tem a consciencia branca.
Satura-te de luz. Vive na natureza;
Ella é feita de graça e feita de pureza.
Tem um sorriso bom, heroico, deslumbrante.
Lança-se-lhe um carvão e faz um diamante.
Irradia um diluvio immenso de explendor.
Atiramos-lhe um ventre e dá-nos uma flôr.
Sê robusto, viril, simples e verdadeiro.
Entre um dever qualquer e um saco de dinheiro
Opta pelo dever. Ainda mais, escuta:
D'um lado a infamia e do outro o copo da cicuta,

Péga no copo e bebe. Um coração sereno
Nunca tem medo á morte; existe um só veneno
Para matar a alma: é o vicio, apenas isto.
Habitua-te a lêr a tentação de Christo.
Quando uma lousa cáe sobre um cadaver mudo,
Dizem: «tudo acabou...» E principia tudo.
De nada vale o bronze e a lapide marmorea;
Alguem a vae partir; o *alguem* chama-se a Historia.

«Sabes o que é a Historia? uma mulher sombria,
Giganta colosal que anda de noite e dia
A cavar sobre o chão dos vastos cemiterios,
Tirando do sepulchro a ossada dos imperios,
Erguendo pantheons e derrocando altares.
Rasgam-se terra e céo, abrem-se os grandes mares.
E então não ha fugir. A Historia vae achar
A alma d'um infame ao céo, á terra, ao mar,
Onde quer que ella durma, onde quer que ella esteja;
Não reconhece reis, nem reconhece igreja.
Reconhece a justiça, o grande dogma austero.
Glorifica Jesus e cospe sobre Nero.
Ella desce a espiral do turbilhão maldicto;
Vae buscar os Caims ás torres de granito,

Aos antros infernaes, cheios de pesadellos;
Arrasta-os para a luz, prende-os pelos cabellos,
E espalma-lhes no rosto a grande mão pesada,
Para vêr se inda chega a côr da madrugada
Áquellas faces vis. Implacavel, fatal,
Conhece todo o bem e sabe todo o mal.
Atira com a luz ás solidões escuras;
Abre o craneo aos heroes e o ventre ás sepulturas.
É justiça final, justiça rectilinea:
Ou enche de alvorada uo cobre de ignominia.
No sitio d'um tropheo põe ella uma sentina.
E onde um braço tyranno, um braço guilhotina
Tinha erguido uma cruz como castigo e exemplo,
Ella, tirando a cruz, põe-lhe por cima um templo.
Despedaça os grilhões e despedaça os jugos.
Atira para a forca o collo dos verdugos.
A victima é juiz; pena de talião:
O negro inquisidor, mette-o na inquisição.
Faz fallar do sepulchro as grandes bocas mudas.
Na cruz de Jesus Christo está pregado Judas.
O carcereiro infame, o hypocrita Luiz onze
Ruge como um chacal n'uma prisão de bronze.
Quem venceu é vencido, e quem matou é morto.
O Borgia, o assassino, o monstruoso aborto,

Surge da sua tumba imperial, augusta,
E deita-se outra vez na tumba de Lucusta.
Cesar levanta a fronte em meio do senado;
E arrancando os punhaes do flanco ensanguentado,
Atira para longe a arma parricida;
Mas quando de repente ia voltar á vida
A Historia levantou-se e disse a Expiação:
—Vae matal-o.—E entregou-lhe a espada de Catão.»

O sol fez explosão nas bandas do oriente.
A Musa evaporou-se. O mar tranquillamente
Cantava um hymno bom d'uma alegria enorme.
No azul religioso, esbranquiçada, informe,
Andava como um sonho errante a lua cheia...
.....
.....
Comecei a escrever então esta epopeia.

FIM DA INTRODUCÇÃO.

PRIMEIRA PARTE

I

Babylonia

I

BABYLONIA

Repousa a gran cidade envolta em manto escuro.
Messalina febril, exhausto o seio impuro,
Tombou por sobre o leito hedionda, escalavrada.

Deram agora mesmo as tres da madrugada.
A neve cae; a noite é fria; o céo é baço.
Os montes vão vestindo as armaduras de aço.
Silencio sepulchral! mudez que não se exprime!
É o silencio que segue as convulsões d'um crime.
O silencio tem voz; a noite tem olhar.
Ha sonhos pela terra, ha sonhos pelo ar.

A noite do remorso anda espreitando a vida
Pela porta da alma; e a alma espavorida
Vacilla, quer fugir, tem medo, está confusa:
O infinito esmaga; a solidão acusa...
Dormir, não póde ser; a alma n'esse instante
É como um olho aberto, immovel, scintilante,
A quem alguem cortasse a palpebra sombria.
Escuta pelo ar uma risada fria...
Vê genios infernaes, occultos no arvoredo,
Que estão fallando d'ella e rindo-se em segredo...
Vê olhos a fital-a, ardentes como brazas,
E monstros que ao passar vão sacudindo as azas...
Fica febricitante; allucinada, exangue,
Vae a beber na fonte, eil-a mudada em sangue.
Passa por um vergel; exhausta de canseira,
Foi a colher um fructo e sae-lhe uma caveira!
Transida de terror, foge pelas montanhas,
E põe-se a cantar alto umas canções estranhas,
Grotescas, joviaes, doidas, allucinadas,
Como alguem que tem medo ao ir pelas estradas...
Mas tudo, tudo em vão! Não pára, não descança!
É panthera que leva o ferro d'uma lança
Encravado no peito: estorce-se, procura
Um refugio, um atalho, uma caverna escura,

Mas sempre adiante d'ella o caçador feroz,
O espia que Deos traz em cada um de nós,
A consciencia!... Cae; fica a tremer de susto:
O canto d'uma ave, a sombra d'um arbusto,
O murmurio do mar, o soluçar do vento,
Um echo, um som, a noite, a luz, o pensamento,
Tudo lhe causa medo! É como a creancinha
Que despertou na treva e que se viu sosinha.
Mergulham no infinito as espiraes dos sonhos!
Passam-lhe pelo corpo uns fremitos medonhos...
Quer dormir, quer morrer! Atira-se aos abysmos:
Tomba, revoluteia em doidos paroxismos,
Vae descendo, descendo... o immenso não tem fundo...
De quando em quando encontra um grão d'areia—um mundo,
E quanto mais mergulha e se despenha e desce,
Mais augmenta o pavor, mais a distancia cresce!
O nada não existe! Horror, horror sublime!
Não poder descançar o coração do crime!
Diz ella; não poder em toda a eternidade
aniquilar-me um dia! O espirito, a vontade,
Nunca poder dormir... Sempre a memoria álerta!
A memoria! a memoria, essa janella aberta,
por onde a alma vê todo o passado escuro!
Fugir?... mas para onde? a sombra do futuro

É mar que não tem praia, é noite sem guarida!...
Morrer? que serve! a morte é o prologo da vida!

E a livida immortal, a eterna condemnada,
Doida, vesga, feroz, convulsa, allucinada,
Debate-se febril nos turbilhões da insomnia!

É assim que repoisa a grande Babylonia
No leito em que tombou, na sombra em que se abysma...

A noite do remorso é um tenebrôso prisma.

Encontram-se a dormir junto aos humbraes das portas
Mendigos quasi nús, creanças quasi mortas:
O pae ensina ao filho antes de elle ir á eschola
Como é que se abre a mão para pedir esmola.

Rastejam pela treva os vicios mais secretos.
Dormem os hospitaes como dragões repletos.

Em volta da immundicie, asperrimos, sombrios,
Disputam entre si os magros cães vadios,

O pareas sem amor, raça febril, impura,
Que tem no olhar faminto os odios da loucura.

Andam as mães vendendo as filhas Messalinas:
Umas pelos salões, outras pelas esquinas.

A sentinella passa. A nevoa é condensada.
Um gallo que acordou soluça uma risada.

Um ebrio que cahiu ao pé da cathedral
Dorme pesadamente um somno bestial.
Resona ali no chão, podre como um farrapo,
O homem feito ventre, a alma feita sapo.

Operario, officina e machina e fornalha,
Monstruosos titans depois de uma batalha,
Repoisam sobre o leito os rijos corações,
Na formidavel paz dos antros dos leões.

Nos bairros do praser, nos bairros da desgraça
Anda a luxuria vesga a farejar quem passa.
Creanças ideaes, angelicas, serenas,
Cantam alegremente umas canções obscenas.

E as velhas cortezãs, pantheras esfaimadas,
Com risos sensuaes nas bocas desdentadas,
Vagueiam pela sombra a mendigar um pão...
De quando em quando passa um funebre caixão.
Ás vezes d'um bordel, d'uma viella escura
Sáe um gemido, um grito, uma palavra impura,
Um choro de creança, um rouquejar profundo
De tosse aguardentada...
E a imperatriz do mundo
A lei, a sentinella, anda como um Cerbero,
Lançando o olhar feroz, minucioso, austero
Para que a podridão universal fermente
Sem perturbar a paz: silenciosamente.

No emtanto uma mulher no sitio mais escuro,
Como um negro reptil, desconfiada, incerta
Corre, deslisa, vae, sempre encostada ao muro,
Lançando o olhar obliquo... A rua está deserta.
Para, examina, escuta: as solidões são calmas;
Sente apenas bater o coração medroso...
O mais, silencio... Á roda um cemiterio de almas.
Com gesto convulsivo, um gesto criminoso,

D'entre as dobras do manto arranca uma creança;
Põe-lhe ao seio uma cruz... qual lagrimosa amante
Que offrece ao namorado a ultima lembrança,
Vendo-o partir, talvez para um paiz distante.
E o doce pequenino, o lirio da orphandade
Sorriu ao vêr a mãe... E a mãe ficou scismando
Como quem vê, Senhor, em luminoso bando
Os rouxinoes do outomno, as aves da saudade
Irem alêm cantando,
A fugir, a fugir no azul da immensidade!...

Lembrou-se dos irmãos, dos loiros irmãosinhos,
Junto dos quaes no berço ella escutava outr'ora
As limpidas canções que só as mães e a aurora
Sabem cantar aos ninhos.

Lembrou-se de seu pae, aquella fronte austera,
O bom trabalhador,
O forte coração para quem ella era
Continua primavera,
Roseira sempre em flor.

E o leito virginal cheio de pura essencia,
Cheio de tanta luz como um festivo altar!

O leito sobre o qual o archanjo da innocencia
Á noite desdobrava as azas de luar!...

E os contos de creança, os contos perfumados
Ouvidos em silencio á volta dos eirados,
N'aquellas noites claras
Em que andam pelo ar suspiros e cantigas,
E em quanto o lavrador descansa das fadigas
A lua vae sorrindo ás tremulas searas!

A pobre meretriz, angustiada, afflicta,
Como para fugir aos sonhos tenebrosos,
Ergueu o seu olhar á abobada infinita,
Esse refugio azul dos corações piedosos.
Da lugubre amplidão no immenso descampado
Brilhava um astro só, qual loira creancinha
Que um peito sem amor houvesse abandonado.
Quem sabe se tal luz não era porventura
A alma de sua mãe, da tremula velhinha,
Que, ao vêr lá dos espaços
No abysmo a resvalar aquella filha impura,
Abandonava o céo para estender-lhe os braços!...

Ficou scismando absorta em vago, ethereo canto...
E ao vêr a doce luz do tremulo planeta
Seus olhos ideaes encheram-se de pranto,
Como se enchem de orvalho as folhas da violeta.
Chorou. Oh Providencia, ás vezes quando scismo
No livido estertor da meretriz que chora,
Eu penso que um aljofre é uma grande aurora
Que poderá tapar o mais profundo abysmo!

Nem um rumor sequer pela amplidão tranquilla!
O espirito da mãe n'aquelle agudo instante
Hesitava a tremer, qual pendula que oscilla
Na aresta d'um diamante.

N'isto perpassa um vulto... Ella ficou tremente...
Roçara-lhe do crime a tentadora aza:
Põe no chão a creança e foge doidamente,
Como quem vae pisando uma fornalha em braza.

Vem despontando ao longe a aurora côr de rosa,
Anemica, infantil, vaga, silenciosa.
Tombam por sobre o leito as gastas Messalinas;
Fecha-se o lupanar; abrem-se as officinas.

Os homens do trabalho, os rijos corações,
Enchem alegremente os tumidos pulmões
D'um ar fresco, subtil, vivido, penetrante,
Que é feito de punhaes com bicos de diamante.
A doida Babylonia, immensa, taciturna,
Sente-se espreguiçar como um leão na furna.
Sahem do lupanar os languidos devassos:
Na morna estupidez dos frouxos olhos baços
Mostram a covardia, os tedios sensuaes
D'uma alma que desce as negras espiraes
Do abysmo silencioso onde a luxuria dorme.
Vão indo devagar, como se um peso enorme
Fosse invisivelmente a subjugar seus hombros...
Levam nos corações os lividos assombros,
O baixo desalento, os pantanos escuros,
As verdes podridões dos ignobeis muros,
A febre, a hypocondria, o horror de quem se sente
Abysmar, naufragar irresistivelmente
N'um oceano de lodo!...
E exposta sobre a rua
Agonisa chorando a creancinha nua.

.....

.....

Romperam da alvorada os lucidos clarões.
Passaram por ali as doidas multidões,
O poeta, o burguez, o padre, o jornalista
E não houve ninguem que demorasse a vista
N'essa infeliz creança!
Oh, miseravel gente!
A alma da mulher, sacrario resplendente,
A flor da virgindade, a mysteriosa flor
Que tem dentro de si o grande Deos do amor
É para vós o que? o vaso onde lançaes
Essas paixões febris, immundas, bestiaes.
Depois de ter colhido um sol, um astro, um beijo,
Depois de embriagada a fera do desejo
Que ruge noite e dia em vossos corações,
Para que serve um corpo? atira-se aos leões,
Põe-se no lupanar, dá-se-lhe estrichnina:
Os filhos para a roda, as mães para a sentina.
E em quanto a meretriz nos sitios mais escuros
Anda comprando a ceia, em quanto nos monturos
Andam sem pae nem mãe as creancinhas loiras,
Caligulas boçaes, nas vossas manjedoiras
Dormem tranquillamente os consules! Bandidos!
Depois de ter calcado os seios prostituidos,

Alevantaes á roda uma prisão tremenda
E pondes-lhe na porta a tragica legenda
Que o Dante collocou n'uma outra porta igual.

Heide-vos esmagar, espiritos do mal!

Devassos, histriões, inuteis, pretorianos,
Ventres que resumis os Cesares romanos,
Levitas do milhão, graves bezerros de oiro,
Mais frios que o metal, mais brutos do que o toiro,
Espiritos servis, espiritos de lama,
Que andaes sempre a enterrar o dente do epigrama
Em tudo quanto é grande e em tudo quanto é bello.
Falstaff, Satanaz, Tartufo, Sgnarello,
Vós todos que trazeis a consciencia preta,
Silenos de casaca e Borgias de roupeta,
Vamos! despi o frak, a mascara, a batina,
Mostrae, desapertae a estupidez suina,
Ponde-vos á vontade!

A vida é uma farçada!
Por conseguinte é rir até que um dia o nada
Venha tapar com terra a vossa boca impura!
É voar, é voar na aza da loucura!

Mergulhae a tristesa em ondas de phalerno;
Fartae o peito exhausto em saturnaes do inferno!
É beber, é beber n'essa cratera infinda,
E a legenda fatal encontre-vos ainda
Á mesa do banquete! Amigos, afinal
O Deos que habita em nós, o espirito immortal,
Eterno, esplendoroso, immenso, necessario,
É feito de potassa e feito de calcáreo.
Sejamos francos, sim! o vicio e a virtude
Quem é que os distinguiu dentro d'um athaude,
Se o pó é todo igual?! Tripudiae, sandeus,
Que não existe forca e não existe Deos!
Vamos! escancarae a gargalhada alvar!
Ponde Nero no throno e Judas sobre o altar.
Isto de consciencia e coração tranquillo,
São coisas ideaes para fazer estilo,
Metaphoras, mais nada... A vós que vos importa
Que a letra da razão seja uma letra morta,
Que ande o dever proscripto, e que a justiça inerme
Seja esmagada ahi, como se esmaga um verme,
Sob os cothurnos de oiro!.....
.....

Erguei, alevantae os muros das Bastilhas!
Vendei a opinião como vendeis as filhas:
Quem dá mais? quem dá mais? É pol-as em leilão!
E sua magestade o imperador Milhão
Que as leve e as prostitua. Ó corações gafados,
Lançae a dignidade á valla dos forçados,
Ponde uma cruz na honra, e sobre o bem e o mal
Consultae simplesmente o codigo penal...
..... Brutos sem b maiusculo.
A consciencia é um ventre e o coração é um musculo.
Cantae, gosae, bebei até romper a aurora!
Atirae o pudor pela janella fóra
Como um charuto mau que se apagou. Canalhas!
.....
Pegae na vossa fé, pegae nos vossos brios
E dae-os a comer aos magros cães vadios,
Que nem por isso mesmo hão-de engordar. Então?!
Ficaes a olhar p'ra mim? Sentis no coração
A voz da consciencia a murmurar: talvez...—
Vamos, embebedae-a! Um copo de Xerez
É o que ella está pedindo essa mulher sombria,
—A vossa consciencia. Ella que noite e dia
Se anda a espojar ahi na lama dos monturos,
Ella que tinge a face e põe o corpo a juros,

Ella a corar—a vil! Não tenhaes medo, avante!
Dae-lhe uma grande ceia, um baile deslumbrante,
Chamae-lhe meretriz, beijae-a, embebedae-a,
E heis-de ver ao depois como levanta a saia
Nos pinchos do cancan!.....
.....
Hei-de-vos arrancar a mascara postiça,
Ligar-vos com grilhões ao potro da justiça,
Expor-vos á ignominia! Erguei o rosto, erguei-o,
Para que as multidões venham cuspir em cheio
N'essas frontes venaes! Ó coleras sagradas!
Dae-me versos febris, agudos como espadas,
Dae-me energia, amor, estrellas, enthusiasmos,
Dae-me um jorro de luz e um jorro de sarcasmos,
Como listrões de sangue! oh! dae-me tudo isto!
Dae-me a uncção de Jesus e o latego de Christo,
Dae-me essa ferrea voz dos lividos prophetas,
Para esmagar, calcar as gerações abjectas
da Babylonia de hoje!

A minha lyra, aquillo
Que eu tenho de mais puro e candido e tranquillo,
Tu que és a minha amante, a minha esposa calma,
Que és o sacrario azul aonde eu guardo a alma,

Que palpitas de amor e de paixão trasbordas,
Ó minha pobre lyra! hei-de arrancar-te as cordas
E unindo-as n'esta mão, vibral-as e torcel-as
Para fazer, ó musa! um latego de estrellas.
N'essas almas servis mais duras que os rochedos
Eu quero, charlatães, marcar os cinco dedos
Da mão de Juvenal! Eu quero, desgraçados,
Com versos triumphaes, candentes, inflammados
Prender uma grilheta á vossa vil memoria
E mandar-vos depois para as galés da historia
Onde de nada vale a infamia e o dinheiro:

O carcere é de bronze e Deos é o carcereiro.

II

O Orphão

II

O ORPHÃO

Não ter mãe, nem ter amada!
Ai, que tristesa tamanha,
Que dura sorte funesta!
Nem a urze da montanha,
E é coisa bem desgraçada,
Teve sorte egual a esta!

Vir ao mundo e não ter mãe!
Percorrer o mundo inteiro
Sem achar no vendaval
Quem nos diga—filho vem!...
É como ser forasteiro
Na propria terra natal.

E dizer, que havendo Deos
Fonte de immensa piedade,
Ha criancinhas sem berço
E almas sem caridade!

Vêr os lirios das campinas
Todos cheios de alegria,
E tantas mãos pequeninas
Sem o pão de cada dia!

Senhor, Senhor! quando scismo
Que ha muitas almas que nascem
Sobre o cairel de um abysmo,
E que basta um sopro apenas
Das tempestades do mundo
Para as lançar lá no fundo,
Se tem fundo essas gehenas...
Ah! perdôa-me, Senhor!
Mas por dentro do meu craneo
Passa a duvida sombria,
Como larva immunda e fria
Nas trevas de um subterraneo.

Teu filho, o proprio Jesus,
Emblema do soffrimento,
Que morreu pregado á cruz
Sem um unico lamento,
Sem um grito, sem um ai,
Teu proprio filho, Senhor,
Teve mãe e teve Pae!

Ser orphão! não ter na vida
Aquillo que todos têm!
É como a ave sem ninho...
É qual semente perdida
Que ao voltar do seu eirado
O lavrador descuidado
Deixou tombar no caminho.

E quando vem a tormenta
Arrancal-a sem piedade,
A triste não se lamenta
Da sua triste desgraça:
Está occulta... quem passa
Pode esmagal-a á vontade.

Assim vivera tambem
A creança desditosa
Que em noite má, tenebrosa
Ficara sem pae nem mãe.

Filho da treva e do vicio,
Despontara á luz da vida
Como pomba dolorida
Já votada ao sacrificio.

Não lhe bastava o desgosto
Do seu martyrio profundo,
Do seu tristissimo fado:
O mundo voltou-lhe o rosto,
Porque entre as festas do mundo
É crime o ser desgraçado.

No entanto a candida flor
Zombava da ventania,
Como se a mão do Senhor
A guardasse noite e dia.

E a tempestade inclemente,
Arquejando em furia brava,
Nem um só grito arrancava
D'aquella bôca innocente.

Ao ver-se nu, pobresinho,
Fitava os olhos na altura
Como a ave que procura
Um ramo para o seu ninho.

Não tinha dos desenganos
Ainda as duras licções;
Conforme crescia em annos
Crescia nas illusões.

A sua fronte suave
Perpassava pelas magoas,
Como a pena d'uma ave
Roçando na flor das agoas.

Eu gosto d'essas creanças,
D'essas cabeças doiradas
Que vivem rimando esp'ranças
E que acreditam em fadas.

Não sei que auroras resume
A alma d'esses poetas;
Têm o modesto perfume
D'um ramo de violetas.

São como a luz mal segura
Que eu vejo de manhã cedo
Brincar na fresca verdura
D'algum copado arvoredo.

Mas a mão da Providencia,
Que aos troncos nus deu a hera,
Deu-lhe a elle a casta essencia,
Deu-lhe o divino esplendor,
Que é nos campos primavera
E que é nas almas amor.

O amor, effluvio suave
Que faz do ninho uma estrella
E faz da estrella uma ave;

O amor, o canto profundo
Que sustenta o mar e o mundo
Nos espaços,

Como cheia de ternura
A mulher mais bella e pura
Sustenta um filho em seus braços;

O amor, n'um rapido olhar,
Fundindo o turbido veo,
Deixou-lhe as portas do céo
Abertas de par em par.

III

Imperia

III

IMPERIA

Eu odeio os romances de Ponson,
Negros contos de enredo estrepitante,
Que um rapaz meu visinho tem na estante
Ao pé do *cathecismo do bom tom.*

São labyrintho tetrico, infernal,
Em que o sangue espadana de tal arte,
Que é loucura transpor-lhe o negro umbral,
Sem primeiro aperrar um bacamarte.

Se alguem diz que o enredo é como a gemma:
Mais se apetece quanto mais se esconde,
Atire para a rua o meu poema
E vá lêr os romances do *Visconde*.

A arte, a deusa de sorrisos brancos,
A deusa casta, olympica, marmorea,
Que tem trasido nos robustos flancos
Todas as grandes creações da historia;

A arte, a arte, o espirito sagrado
Que fez da Grecia antiga a luz divina
Que inda atravez dos tempos illumina,
Como um farol nas noites do passado;

A Beatriz serena e triumphante,
A mãe de *Julieta*, a mãe do *Cid*,
Ella que fez a *virgem de Madrid*
E os tercetos titanicos do Dante;

Ella que com seus braços collossaes
Arrojou aos abysmos do infinito,
Como grandes soluços de granito,
As cupulas das velhas cathedraes;

A arte, a arte, a luz resplandecente
Que nos fecunda o intimo das almas,
E as faz desabrochar subitamente
N'uma explosão phantastica de palmas;

A arte é hoje uma infiel Ninon:
Magra, elegante, anemica, fransina,
Triste belleza delicada e fina,
Doidamente vestida á *Benoiton*.

Extravagante, amarga, docntia,
Requeima a ponta d'aza ao perpassar,
Borboleta de sceptica alegria,
Nas vertigens do gaz do *boulevard*.

Passa a vida entre a bohemia dos artistas
Sem trabalho, sem honra, sem cuidados;
Tem ditos scintillantes, facetados,
Da venenosa côr das amethystas.

É mais cruel, mais forte, mais raivosa
Do que os monstros das lobregas cavernas:
Conhece os *chics*, a elegancia airosa
Das nossas finas podridões modernas.

Ella caminha elastica, irritante,
Olhando os dandys, os *leões* vaidosos;
Tem caprichos hystericos, nervosos,
Phantasias de purpura brilhante.

Quando, com geitos languidos, felinos,
Ella nos diz que nos adora e ama,
Ri-lhe ao canto dos labios purpurinos
A insolencia nervosa do epigramma.

Tem um ar de princesa de opera buffa:
Gestos febris, excentricos olhares,
Como planta de formas singulares,
Exageradas no calor da estufa.

Ella odeia a virtude, a flôr burguesa,
Grosseira flôr amarellada e fria,
Como o sorriso d'uma velha ingleza;
As tulipas azues da phantasia,

Os catos do desejo inebriantes,
As rosas do deboche da loucura
São as flôres ideaes que ella procura
Na floresta dos vicios elegantes.

E é esta a deusa da moderna lira,
Musa corrupta do vicioso asphalto,
A Beatriz clorothica que inspira
Os Dantes de luneta e chapeu alto.

Dizia-me o outro dia um bom sujeito,
Bardo mais puro do que o puro arminho:
«A poesia prosegue de tal geito,
Que as musas morrem, se encarece o vinho.

«A crôa de loureiro, a crôa eterna
Que de Homero cingiu a larga fronte
Eil-a agora, nem sei como isto conte,
Pendente dos umbraes d'uma taberna!»

Um outro poeta respondeu-lhe: «Amigo,
Desgraçada poesia, se assim fosse!
Quem despresa o sabor do vinho antigo
Não passa d'um poeta d'agua doce.

«Se d'esta vida no sarçal ardente
Já não desce das fulgidas alturas
O maná que descia antigamente,
Como resam as Santas Escripturas;

*

«Se à mingua feneceu o bom Filinto
E o sublime Camões de fome expira,
Se já não ha judeu que empreste um pinto
A quem tem por destino tocar lira;

«Arrastemos as cruzes aos calvarios,
Descançando por vezes no caminho
Para alentar-nos, desditosos Marios,
C'uma gôta de amor ou de bom vinho.

«O amor, o amor! um seio casto e brando!...
O vinho, o vinho, a celica frescura!...
O vinho quando é bom, dizia um cura...»
Mas deixemos o cura. Reatando,

Direi ao meu carissimo leitor
Que vou sempre seguir em linha recta,
Deixando à linha curva ao tal poeta
Que é tambem um soffrivel... bebedor.

E, para comprovar este preceito,
Vou dizer desde já quem era a dama
Cujo lubrico olhar lançou no peito
Do meu pudico heroe tão viva chama.

Ninguem ao certo saberá dizer
Se era filha de Christo ou de Mafoma;
Louca bohemia do amor e do prazer,
Nasceu no Egypto, na Turquia, em Roma?

Vão lá saber onde nasceu a estrella
Perpassando no azul da immensidade!
Se o vinho é bom e se a mulher é bella,
Que faz ao caso a certidão de idade!

Inda Cadiz não viu, nem viu Sevilha
Dois olhos tão febris e tentadores,
Borboletas voejando sobre as flores,
Meio occultos na sombra da mantilha.

Tinham em si uns morbidos venenos,
Uns philtros de suavissima loucura,
Como dois lagos tepidos, serenos,
Mudos abysmos de lascivia escura.

Eram cisternas, mysteriosas, calmas,
A ressumbrar um languido amavio
Que endoudecia, mergulhando as almas
Em ondas quentes de luar sombrio.

D'aquelle olhar as settas luxuriosas
Irrompiam desejos sensuaes.
Como irrompem, bracejam vigorosas
Ao vivo sol as plantas tropicaes.

Era a deusa sinistra do peccado.
Tinha nas fórmas tragicas, austeras,
A doçura d'um fructo aveludado
E a energia terrivel das pantheras.

Attribuiam-lhe historias caprichosas
E, em longínquas, phantasticas viagens,
Scenas phenomenaes, escandalosas,
Succedidas com *altos personagens*...

Uns affirmavam que era de Sevilha;
Outros diziam que era italiana,
Que nascera em Milão e que era filha
D'um cardeal que amara um cigana.

Tinha uma lenda escura, surprehendente.
Chamavam-lhe condessa os seus criados;
Comtudo, nos velinos perfumados,
Ella assignava — *Imperia* — simplesmente.

Ás vezes, quando ria, entremostrava
Uns dentes brancos, solidos, eguaes,
Dentes de fera que o desejo crava
Entre o estertor das noites sensuaes...

O seu andar tranquillo, victorioso,
Com vibrações altivas, sobranceiras,
Lançava n'alma o fremito imperioso
Das deslumbrantes musicas guerreiras.

Havia um sabio, astronomo profundo,
O maior sabio dos modernos povos,
Que por nada entender cá d'este mundo,
Andava a descobrir uns mundos novos;

O triste visionario dos espaços,
A ver passar a minha bella, um dia,
Partiu o telescopio em tres pedaços
E mandou ao diabo a astronomia.

—Um nedio fradalhão de larga venta,—
Avinhado tonel de santidade,
Que ribombava horrisona tormenta
Contra os vicios fataes da nossa idade;

Vendo a gentil, ingrata peccadora,
Sentiu do amor as puas lancinantes,
E suspirou, pombinha arrulhadora:
«Coitadinho do padre sem amantes!»

E entre o delirio da paixão insana,
(E paixão que se occulta em sobrep'lizes!)
Chamou-lhe a casta, virginal Suzana!...
Pois se elle era da raça dos Juises!

Houve tambem um rei que dava o sceptro
Só por beijar-lhe a palidez da face.
E bardo mais gentil vendera o plectro,
Se ainda houvesse alguem que lh'o comprasse.

O mais santo dos santos Franciscanos
O céo trocara por dizer-lhe: és minha!
E eu sei mesmo de alguns republicanos
Que até seriam reis com tal rainha.

Caprichosa e fatal, os seus amores
Mudava-os como as rosas do toucado;
E a cada instante renasciam flores,
Se alguma d'ellas tinha já murchado.

Os corações repletos, de alvorada
Eram urnas de amor que ella bebia,
Quebrando-as sempre ao despontar do dia
Como a famosa taça da ballada.

De quando em quando abria ás multidões
Do seu palacio o fulgido portal,
E a mansão do praser, da saturnal
Quasi vergava ao peso dos milhões.

E o manto esfarrapado da realesa
E a purpura sagrada das thearas
Lá iam acurvar-se ás mesmas aras,
Lá iam disputar a mesma presa.

E ella, soltando a turbulenta coma,
Vendia-lhes mais caro um seu sorriso
Do que inda ha pouco o padre Santo em Roma
Nos vendera um logar no paraiso.

Eis n'um esboço rapido, imperfeito,
Quem era aquella mysteriosa dama
Cujo lubrico olhar lançou no peito
Do meu pudico heroe tão viva chama,

IV

Illusões

IV

ILLUSÕES

O pobre do meu cantor
Passava as noites e os dias
Debaixo das gelosias
D'aquella sinistra flor.

Com ella no pensamento
Ali dormia ao relento,
Em noites de lua cheia:
Sonhava ouvil-a cantar,
Mas eram ondas do mar
Que vinham morrer na areia...

Ardendo em louco desejo,
Cuidava que a branca fada
Vinha dar-lhe um doce beijo...
Era a lua immaculada
Que o doce beijo imprimia
Na sua face esmaiada...

E assim alegre vivia,
Tão cheio d'essa illusão,
Tão cheio de luz, de soes,
Que parece que trazia,
Em lugar de coração,
Um ninho de rouxinoes!

Uma vez, indo a passar
Perdido em sonho indeciso,
A Messalina gentil
Lançou-lhe um lubrico olhar
E murmurou n'um sorriso:

«Ali vae o meu amado:
É um pobre passarinho
Que veio fazer o ninho
No beiral do meu telhado...»

O fluido d'aquelle olhar
Foi como nuvem de incenso,
Toda cheia de luar,
Em que elle andava suspenso
Lá no fundo azul dos ceus,
N'esse abysmo de esplendor
Onde creio que até Deos
Terá desmaios de amor!

A Astarteia caprichosa
Por vezes tinha desejo
De crestar a linda rosa
No fogo impuro d'um beijo...

Mas aonde ha coração,
Por mais de pedra que seja,
Que vá esmagar no chão
Uma flôr abandonada
Que a custo medra e veceja
Á beira da nossa estrada?

Por isso o triste poeta,
Preso da voz da sereia,

Vendo nos olhos de Aidea
Os olhos de Julieta,
Vivia ebrio de esp'ranças
Em ninho de luz e amores,
Como só vivem creanças,
Ou suas irmãs — as flores.

V

Vita Nuova

V

VITA NUOVA

Os versos que ahi vão, modelo da poesia
Ultra-peninsular,
Encontrei-os, leitor, na velha mercearia
D'um nobre titular.

Entre os rotos papeis que dormem pelas tendas,
Nos crassos mostradores,
Vão perder-se hoje em dia as amorosas lendas
Dos nossos trovadores.

A gente encontra ali a historia dos Othelos,
Versos sentimentaes,
Calculos de agiota e folhas de libellos
E restos de missaes.

Vou muitissima vez ás lojas dos burguezes
Onde ha queijos londrinos,
Para comprar barato os versos portuguezes
E os classicos latinos.

Foi assim que eu achei ha tres ou quatro dias
A preciosa gemma,
Os ternos madrigaes, as infantis poesias
Do heroe do meu poema.

Tenho nas minhas mãos o unico original
Completo e verdadeiro:
O papel é almasso e a lettra é garrafal,
Como a d'um bom caixeiro.

De resto, em quanto á graça e merito das trovas,
São coisas de rapaz;
De quando em quando têm certas imagens novas,
Que não são muito más.

Mas no entanto eu queimei, sem licença do auctor,
Poesias de cordel
Feitas no velho estilo, o estilo trovador
Do Serpa Pimentel.

Já me tinha esquecido: ha uma nota no fim
Dos versos manuscriptos;
A lettra é de mulher e a nota diz assim:
« Para embrulhar palitos. »

A nota que fechou com excellente prosa
Esta arte de amar
Explica-nos, leitor, a estante indecorosa
Onde eu a fui achar.

VITA NUOVA

(POEMA DO AMOR)

O amor é escada sublime,
Vasta, immensa, luminosa,
Que prende o filho do crime
Ao doce olhar de Jesus;
É lingua de fogo eterno
Que ascende vertiginosa
Dos sorvedoiros do inferno
Aos sorvedoiros da luz.

Se o fogo de mil crateras
Tombasse sobre o universo,
E mar e homens e feras
Ficasse tudo submerso,
Embora! passado um dia,
N'algum angulo de rocha,
Onde a urze desabrocha,
O amor desabrocharia.

(D'um poeta desconhecido.)

I

Ao ver-te o languido rosto,
O olhar suavissimo e brando,
Como quem anda scismando
N'algum intimo desgosto;

Ao ver-te aquella expressão
Dos olhos negros, profundos,
Que a gente pensa que estão
Pregados lá n'outros mundos...

Como o olhar d'um cherubim
Se enlaça no olhar de mãe,
Ao vêr-te scismar assim,
Fiquei scismando tambem.

Immerso em volupia tanta
Pairava n'um doce effluvio,
Como a barca sacrosanta
Sobre as aguas do diluvio.

Nem tu de certo imaginas
Todo o bem que me fizeste
Lançando ao pó das campinas
Teus olhos, lirio celeste!

Eu era a flor que nasceu
Escondida entre os abrolhos:
Chegou-me a luz dos teus olhos
E vi logo a luz do ceo.

Como andorinha ligeira
Leva no bico uma flor,
Levaste-me a vida inteira
Na aza do teu amor.

Quem tivera mil amores
Para todos t'os mandar,
Como um punhado de flores
Que andam dispersas no ar...

Que martyrio inda não visto,
Ai! que martyrio sem fim,
Se eu pudera ser o Christo
E tu a cruz de marfim!

Passei-te rente ao mirante
E dei de cara comtigo,
E tu lançaste ao mendigo
O teu olhar — um diamante...

E eu, levantando do chão
A esmola, o candido aljofre,
Meti-o dentro d'um cofre,
Meti-o no coração.

Meu coração é quadrante,
Quadrante do meu desejo:
Nas horas em que te vejo
Não marca mais que um instante.

Como alampada sombria
Balouçando a frouxa luz
Por defronte d'uma cruz
Toda a noite e todo o dia;

Assim paira esta minh'alma
Diante da alma tua...
Como paira incerta e calma
Pelos ceos a luz da lua...

II

Não ha roseira ou jasmim
Com tal doçura e fragrancia:
Ainda vens a distancia
Já te eu sinto ao pé de mim!

E apenas, lirio celeste,
Me lembro d'aquelle olhar,
Logo a alma se me veste
Com um manto de luar...

E quando passas então
Fica tudo illuminado,
Como se houvera passado
Algum divino clarão...

Cae a sombra dos espaços,
Já vaes ao longe... no entanto
Ainda ouço os teus passos
Como o murmurio d'um canto.

E até depois de perdida
Vejo-te ainda nas trevas!
Vejo sim!... porque me levas
Meu thesouro, minha vida!...

III

Como tremem cristalinos
Os aljofares do ceo,
Como treme a flor na haste,
Assim minh'alma tremeu
Quando os teus olhos divinos
Sobre os meus olhos pousaste...

Talvez se fizesse ideia
Da graça d'aquelle olhar,
Fundindo um raio de aurora
Com um raio de luar...

Do teu doce olhar profundo
O serenissimo effluvio
Deixa a alma n'um diluvio
De harmonia!...

Ó rosa pura do azul,
Aquelle olhar columbino
Foi como o oleo divino
Sobre a fronte de Saul...

Encheu-me todo d'um fluido,
D'um aroma, d'uma graça,
D'uma luz, d'um som... que emfim
Ás vezes, filha, até cuido
Que é algum anjo que passa
Cantando por sobre mim!...

Trago a alma tão alegre,
Tão fresca, tão perfumada
Como um ramo de lilaz
Ao despontar da alvorada!

Parece que a tua mão,
Ao luar, em noites bellas,
Me repassa o coração
De algum diluvio de estrellas!...

E quando sonho até creio
Sentir aereo, fremente,
Sobre o meu teu niveo seio,
Bem como em deserta plaga
Se vê morrer docemente
Sobre uma vaga outra vaga...

É que o somno dos amores
É só um effluvio de esp'ranças,
Como o dormir das creanças,
Ou como o dormir das flores...

IV

Quando a lua se alevanta
Cheia de palida luz,
Como o rosto d'uma santa,
Como a face de Jesus;

Tambem eu, n'um vôo immenso,
Remonto ao céo dos amores,
Como o perfume das flores,
Ou como nuvem de incenso.

Quando dorme a branca lua
N'um clarão incerto e vago,
Como um cisne que fluctua
Nas aguas mansas d'um lago;

Tambem est'alma languesce
Ao ver-te, rosa de luz,
Como virgem que adormece
No supedaneo da cruz...

Quando a lua vae medindo
No céo a curva do amor,
Como lagrima cahindo
Pela face do Senhor;

Tambem minh'alma dolente
Busca teu seio de arminho,
Como a ave busca o ninho,
Como Ofelia na corrente...

V

Amei, vivi: agora
Eis terminada a festa...
Amei! já nada resta
Á luz da minha aurora.

Eu vi a noute, o luar,
Os grandes esplendores,
As arvores, o mar,
O céo azul, as flores...

Vivi. E emfim, Senhor!
Ergueu-se no horisonte
O sol d'aquella fronte,
O sol do meu amor.

O amor é lei de Christo,
Fiz d'elle a minha cruz...
Amei-te, pomba!... e n'isto
A vida se traduz.

Resta morrer. Então
Que venha a morte agora,
Para morrer na aurora,
Ao som d'uma canção.

Est'alma immaculada
Quero leval-a a Deus
Ainda embalsamada
Do mel dos labios teus!...

[illegible]o va roubar-me a terra
[illegible] gotas de ambrosia
[illegible]e [illegible]eito meu encerra,
[illegible]e [illegible]eu olhar me envia!

[illegible] morrer, Senhor,
[illegible] morrer agora!
[illegible] cheio de aurora,
[illegible] [illegible]az, de amor!

VI

A scena do balcão

« Em
Deix
E vi
Que

« Vos
Tinha
Leva

« Nem
Se o
Se q
Expul

« Com
Que
rque

VI

A scena de b[illegible]

Não vá roubar-me a terra
As gotas de ambrosia
Que o peito meu encerra,
Que o teu olhar me envia!

Se heide morrer, Senhor,
Quero morrer agora!
Morrer cheio de aurora,
Cheio de luz, de amor!

VI

A scena do balcão

VI

A SCENA DO BALCÃO

Era uma noite limpida de Agosto.
Ia o azul do ceo já desmaiando;
Da lua cheia o merencoreo rosto
Esbatia-se palido, alvacento;
Pois se ella toda a noite andou velando!
Pois se ella não dormiu um só momento!
Tambem a namorada
Que em noites de luar anda ao relento
Tem de manhã a face desbotada...

Isto, quem tem amores
Só descança ao romper a luz do sol,
Quando acordam as flores
E quando vae deitar-se o rouxinol.
Sob as janellas da lasciva Imperia,
Cantava ainda o palido poeta
Fina canção etherea
D'uma volupia languida, secreta:

«Vem, meu amor, levanta-te do leito!
Não tarda a despontar a luz do dia;
Já sinto no meu peito
Cantar uma vibrante cotovia!...
Fugiu a sombra espessa;
Levanta-te, formosa!
Vem poisar no meu hombro essa cabeça
Perfumada de sonhos côr de rosa...
Se os sonhos vão em meio,
Levanta-te dormindo,
Acaba-os no meu seio!
Vem, pomba da arca sancta!
Quero sonhar comtigo um sonho lindo,
Iriado de tremulos harpejos...

Quero cingir essa real garganta
N'uma cadeia olimpica de beijos!

.....

Deixa do somno os palidos umbraes;
Embebamos os peitos luminosos
N'estes frescos aromas virtuosos,
Sinceros, cristalinos, matinaes!

Vem, minha filha! A madrugada clara
Pousa o pé côr de rosa na montanha;
O vento ondea a seara;
Vae pelo mundo uma alegria estranha...
Ó da manhã crepusculo indeciso!
Momento mysterioso e sacrosanto,
Doce como um sorriso
Que luz por entre o pranto!
Meia hora de sonhos e de arminho!...
Tão casta como um intimo segredo
Que um labio virginal nos diz baixinho!...
Ri a luz entre as folhas do arvoredo
Com o riso infantil de cem creanças;
Voam as pombas mansas

Nos alegres eirados luminosos;
E a branca estrella d'alva desmaiada
Rebrilha, como perola encantada,
Sobre o fundo dos lagos silenciosos.»

IMPERIA *(assomando ao balcão)*

Todo o rouxinol descança
Apenas desponta o sol;
Vamos! deita-te, creança,
Rouxinol!

O POETA

Eu sou mais pobre que os pobres,
Mas venho dar-te um presente;
Ora vê tu se descobres
Que será?

IMPERIA

Provavelmente
Roubaste as estrellas de oiro,
Roubaste a lua, o thesoiro
D'uma noite oriental,
E vens, com olhos profundos,
Dar-me o systema dos mundos
Metido n'um madrigal.

O POETA

Não rias, maliciosa!
Levantei-me cedo e vim
Para trazer-te uma rosa...

IMPERIA

Colhida no meu jardim.

O POETA

Como te enganas! a flor
Que eu quero dar-te, princeza,
Foi um milagre de amor.

Criei-a com tal puresa,
Com taes mimos, tal frescura,
Que não ha um jardineiro
Que tenha no seu canteiro
Coisa tão rara e tão pura.

Vem cheia d'um triste effluvio:
Reguei-a dias e dias
Com meus prantos...

IMPERIA

Que diluvio!

O POETA

Não rias de mim, não rias!
Entre tanta flor que vês
Qual é a flor mais formosa?
É a camelia?

IMPERIA

Talvez...
A branca silenciosa.

O POETA

Chega tarde e morre breve...

IMPERIA

Sem calor, sem luz, sem Deus...

O POETA

Como um sorriso de neve...

IMPERIA

Sorriso dos labios meus.

O POETA

Ao vel-a fria e silente,
N'uma manhã de janeiro...

IMPERIA

Parece o ai derradeiro
D'um coração indiff'rente
Que impederniu, que gelou...

O POETA

É como um beijo de marmore...

IMPERIA

É como os beijos que eu dou.

O POETA

Aroma, nunca o exhala...

IMPERIA

Se é muda! perdeu a falla.

O POETA

É dia que não tem sol...
É ninho sem rouxinol...
É rouxinol sem amores...

IMPERIA

Seja tudo quanto queiras,
Mas deixemos as roseiras,
Que não é tempo de flores.

O POETA

Enganas-te, minha amante.

IMPERIA

Uma camelia em Agosto
É coisa que nunca vi.

O POETA

Vaes vel-a no mesmo instante.

IMPERIA

Não acredito.

O POETA *(lançando-lhe uma camelia)*

Eil-a aqui.

IMPERIA *(pegando na flor com alegria quasi infantil)*

Ah! que mimosa lembrança!
Inda bem que n'este dia
Tive um raio de alegria...

O POETA

E eu tive um raio de esp'rança...

IMPERIA *(sem o ouvir)*

A minha flor predilecta!
Senti-me quasi creança
Quando a vi... No coração
Passou-me um breve clarão

D'esses cantos perfumados,
D'essa alegria completa
Que só tem...

O POETA

Os namorados.

IMPERIA *(ironica)*

Pois tenho pena... da flor;
Antes Deos lhe desse espinhos
Contra o barbaro inclemente
Que a cortou unicamente
Por um capricho...

O POETA

D'amor.

IMPERIA

Cercaste-a de mil carinhos,
Trataste-a com mil desvellos,
E para que? para vel-a...

O POETA

Como se fosse uma estrella,
Metida nos teus cabellos.

IMPERIA *(examinando a flor com sorriso ironico)*

Infeliz! Mas na verdade
É tão fresca, tão serena,
Tão delicada... que em summa
Confesso, tenho vontade

(desfolhando a camelia)

De lhe ver uma por uma
Todas as folhas... Que pena!

(pegando n'uma petala)

Onde ha face de mulher,
Por mais suave e mais pura,
Por mais mimosa que seja,
Que tenha tanta frescura
Como esta petala?!

Veja...

(continua a desfolhar a camelia)

E diga o meu namorado
Se já viu coisa mais linda,
Ou nada mais delicado!...

Pois, havendo taes primores,
Como é que existe ainda
Um coração que endoudeça
Correndo em busca de amores?!

(deixando cahir a flor desfolhada)

É melhor amar as flores...

O POETA

Por isso a amo, condessa.

IMPERIA

Já não ha, e é coisa triste
Suspiros de Julieta...

O POETA

Porém o amor ainda existe,
Porque ha Romeus...

IMPERIA

De luneta.

Encolhe as lucidas azas,
Foge de mim que te abrazas,

Foge de mim, trovador!
Não voltes mais! acredita,
Sou a arvore maldita,
A mancenilha do amor.

O POETA

E eu quero, lirio celeste,
Dormir qual folha do outomno...

IMPERIA

Não voltes mais! se tens somno,
Deita-te ao pé d'um cipreste.

O POETA

Os venenos fulminantes
Dos teus olhos triumphantes
Quero bebel-os, bebel-os,
E, depois de os ter bebido,
Mergulhar-me adormecido
Na treva dos teus cabellos.

IMPERIA

N'esse caso, meu amigo,
Vem á noite ter comigo,

Que estarei só. Vae-te embora...
Já branqueja a luz do dia,
E o canto da cotovia
Sauda os brilhos da aurora.
Em summa, desejo amar-te;
Vem á noite... Shakspeare
Manda-te agora partir;
Por quem és, meu filho, parte!
Despontou a madrugada
E eu quero ser namorada,

(fechando as vidraças)

Segundo as regras da arte.

VII

Cahir do azul

VI

CAHIR DO AZUL

Findara a orgia. Pelo azul da esphera
Vae sorrindo ás montanhas pensativas
O esplendido luar da primavera.
Dormem emfim os lubricos convivas,
Como se o beijo extremo lhes houvera
Junctado as mornas palpebras lascivas.

Eil-os agora os mudos gladiadores
Em cahoticas trevas submergidos,
Trevas convulsas de infernaes amores.

Brilham no chão os calices partidos;
E em vasos de alabastro as murchas flores
Palidas sonham com vergeis floridos...

Esse que ali dormita, essa creança
Ficou hontem de lucto, e veio agora
Gastar na orgia a cubiçada herança.
Como dorme tranquillo!... E a esta hora
Na valla escura em que seu pae descança
Chovem somente as lagrimas da aurora.

Outro deixou a esposa abandonada:
Bate-lhe á porta a tentação impura...
Vê os filhos na enxerga esfarrapada;
O armario não tem pão; a noite é escura...
Choram as criancinhas... Desce a escada
E abre a porta á deshonra que a procura.

Aquelle é sacerdote, é missionario:
Nos braços luxuriosos das amantes
Anda fazendo a cruz do seu calvario...
Resona ali no chão. D'aqui a instantes
Hade ir beijar a hostia do sacrario
Com os seus grossos labios flammejantes.

Um Falstaff burguez, oleoso, alvar,
Com as cores do arco da alliança,
Dá urros de quem quer arrebentar,
Monstro voraz de sordida pujança.
Que coisas bestiaes n'aquelle olhar!
Que tragedias, meu Deos, n'aquella pança!

Onda de carne em que o veneno estua,
Doce veneno que embebeda e mata,
A tentadora Imperia, quasi nua,
Sobre um divan de purpura escarlata
Dorme languidamente, como a lua
Desabrochando o calice de prata.

Preza gentil, cercada pelas feras,
Repoisa entre os convivas, os chacaes,
Sobre o leito das morbidas chimeras...
Nada-lhe o corpo em fluidos sensuaes,
Na indolencia nervosa das pantheras
Entre os fulvos, altissimos juncaes.

Como torrentes negras de desejos,
Revoltas caem-lhe as ondeadas comas;
Tem não sei que de tremulos harpejos

No suavissimo arfar das niveas pomas...
Sae-lhe do labio um fremito de bejos,
Como d'um vaso a transbordar de aromas.

Ao vel-a assim dormir a alma sente
Vagos mysterios de insondado mar...
Ha n'esse corpo languido, dormente,
Como um philtro subtil que faz sonhar
Nas curvas luxuriosas da serpente,
Na luz avelludada do luar.

Morbida treme a alampada sombria.
Boccja o vinho em crystalinas taças;
Sente-se ainda um halito de orgia,
Como um murmurio das canções devassas.
Rompe a manhã; e a clara luz do dia
Contempla triste aquellas frontes baças.

E o pallido poeta enamorado
Entrou n'esta desfeita bachanal,
Como quem entra em ceo immaculado.
A sua alma era um limpido crystal
Mais alegre que um dia de noivado,
Mais pura do que um beijo maternal.

Vinha acordar a amante adormecida.
Trazia em si o casto resplendor
Da curva do luar indefenida...
Era qual doce, luminosa flor,
Boiando em plena luz, em plena vida,
N'um diluvio balsamico d'amor.

E a sua Julieta, a Messalina,
Viu-a no leito das venaes paixões;
E uma lagrima santa, cristallina,
D'essas que levam dentro os corações,
Lampejou-lhe na face alabastrina,
Como um tremulo mundo de illusões.

Depois, ao vel-a assim dormir tranquilla,
Soltas as tranças no marmoreo peito,
Disse-lhe: «Dorme, coração de argila,
Alvo sonho de amor, sonho desfeito!»
E ella, entreabrindo a languida pupilla,
Com gesto ironico apontou-lhe o leito...

SEGUNDA PARTE

I

Melancolia

I

MELANCOLIA

A NOITE

Eu vou esplendida e calma
Da luz no immenso diluvio!
Meu seio tornou-se effluvio,
O effluvio torna-se em alma...

Dos astros o sorvedoiro,
Profundamente arqueado,
É como um cedro vergado
Ao peso dos fructos de oiro.

Dormem os monstros e as feras
Ao pé dos lirios suaves;
Descanta a luz das espheras,
Rebrilha o canto das aves.

A lua, pastor bemdito,
Com seu rebanho de estrellas,
Vae vendo se alguma d'ellas
Se perde pelo infinito.

Sonha a flor, lampeja a vaga...
Alma, astros, pensamento,
Tudo se abysma e se alaga
No grande deslumbramento!

De Deos ao cantico eterno,
Abrem-se as portas do inferno,
Abre-se o mar da harmonia!

O POETA

E a minh'alma dolorida,
Como avesinha sem vida,
Fecha a palpebra sombria.

UM ROUXINOL

Vem meiga a brisa da escarpa,
Canta, canta, trovador!

O POETA

Não posso! não tenho harpa,
Quebrei-lhe a corda do amor.

O LUAR

Deos nas ondas do universo
Deixou-te um pharol — a cruz!

O POETA

Quem anda em trevas immerso
Não pode olhar para a luz.

O FIRMAMENTO

Pois se a voz, a lyra, o canto
Em negra noite corrupta
Se perdeu,
Chora, meu filho, que o pranto
É harpa que Deos escuta
Lá do céo!

Do amor o pranto desfeito
Não cae em lobregas furnas...

OS LIRIOS

Talhou-nos Deos nosso peito
Á semilhança das urnas.

A TERRA

Abrem-se as rosas gentis
Ao pranto que a manhã chora...

O POETA

Que valem prantos da aurora
Cahindo em secca raiz!

A SOMBRA

Deos á suprema desgraça
Deixou alivio divino...

O VENTO

Que o diga a folha que passa...

O POETA

Folha, onde vaes?

A FOLHA

Ao Destino.
Vivi apenas um dia;
Levada na aragem fria,
Pergunta a Deos onde vou...

DEOS

Folha de rosa pendida,
Tu vaes, imagem da vida,
Á Vida que te mandou.

II

Romanticismo

II

ROMANTICISMO

Nenhum astro siquer do céo no torvo engaste!
E a metropole immensa, em singular contraste,
A resplender de luz; ao longe dir-se-hia
Que os choros divinaes depois d'alguma orgia
Partiram, cambaleando, a abobada do espaço,
Cahindo sobre a terra um fulgido estilhaço.

Na solidão da noite erma, infinita,
Deslumbrante sarcophago, crepita
O vasto lupanar.

525458

Corre a turba pagã ao sacrificio...
E os ventos batem na mansão do vicio,
Como um conviva que deseja entrar.

Recrusam-se nas salas
As Venus sensuaes,
Brancas como as opalas,
Frias como os punhaes.
E os Faustos impotentes,
Faustos de lupanar,
Ao verem essas carnes florescentes,
Não podendo mordel-as com os dentes,
Mordem-nas com o olhar.

Passam tambem as cortezãs antigas,
As estatuas de gesso
Que ha trinta annos foram raparigas,
E que inda hoje por um alto preço
Vendem nas entrevistas
Sorrisos fatigados,
Comprados aos dentistas.

Foram essas as lindas creaturas
Que atravessaram duas gerações,
Abrindo sepulturas,
Manietando ao corcel das aventuras
Os dandys e os milhões.
Volteiaram na esplendida voragem
Do gaz e do Champagne,
Fazendo do seu corpo uma estalagem,
Do seu amor um mastro de *cocagne;*
Por seus encantos lubricos, sinistros,
O juiz vendeu as leis;
Dormiram nas alcovas dos ministros,
Dos principes, dos reis...
E inda agora essas frias cortezãs,
Esqueletos banaes,
Gastos pelos cancans
De trinta carnavaes,
Passam, rindo, na valsa doudejante,
Carminadas, postiças, theatraes,
Como velhos cabidos
Onde o ultimo amante
Vae pendurar os ultimos vestidos.

Andam no ar os sonhos deshonestos;
A fantasia — a occulta debochada —
Nem recua diante dos incestos.
Impetuosa, vermelha, aguardentada,
Vae polluindo tudo:
Ella atravessa as rendas e o veludo,
Despedaça as bretanhas pudibundas,
Enrosca-se na carne alabastrina,
Solta em delirio exclamações immundas!...
E tremula de goso inda imagina
Requintes mais insanos,
Luxurias mais sombrias
Que em todas as orgias
Dos Cesares romanos.

Ferve a espuma das rendas de Lyão.
A dança redemoinha em turbilhão
Vertiginoso, espesso.
Arfam os seios brancos.
Reluzem joias de milhões de francos
Em corpos triviaes do mesmo preço.
A orchestra em furia insana,
Desvairada, brutal, americana,

Corta o ar de apopleticas tormentas
De musicas enormes.
Rugem brilhando as sedas opulentas.
Passam os uniformes
Manchados de gran-cruzes.
O crepitar nevralgico das luzes,
O aroma, os sons, os fremitos, os bejos
Lançam nos craneos scintillantes prismas...
As almas e os desejos
Pulam como aneurismas.
Vae rompendo a manhã.
Desenfream-se os saltos do cancan;
Erguem-se os pés á altura do nariz;
E apanham-se os vestidos ás mãos cheias,
Com a graça irritante das sereias
Dos bordeis de Pariz.
Os labios dizem coisas monstruosas
Que a tinta não descreve...
Amachucam-se as rendas preciosas
Mais alvas do que a neve.
O champagne electrisa
Os nervos irritados.
Anda a vergonha em mangas de camisa
A rir como os soldados.

Os olhos têm lampejos de metal,
Uns lampejos famintos;
É a orgia da besta, do animal,
A orgia dos instinctos.
A orchestra toca as derradeiras valsas
Com doido frenesim!
Vão cahindo no chão as tranças falsas;
Derretem-se as pomadas e o carmim.
As fantasias loucas, purpurinas,
Rebentam como as minas
Em explosões lascivas, flammejantes...
E nos peitos suados, gordurosos,
Como grandes escarros luminosos,
Ardem os diamantes.

No entanto, Imperia, a tragica orgulhosa,
Deixando os seus convivas embriagados,
Adormeceu na alcova silenciosa.
Alabastrina lampada tremente
Lança vagos clarões purpureados
No mysterioso ambiente.
Fulgem discretamente
Os limpidos cristaes.

Abrem-se na penumbra as rubras flores,
Como vermelhos ais.
Os arabescos de oiro caprichosos,
Representando amores,
Gravam brilhos mordentes, luxuosos,
Sobre as tapeçarias.
E os aromas e as cores,
Mais doces do que a alma de Mosart,
Cantam voluptuosas simphonias
N'aquella branda luz crepuscular.
Cahem no chão tranquillo
As dobras opulentas dos veludos.
Parece tudo aquillo
Como uma estufa de desejos mudos...

E a cortezã dormita, embalsamada,
Pallida, mergulhada
De rendas brancas em preciosas nuvens.
As formas do seu corpo exhuberantes
Fazem lembrar as deusas triumphantes
Dos festins mythologicos de Rubens.

E junto ao leito o magro trovador,
Abysmado em ridicula tristeza,
Contempla a branca flor
Com um olhar de Mouro de Veneza.

O POETA

«Eil-a dormindo socegada e fria,
Soltas as tranças pela espadua nua,
Retincta a face em pallidez sombria.

«Não dorme o lirio santo à luz da lua
Um somno tão suave,
Somno de luz e arminho!
Nem é tão doce o collo d'uma ave,
Quando à tarde desmaia sobre o ninho.

«Não sei, ó minha amada,
Não sei que vago effluvio
Se exhala d'essa boca perfumada,
Que fico n'um diluvio
De tremulo fulgor...
Que eu fico em sonhos de volupia immensa,
E julgo ver-te languida, suspensa
Em halitos de amor!

«E comtudo essa alma que descança
Tendo no labio um riso de creança,
Um riso de donzella,
É tão negra, meu Deos, tão purulenta
Que em noites de tormenta
O proprio abutre fugiria d'ella.

(A chuva bate impetuosamente nas vidraças. A tempestade redobra de violencia)

«O raio estalla; que infernaes bramidos!
Nenhuma estrella no sombrio engaste!
Desfolha o vento os roseiraes floridos...»

IMPERIA *(entreabrindo os olhos languidos)*

—«Rosas, fechai-vos, não tombeis da haste!..»

O POETA

«Quero morrer ao teu lado,
Ai, quêro perder-me, filha!
Venho deitar-me cansado
Á sombra da mansenilha.

«Eu bem sei que hasde matar-me,
Que és o aspide entre as flores;
Eu bem sei que hasde levar-me
Espranças, crenças e amores.

«Eu sei tudo... A vida vôa,
E é bello o leito dos noivos;
Que importa que a tua c'rôa
De rosas seja, ou de goivos?!

«Como o sol incandescente
Sorve a lagrima vertida
Sobre o calix d'uma flôr,
Eu quero, n'um beijo ardente,
Que me sorvas alma e vida,
Meu amor!»

IMPERIA

— «Tu és como a rosa gentil, purpurina,
Ainda orvalhada
De fresco rocio;
Eu corto-a, desmaia e o calice inclina
Da trança anelada
No leito macio.

«Depois, entre a chama dos vividos lumes,
A fresca e mimosa
Se abrasa e se cresta;
As danças perpassam, voaram perfumes,
Desfolha-se a rosa
Na ardencia da festa.

«Envolvem-se os astros em veos alvejantes,
E os ebrios descantes
Mais ebrios de amor!
A noite vae alta, no vôo das danças
Desprendem-se as tranças,
Desprende-se a flor...»

O POETA

«Morrer! que importa ao paria, ao vil mendigo
Sem bussula, sem norte?
Pois tu não me dirás que custa a morte
A quem a traz comsigo?!

«Morrer n'um ermo, como um cão damnado,
Ou em leito de rosas e de arminhos
É tudo o mesmo fado;
Pouco vale a dif'rença dos caminhos.

«A mim lançou-me Deus esta ironia,
Esta chamma voraz...
Vem apagal-a, que ao romper do dia
Talvez minh'alma já descance em paz.

«Talvez... talvez!... quem sabe se o maldito,
Ao cabo da jornada,
Em vez da luz immensa do infinito,
Hade encontrar o nada!

«Que eu mesmo já não sei, cabeça tonta,
Se alguma cousa creio;
São tão fundos os golpes do meu seio
Que lhes perdi a conta...

«Extinga-se esta vida semi-morta
Onde em lettras de fogo o horror se estampa!
Eu vim bater, mulher, a essa porta
Como quem bate á porta d'uma campa.

«Eia, mulher! ao goso, ao goso insano!
Eu preciso fartar o peito exhausto
Nas torvas ondas de revolto oceano!
Eu sou outra vez moço como o Fausto,

Lava candente as veias me intumece,
Lateja o coração...
Esquece tudo, esquece!
Por sobre o nosso leito
Golfem ondas d'amor... Cumpra-se o fado!
Abre-me a sepultura, abre o teu peito...
Venha morte assistir ao meu noivado.

IMPERIA *(levantando-se do leito)*

—«Pois já que assim quizeste, em brandos laços,
Desprende a alma ao som d'uma canção:
Ahi tens o seio nu, ahi tens meus braços,
A cruz da redempção.

«Eras a alva e candida pombinha,
E eu a flor do mal;
Mas agora, bem vejo, é sina minha
Andar partindo as urnas de cristal.

«Eu tinha uma grinalda isempta e pura
Feita de luz e amores...
Que é d'essas folhas de ideal candura?!
Que mal vos fiz, ó minhas pobres flores?!

«D'entre os lirios virentes da corôa
Vinha um anjo emballar com mil segredos
A calma do meu somno...
As rosas esfolharam-se entre os dedos,
E os sonhos me voaram, como vôa
De andorinhas um bando ao vir do outomno.

«Retalharam-me o cingulo de prata
Que prendia o meu ceo de rosea espuma;
E as illusões sumiram-se uma a uma,
Como um collar de soes que se desata.

«Ó, santas illusões que eu tanto amava!
Ó, grinalda de Abril já meia solta,
Que eu vi cahindo em pó!
Levei as mãos á fronte ardendo em lava,
Era o sello do crime... Olhei em volta,
Achei-me nua e só.

«Errando ao desamparo em noite escura,
A Deus ouvi dizer
Com a voz repassada de ternura:

— «Chora, mulher!

«Gota de agua de uns olhos peccadores
É maior que as torrentes caudalosas,
Mais forte que as procellas:
Orvalha as cinzas das mirradas flores,
Chora, mulher! se a c'rôa era de rosas,
Tornar-t'a-hei de estrellas.—

«E não chorei!... os barbaros sem nome
Deixaram-me na alma semi-morta
Só lagrimas de fel;
Fui bater a um palacio... tinha fome,
E veio a caridade abrir-me a porta...
A porta do bordel.

«Mas tu choras, meu timido amarantho!
Tens compaixão?... tens pena, muita pena?...
Não chores, que não sou a Magdalena;—
Eu rio-me, bem vês, d'esse teu pranto.

«Vem repousar a fronte escandecida,
Dorme o somno do amor, gentil creança...
Ao menos uma vez quero na vida
Saber o que é vingança!

(O Poeta, cego de paixão, lança-se-lhe nos braços. Imperia beijando-o, e com um riso ironico).

«Olha os astros, meu candido poeta,
Desmaiando d'amor no azul do ceo!
Eu sou a tua noiva, a Julieta,
Abraça-me, Romeu!

«Solta da harpa as languidas choreias!
Eu sou a sensitiva...
Filtra-me n'alma o canto das Almeias,
Que, em noites molles de luxuria insana,
Faz descahir a palpebra lasciva
Á languida sultana.
Ó anjo, ó trovador,
Heide mandar fazer uma cabana
Para guardar o nosso immenso amor!
Fugiremos do mundo que é traidor,
E viveremos sós,
Como os candidos lirios virginaes.
Tu farás madrigaes,
Eu bordarei paisagens a retroz.

Mas, antes de ir morar nas solidões,
Sempre é bom conhecer, meu caro poeta,
Se os nossos corações
Têm entre si afinação completa.
Enlaça, pois, as minhas mãos nas tuas,
E jura aqui, á luz dos olhos meus,
Que é um prato excellente as ostras cruas,
Regadas com Bordeus.
E depois, anjo lindo,
Lá quando a altas horas fôr surgindo
Da lua branca o pallido crescente,
Vem a roubar a triste enamorada,
Que eu fugirei comtigo desgrenhada
Sobre a garupa d'um cavallo ardente!»

O POETA *(levantando-se indignado)*

«Pois tu cuidavas que eu podesse um dia
Sagrar-te o amor, a vida, a harpa, o canto,
Esta fronte, este ceo, esta harmonia,
Tudo o que eu tenho de mais bello e santo
A ti, alma corrupta?!

«Pois tu podias nunca, prostituta,
Ler nas paginas virgens do meu seio
A ardente aspiração, o mago enleio
Que as entranhas da alma me devora?!
Como hade a noite comprehender a aurora,
Miserrima Locusta?!
Ah, tu não podes lêr as letras de oiro
Com que Deos nos marcou a fronte augusta!
Não podes ver, sacrilega, o thesouro
Que em nosso peito, sol dos soes, resplende,
Escada de Jacob que nos ascende
Aos páramos da luz!

«Eu bem sei que é de bronze a nossa cruz;—
Mas Deus envia sempre a Magdalena
Com balsamos e arminhos...
Mas ai, não serás tu, alma terrena,
Que hasde mudar a agrura dos espinhos
Em saboroso mel!
Não serás tu a candida Rachel
Em cujo seio encontrarei guarida
N'esta lucta sem fim chamada vida.

«Tu não sabes, ó languida Astarteia,
Que a luz do nosso olhar
Dá azas de luar
Aos tristes corações dos infelizes?
Tu não sabes, mulher, que a nossa ideia
Torna estrellas as pallidas Beatrizes,
E atravez d'esses mundos rutilantes,
Entre nuvens de azul, nuvens de amor,
As levamos nos carros deslumbrantes
Ao throno do Senhor?!

«Se a mão dos homens nos atira á fronte
Infamias e labéos,
Para a lua nos campos do horisonte,
Vem os anjos, os soes, o proprio Deos
Ouvir o nosso canto!

«Eu não podia amar-te! não podia
Ligar o genio, o fogo sacrosanto,
A esplendida loucura,
Ao reptil que se estorce em noite escura
Nos catres d'uma orgia!

«Se alguma vez cingi em meigo abraço
O teu corpo gentil, ebrio de goso,
Se alguma vez tombei no teu regaço
N'um sonho encantador e vaporoso;
Se á luz da lua algum subtil harpejo
Por ti soltei da lira,
Não foi amor; foi lubrico desejo,
Foi mentira, mulher, tudo mentira!

«Ouves lá dentro a saturnal da vida
Que se enrosca nas chammas do prazer?...
Ouves do circo a fervida alarida?
É o mundo, mulher!
É a turba servil dos argentarios
Que abre as portas do amor com braço de oiro;
Vai abrir-lhe tambem os teus sacrarios!
Entrega-lhe o thesouro
Que a azedia do fel nos labios côa...
Entra, rainha! e no ardor da festa
Desfolha as rosas da virente cr'oa,
Se alguma inda te resta.

«Ouve, disputam com soturnos brados
O goso d'essa candida corolla!...

Vae atirar do teu amor a esmola
Aos tigres esfaimados!
Que eu vou tambem, se assim quizer a sorte,
Arrastado nos ventos da procella,
Ás paragens dulcissimas da morte.

«És lubrica e és bella;
Mas não posso comprar os teus encantos,
Mulher, porque sou pobre:
Tenho apenas de meu uns tristes cantos
E o ceo que a todos cobre.

«Lança do goso as perolas lascivas
Á doida multidão!
Eu saio, que envergonha os teus convivas
O vil, o pobretão.

«Se o teu amor, mais sujo que um farrapo,
Ante mim ajoelhara supplicante,
Oh! esmagava-o n'esse mesmo instante,
Como se esmaga um sapo.»

(Sae. Procura um sitio escuro, onde ninguem o veja, defronte do palacio. Monologo na treva)

«Ah, lubrica traidora!
Ah, perfida bachante!
Quem me dera beijal-a a toda a hora,
Matando-a a todo o instante!

«Oh, volupia suprema! se eu podera
Apunhalar-lhe o coração de fera,
E ao vel-a morta enregellada, fria,
Co'as bagas do meu pranto
Tornal-a pura como a luz do dia,
Tornal-a casta como um lirio santo!

«Mas que chamma infernal, mas que destino
Me uniu á vida aquelle amor sem fim,
Como um punhal aos sonhos do assassino,
Como o remorso á alma de Caim!

«A ave mostra o ninho
Á luz, alma de Deos que brilha e canta...
A mãe mostra o filhinho,
O ramo mostra a flor;
E mãe e ninho e ave e ramo e planta
Tudo te mostra, ó Deos, o seu amor!

« Só eu t'o escondo a ti e á propria vida,
Como póde esconder o fratricida
O sangue d'um irmão;
E, para que o não veja a luz do dia,
Heide guardal-o n'uma campa fria
Chamada coração! »

III

Ao cahir das folhas

III

AO CAHIR DAS FOLHAS

Tarde do outomno. O sol morreu ao longe
Com pompa gloriosa,
N'uma explosão de luz.
E a noite cae na terra silenciosa,
Como na face livida d'um monge
A sombra d'um capuz.
Nas linhas sinuosas das montanhas
Arvores collossaes
Tomam formas fantasticas, estranhas,
De hybridos animaes.

Objectos mui vulgares
Durante a luz do dia,
Com as escuridões crepusculares,
Apresentam aspectos singulares
D'uma nova poesia.
Os aldeões cantando uma canção
Vêm recolhendo a casa.
Perpassa na amplidão
De quando em quando a nodoa d'uma aza...
.....
.....

O POETA

Lá vem dos aldeões o alegre bando
Descendo pelo outeiro;
Vêm rindo e vêm cantando,
Depois de trabalhar um dia inteiro.

Ditosos corações, ditosa gente,
Que ainda ao cabo da continua lida
Podeis cantar! e corre-vos a vida
Como ribeiro manso e transparente.

Cantae, ó corações, que o vosso canto
É para mim uma sagrada esmola;
Traz-me aos olhos o balsamo do pranto,
Que é tudo o que hoje em dia me consola.

Como esse canto é doce! É que em segredo
Do intimo da alma vos deriva,
Como veia tremente de agua viva
Manando d'entre o musgo d'um rochedo.

*

Ó velhos que eu amei, velhas creanças,
Os vossos peitos socegados, nus
São grandes ninhos de alegrias mansas,
Inundados de fremitos de luz.

Eu ás vezes nem quero acreditar;
Vós, sempre a moirejar
Desde que rompe o dia,

E cada vez mais cheios de alegria,
Mais cheios de saude;
E eu cansado já, e vou em meio
Da minha juventude!

*

Virgens formosas, que volveis cansadas
Pela calma do sol e das fadigas,
Soltae as vossas limpidas cantigas
Como um bando de arveolas doiradas.

Essas humidas vozes virginaes
Cahem suaves n'este peito enfermo
Como chuva de tremulos cristaes
N'um lirio que nasceu em sitio ermo.

É que a alegria do semblante honesto,
Esses toques de graça e de receio
São indicio bem limpo e manifesto
Da paz antiga que vos vai no seio.

É que a luz d'esse olhar, pombas de neve,
Tem não sei que da fresca madrugada,
E é doce como a curva que descreve
A luz da lua em noite immaculada.

*

Ó arvores tranquillas, viridentes,
Ungidas de harmonia austera e mansa,
Que sois como uns apostolos dormentes,
Envolvidos em tunicas de esprança;

Frondosas cathedraes, em cujas naves
Reboa a voz profunda dos amores;
Orgãos frementes ao cantar das aves,
Ceos estrellados de milhões de flores,

Eu era como vós! Quando a alegria
Jorrava da alvorada a frouxo e a flux,
Todo o meu ser cantando se embebia
Nas vibrações magneticas da luz.

*

Ó luz! ó alma na amplidão suspensa!
Ó astros puros, ó luar, ó sol!
E, em noites tristes de tristeza immensa,
Ó luz feita harmonia, ó rouxinol!

Como eu vos quero ainda! E como é triste
Sentir, á vossa doce claridade,
Este bater da onda da saudade
Sobre a imagem d'um bem que não existe!

Lá vem a lua, a Ophelia desmaiada,
Pela amplidão da abobada azulada
A grinalda de estrellas desfolhando...

Somnambula d'amor, com mãos piedosas
Entorna as longas tranças luminosas
Por sobre os corações que estão chorando.

Vós que sabeis a magoa que me opprime,
Ó lagrimas do ceo, correi a flux!
Desprendei-vos dos calices, ungi-me
Com suavissimos balsamos de luz.

Quando eu vos fito, ó lucidas espheras,
Encontro do meu mal o esquecimento
Nas piedosas lembranças d'outras eras.

São effluvios que vêm n'aza do vento,
São uns echos de musicas formosas
Que expiram n'um tristissimo lamento.

E eu scismo ainda no florir das rosas...
E julgo ouvir um fremitó sagrado
No vasto azul das noites silenciosas.

E em meu peito se entorna um som magoado,
Como o choro santissimo do mar
Espraiando-se em longo descampado.

E fico melancolico a sonhar
Em rouxinoes, em canticos incertos
E em corolas de lirios entreabertos,
Inundados por ondas de luar...
.....
.....

IV

Ruinas

IV

RUINAS

Era uma noite pavorosa, escura,
D'essas noites d'horror que Deos mandava
Sobre a desfeita geração escrava
D'um seculo maldicto.
A grã cidade, meretriz impura,
Repousava no leito de granito,
No leito colossal das mil orgias.
E dos ventos a musica sonora
Ribombava tremenda, como outr'ora
A ferrea voz do livido Izaias.

Era a hora em que os sonhos pavorosos,
Como fetos sinistros, monstruosos,
Enchem da noite as solidões funestas;
Em que as almas soluçam doloridas,
Como virgens fantasticas, perdidas
Nas sombras das florestas.
Hora fatal em que germina, ondeia
A seara do mal, que o mal semeia
Dos corações nas aridas campinas;
Em que as hervas maldictas, venenosas,
Dormitam silenciosas
Na lepra esverdeada das ruinas.
No silencio profundo dos hospicios
Ardia a flor dos vicios,
Chorava a flor dos prantos;
E os enfermos no suor das agonias
Contemplavam co'as doidas fantasias
As legiões nocturnas dos espantos.

Nas praças já desertas
Milhões de luzes tremulas, incertas
Vasquejavam com brilho sepulchral;

Dir-se-hia que nas ruas solitarias
Iam passando procissões mortuarias
Para affastar as coleras do mal.
Mas d'aquella mudêz no immenso arcano
Havia um surdo fermentar d'oceano,
Um vago estremecer que não se exprime...
Era o assombro, a convulsão latente
Da Messalina lubrica que sente
Revolver nas entranhas o seu crime.

Entre o bronzeo silencio tumular,
Como fornalha ardente,
Erguia-se febril, resplandescente
O vasto lupanar.

Defronte do bordel havia um templo
Triste como o deserto,
Grande como um exemplo.
O vetusto portão estava aberto.
Dentro, silencio enorme;
Silencio pensativo e formidavel,
Como um asceta livido que dorme.
Em volta a escuridão cerrada e vasta;
E ao fundo um Christo pallido, inefavel,
D'uma tristeza luminosa e casta.

Por sobre as lages humidas, impuras,
Negros caixões mortuarios.
Cheirava a sepulturas.
Nas sombras entreviam-se sudarios.
Havia pelo ar como um segredo,
Um não sei que de tragico e sombrio...
Os olhos tinham mêdo,
As almas tinham frio.
E da profunda abobada pendente,
Triste, mortiça, exangue,
Bruxoleava a lampada dolente,
Como suspensa lagrima de sangue.

O POETA *(ajoelhando deante do altar)*

Espirito immortal,
Ó immortal miseria!
Dizer eu que um bocado de materia
Crapulosa e gentil
Pode partir n'um beijo, n'um abraço
Todas as molas d'aço
D'um coração viril!
Espirito immortal,
Ó immortal miseria!

.....

. . . . . .

Com coisas transparentes, fabulosas,
Com oiro e luz e pedraria e flores
Levantei sobre as nuvens fantasiosas
Um palacio de olympicos amores.
Tinha vastas janellas rendilhadas,
Para entrarem as glorias deslumbrantes
Das vivas alvoradas.
Tinha no ar fantasticos mirantes
D'onde as almas serenas, impecaveis,
Como um bando de pombas inefaveis,
Se embebiam no azul da immensidade.
Tinha vastas penumbras pensativas,
Torres maravilhosas, fugitivas,
Como a ideia febril da liberdade...

. . . . . .

Tudo cahiu ao perpassar do vento.
São assim os castellos ideaes
Que edifica na luz o pensamento!
E por sob as tristissimas ruinas,
D'aquellas altas torres cristallinas,
Despenhadas ao sopro do nordeste,
Ficou-me o coração escalavrado,

Como se houvera sobre mim tombado
O espelho azul da abobada celeste.

. . . . . .

. . . . . .

Ó Jesus Christo, ó sabio,
Para ires direito ao paraizo
Mataste a flôr do labio,
Mataste a flôr sorriso;
Dividiste os pedaços do teu manto;
E fizeste dos olhos virtuosos
Constellações suavissimas de pranto.
Se és na verdade o pae dos desditosos,
Se a tua doce mão
Feita de luz e esp'rança
Sabe curar as lepras do peccado,
Arranca-me da alma esta paixão,
Como se arranca o ferro d'uma lança
Do peito d'um soldado.

. . . . . .

Mas de que serves tu, ó flor celeste,
De que me serves, diz, se não soubeste
O que é o amor brutal?!

Se no teu labio rigoroso e triste
Nunca em vida sentiste
O corisco d'um beijo sensual!

(levanta-se)

Um Deos cadaver, um cadaver frio!
De que nos serve um Deos ermo e sombrio,
Com labios mudos, com olhar sem luz?
Como hade elle amparar os desgraçados,
Se tem os braços lividos pregados
Nos braços d'uma cruz!

(Senta-se sobre um esquife. Silencio prolongado. Continua)

O agudo bistouri da nossa experiencia,
A lança da razão inquebrantavel, fria,
Varou de lado a lado o olho da Providencia:
A abobada celeste é orbita vasia.

A critica fatal da velha decadencia
Negou-te a divindade ó filho de Maria.
Desamparou-me a fé. A nossa consciencia
Respeita simplesmente as leis da geometria.

O tempo, o grande verme, apodreceu a escada
Por onde o visionario em noite constellada
Viu anjos a descer da luminosa esphera.

No leito sensual do azul indefinido
Ha muito que exhalou seu ultimo gemido
O Deos omnipotente — essa ideal chimera.

. . . . . .
. . . . . .

Trazemos dentro em nós hediondos animaes:
As pombas da luxuria, as rabidas pantheras
E vampiros, reptis e sonhos e chacaes,
Brilhantes como a luz, tenazes como as heras.

O sabio varonil de instinctos ideaes,
Para expulsar do craneo as lividas chimeras,
Para cortar do vicio as garras sensuaes,
Necessita de ser um domador de feras.

Na floresta do mal, nos nossos corações
Ha mais tigres, reptis e sapos e leões
Do que astros immortaes no immenso azul profundo.

O intransigente heroe inquebrantavel, recto,
Que puder dominar seu coração abjecto
Será, como Jesus, dominador do mundo.

.....
.....

Eu abandono, entrego o coração escuro
Á ferrugem que morde as lucidas espadas:
Crescei dentro de mim, como n'um velho muro
Desejos sensuaes, lepras esverdeadas!

Ó magras cortezãs d'olhar felino, impuro,
Ó gaviões febris de boccas esfaimadas,
Abutres que rodaes em volta do monturo,
Parti meu coração com lubricas dentadas.

Eu sou como um espelho anodoado e baço;
Sinto dentro de mim o lugubre cansaço,
A tristeza fatal dos Cesares antigos.

Em vão procuro a fé, em vão supplico e choro;
Só vós me consolaes, ó monstros que eu adoro,
Ó meus vicios fieis, ó meus fieis amigos!

Eu quero braços nús, braços como serpentes,
Que possam rebentar, selvagens, musculosos,
Os tigres do desejo, os tigres luxuriosos
Que sentimos rugir nos corações ardentes.

Quero despedaçar os lirios innocentes,
As crenças virginaes, os seios luminosos.
Eu quero alimentar meus sonhos tenebrosos
E sentir do remorso os purpurinos dentes.

Quero as coisas mais vis, mais baixas, mais corruptas,
O cinismo, a traição, a infamia, as prostitutas,
E não te quero a ti, ó gloria, ó virgem pura,

A ti que vaes beijar os tristes namorados,
Quando insensiveis já seus corpos verminados
Jazem na podridão da velha noite escura.

(Levanta-se e abre o esquife. Está dentro d'elle uma mulher pallida, vestida de branco e com uma corôa de virgem)

Levas na fronte a c'roa da innocencia,
Levas no labio um riso immaculado;
Partiste para o céo, piedosa essencia,
Em procura do mistico noivado.

Mas comtudo na doce transparencia,
Nas linhas do teu rosto desmaiado
Eu leio-te os segredos da existencia,
Os mil dramas da carne e do peccado...

Esmagaste do amor as garras brutas,
Cingindo ao corpo um barbaro cilicio;
Mas, ó virgem das virgens impolutas,

Quantas vezes no horror do sacrificio
Não chegaste a pensar nas prostitutas
Que á noite dormem sobre o mar do vicio!...

(Abre outro caixão. É um velho que vae para a campa, como quem vae para um baile: está barbeado, frisado, leva gran-cruzes na casaca e brilhantes nos dedos)

Foste rico e feliz: morreste velho.
Não seguiste os preceitos do evangelho,
Mas isso pouco importa.
Hasde levar sermão, missa cantada,
E eu já sinto S. Pedro abrindo a porta
Que te conduz á eterna madrugada.

Tingiram côr de rosa
Essa face nojenta, escrophulosa
Onde paira o remorso, os pesadellos...
E parece-me um pouco duvidosa
A côr dos teus cabellos.

Vaes vestido, segundo as etiquetas,
De luvas brancas e casaca escura;
Podes fazer a côrte ás Julietas
Que dormem, como tristes violetas,
Mirradas na aridez da sepultura.

Entra sem medo os turbidos humbraes!
Que importa que esmagasses a justiça
E que fosses infame como os mais,
Se tu durante a vida ouviste missa
E deixaste um legado aos hospitaes!

Lá baixo n'essas negras solidões
Hasde encontrar magnificos convivas:
Os vermes — uns glutões,
E as larvas negras — cortezãs lascivas...

(Abre outro caixão. É provavelmente um velho operario que morreu de fome. Tem a phisionomia fatigada e triste dos martyres obscuros)

Tu, ó velho de fronte bronzeada,
Filho da raça antiga dos valentes,
Magro leão dos areaes candentes,
Repoisa em paz nas solidões do nada.

Na mudêz formidavel da materia
Já nada te atormenta e te consome:
Nunca mais saberás o que é miseria,
Nunca mais saberás o que é ter fome.

(Abre outro caixão. Reconhece o cadaver de Falstaff)

Falstaff, ó meu amigo!
Risonho bebedor de vinho antigo,
Chegou-te a morte emfim;
E a morte, parasita, tambem hade
N'essa gordura cinica de abbade
Fazer o seu festim.

Ó satyro pançudo, escalavrado,
Não mais soluçará pelas tabernas
O teu riso grutesco e desdentado.
Descança em paz nas solidões eternas.

Eu vejo-a clara como a luz do dia
A vida estranha que animou teu seio:
Embriaguez, lascivia, cobardia,
Ah, tudo, tudo eu leio
Perfeitamente bem
N'esse nariz prodigio,
N'esse nariz que tem
A côr e a forma d'um barrete frigio.

(Em cima d'um banco está um lençol amortalhando um cadaver. Descose-o. É um corpo de mulher, siphilitico, apodrecido)

Talvez tu fosses minha mãe, talvez!
Mostras as verdes podridões modernas
N'essa face de cinica hediondez.
Ó Venus hotentote das tabernas,
Talvez tu fosses minha mãe, talvez!

Dás um banquete aos lirios sensuaes;
A mimosa raiz das castas flores
Bebe o sangue dos podres animaes.
São como os nossos lubricos amores
Os delicados lirios sensuaes.

A seiva juvenil das ebrias plantas
Adora a immunda chaga do leproso
E odeia o corpo anemico das santas;
A podridão d'um ventre monstruoso
Entumesce d'amor as ebrias plantas.

Vinga-te agora, ó negro coração!
Tu que soffreste injurias más, protervas,
Tu que esvasiaste o calix da paixão,
Vae transformar-te em venenosas hervas
Nas entranhas da terra, ó coração!

Transforma esse teu corpo em mancenilha
Repassada d'aromas penetrantes,
Como o calido aroma da baunilha;
E deixa descansar os viandantes
Á sombra do teu corpo, ó mancenilha!

Ó noite, ó noite, ó muda-tenebrosa!
Tu que lançaste os philtros do peccado
Sobre esta carne putrida, asquerosa
Envolve-a no teu manto constellado,
Ó noite, ó noite, ó muda-tenebrosa!

(Abre [illegible]. É o cadaver d'um padre)

Os segredos infamantes
Dos crimes ensanguentados,
Segredos que são guardados
Como se guardam diamantes;

Os sonhos maos, invisiveis,
Os desejos subterraneos,
Os monstros incoerciveis
Que habitam nos nossos craneos;

As vesgas concupiscencias
Atrozes, brutas, carnaes,
E fortes como as essencias
E duras como os cristaes;

Os pensamentos obscenos,
Os crimes dos homens *serios*,
As tragedias dos venenos
E as farças dos adulterios;

As mentiras, as traições,
As fundas hypocrisias,

As lepras dos corações
E os vermes das phantasias;

Tudo isto, ó velho abbade,
Foi parar aos teus ouvidos,
Esgotos apodrecidos
Do enchurro da humanidade.

Monge de faces sanguineas,
Ó ventre ignobil, rotundo,
Vae contar as ignominias
Que viste por este mundo
Ás larvas negras impuras
Para quem as sepulturas
Não tem portas,
Ás larvas frias que são
A alma da podridão,
A vida das coisas mortas.

(fechando o caixão)

Não conheceste o cilicio;
Causas riso e causas medo:
Attrahente como um vicio!
Profundo como um segredo!

(Abre outro caixão. Vê uma creancinha de tres annos)

Ó mães que tendes filhos, mães piedosas,
Quando elles morrerem creancinhas,
Enfeitai-lhe os caixões de brancas rosas.
Deixai, deixai voar as andorinhas
Em busca das paragens luminosas.

Não acordeis as timidas creanças
No pequenino tumulo risonho:
Ditosos os que vivem como esp'ranças,
Felizes os que morrem como um sonho.

(Abre o ultimo caixão. É o cadaver do Doutor Fausto)

Ó Fausto, ó Fausto, ó palido alchimista!
Tu que perdeste o coração e a vista
A manejar os velhos astrolabios;
Tu que ideaste uma sciencia estranha
E foste o maior sabio da Allemanha,
Que é a terra dos sabios;
Dize-me agora, ó tragico doutor,
Como cahiste n'essa grande asneira
De hypothecar a tua vida inteira
Por tres noites d'amor?!

Ó Fausto, ó Fausto, ó doido trovador!
A corrupção da nossa decadencia,
Os nossos vicios, sensuaes tyranos,
Sabem mais do que a velha experiencia
Dos teus oitenta annos!
.....
Hoje um dandy christão,
Sem infernaes surprezas,
Por quatro libras compra o coração
De quatro camponezas.
E um Fausto que já tem cabellos brancos,
Para alcançar de novo a formosura,
Emprega em vez do diabo uma tintura
Que lhe custa dois francos.
Goza-se a vida assim frascariamente,
E depois quando a gente
Quer ir dormir debaixo de uma lousa
Vem a igreja catholica romana
Levar-nos para o ceo. Que bella coisa
A *agua circassiana!*
Mas já que tu, emfim, meu pobre idiota,
Vendeste ao diabo o coração ardente,
O diabo, o grande agiota,
Hade vil-o buscar provavelmente.

(Olha para um canto e vê o diabo escondido dentro d'um confessionario)

Que vejo eu, Senhor!
O archangelico principe das trevas,
O velho tentador
Das innocentes Evas;
O espirito orgulhoso,
O espirito revel
Que atirou para o ceo esplenduroso
A ameaça da torre de Babel;
O heroe que andava em noites tenebrosas
A levantar cidades monstruosas,
Babylonias cyclopicas, estranhas,
Onde os gigantes ruivos, indomaveis
Construiam palacios formidaveis
No ventre das montanhas;
Elle o chefe dos tragicos guerreiros,
O negro salteador
Que ia lançar fogo nos mosteiros,
Para roubar as filhas do Senhor;
E que entrava nas velhas abbadias
Despedaçando os tumulos reaes
E vertendo o falérno das orgias
Sobre as letras dos gothicos missaes;

O alegre tentador de formas varias,
Que com lascivias morbidas, secretas,
Ia tentar os pallidos ascetas
Á boca das cavernas solitarias;
Elle, o pagem que em noites luminosas
Ás castellãs dormentes, vaporosas
Ia cantar as languidas balladas;
E que ás vezes parava em seu caminho
Seduzindo as crianças virtuosas,
Que estavam descuidadas,
Fiando o alvo linho
Á beira das estradas;
Elle, o filho da treva e do peccado,
O orgulhoso da raça de Caim,
Até me custa a crêr que o veja assim
Repellente, grutesco, desdentado.
E que vida sombria, aventurosa
No seu nariz gigante,
Que parece uma tromba de elephante
Pintada com a côr da caparosa!
N'aquelle olhar cansado, metaphisico,
N'essas pupillas baças
Revellam-se as desgraças,
A hypocondria d'um macaco tisico.

É como um infeliz pelotiqueiro
Esguio, frouxo, velho, quasi nu,
D'esses que a gente encontra pelas praças
Vestidos em Janeiro
Com um manto real de panno cru.

(dirigindo-se ao diabo)

Por te vêr sujo, escalavrado e roto,
Não me enganas, maroto,
Bem te conheço a ti;
Não me causas nem odio, nem horror;
Dize-me, pois: que vens fazer aqui?
Vens a buscar a alma do doutor?

O DIABO

Eu venho trazer a minha.
Ando já mesmo na espinha,
Sou como um figo maduro,
Um cão tinhoso, nojento,
Que vai buscar o alimento
Ás podridões do monturo.

Os philosophos modernos
Foram lá baixo aos infernos,
Destruiram-me os telhados,
Deixaram-me a casa nua
E pozeram-me na rua
A pontapés. Que malvados!

Fui o exemplo dos reinantes:
Tive trezentas amantes
Mettidas no meu harem,
Como um illustre varão,
O frascario Salomão
Que eu conheci muito bem.

Fui catholico romano:
Tambem tinha um Vaticano
Onde os bons dos cardeaes,
Com theologia excellente,
Discutiam sabiamente
Peccados *originaes*.

Proclamei no meu reinado
O grande dogma sagrado
Da Conceição de Maria:

Conversei com S. José;
E fiz Monsieur de Arouet
Professor de theologia.

Quando cheguei a este mundo,
Vinha roto, vinha immundo,
Cabeça nua e pés nus;
Que martyrio inda não visto!
Para o diabo ser Christo,
Faltou-me apenas a cruz.

Fui a Roma. O padre santo
Mal me viu, banhado em pranto,
Logo me fez cardeal:
Vesti saiotes vermelhos
E encobriram-me os chavelhos
Com a mitra episcopal.

Era eu quem dirigia
A sagrada mercearia
Do velho mundo christão;
E o pontifice entrevado,
(Que bello homem! coitado!)
Chamava-me seu irmão.

Afinal, oh coisa incrivel!
Tornei o papa infallivel,
Tornei-o santo tres vezes;
Mas o bom senso do povo
Respondeu ao dogma novo
Como Cambrone aos inglezes.

Perdi tudo. Um bello dia
Ergueu o collo a heresia,
Como se diz nos jornaes;
Quebra depois um banqueiro,
E foi-se todo o dinheiro
Do papa e dos cardeaes!

(N'este ponto o diabo enternece-se, as lagrimas saltam-lhe dos olhos e os soluços embargam-lhe a voz. Passados alguns momentos, continua n'um tom grutesco e lastimoso)

E ao terminar d'esta vida,
Aqui me vês sem guarida,
Morto de frio e de fome;
Não tenho casa, nem cama;
Já toda a gente me chama
Robert Macaire Gentilhome.

Quando passo nas estradas,
Sou corrido com pedradas
Pelo povo.
Uns saltimbancos ha dias,
Entre mil judiarias,
Tiraram-me um fato novo,

Esmurraram-me a corcunda
Chamaram-me em lingua Bunda
Coisas feias, coisas más,
E deram-me, (que lembrança!)
Piparotes sobre a pança
E beliscões por detraz.

Depois, com risos ferozes,
Gritaram em altas vozes:
«Vamos tirar ao diabo
Os satanicos adornos!»
E um d'elles partiu-me os cornos
E o outro levou-me o rabo.

Ora aqui tens a final
D'esta vida original
A abreviada noticia.

E accrescento-te em segredo
Que ando aqui com muito medo,
Sabes de quem? da policia.

Hade haver coisa d'um mez
Furtei um lenço a um burguez,
Um rico lenço encarnado;
Ando mais morto que vivo:
Talvez por esse motivo
Não serei canonisado.

O POETA

Satanaz, meu amigo!
Fazem-me pena as coisas que te escuto,
Pois tencionava ir habitar comtigo
Nas profundas do inferno.
Mas 'inda agora vejo, andas de lucto...

O DIABO

Morreu-me meu irmão, o Padre Eterno.

O POETA

Pois resa-lhe por alma. Meu rapaz,
Isto quem tem familia é sempre assim:
Uns vão indo adiante outros atraz;
Queira Deos que tu vás
Muito depois de mim.
Mas não chores, diabo! é lei, é sorte;
Vai a gente gosando o seu bocado
Alegremente, sem pensar na morte.
Tu andas velho, frouxo, escalavrado;
Não scismes no athaude,
Tracta-me da saude,
É o que mais convem:
Cria-me pança e coiros oleosos;
Toma ferruginosos,
Que hão-de fazer-te bem.

(O diabo continua a chorar)

Ó tenebroso archanjo desherdado,
Lança as maguas ao vento;
Toma lá este cobre esverdeado,
Vai beber á taberna esquecimento.

(O principe das trevas agradece humildemente. O poeta abre de novo o caixão do Doutor Fausto e diz-lhe:)

Quando vendeste a alma, bem sabias
Aquillo que vendias!...

(Sae da igreja. Ao chegar á rua um cão leproso e faminto atira-se-lhe ás pernas. Dá-lhe um pontapé e mata-o, dizendo:)

O mollosso fiel de antigas eras,
O velho amigo da familia humana
Que estrangulava os tigres e as pantheras

Foi um gigante de bondade indiana.
Elle dormia em noites solitarias
Atravessado á porta da cabana.

Rodavam na floresta as alimarias;
E aos gritos lamentosos dos chacaes
Estremecia o coração dos parias.

Mudos d'amor, estranhos animaes
Dilatavam os olhos coruscantes
Entre as fulvas vertigens tropicaes.

Iam beber ao rio os elephantes;
E quebravam na rustica passagem
Os troncos nus das arvores gigantes.

Sobre o cairel da horrida voragem
Espreitador, inquieto, hallucinado,
Media a presa o bufalo selvagem.

E elle, o mollosso intrepido, assombrado
Olhava o ceo profundo esplenduroso
Com olhos cheios d'um terror sagrado.

Elle era forte, ruivo, monstruoso,
E tinha vivas alegrias francas
No puro olhar azul, religioso.

Fugiam d'elle as grandes aguias brancas;
E entravam nas cavernas os leões
Co'a cauda hirsuta fustigando as ancas.

Elle era o monstro bom das solidões.
Tinha uma fresca ingenuidade altiva,
Que distingue os valentes corações.

N'aquella alma rude e pensativa,
Serena e docil como as pombas mansas,
Havia a luz da aurora primitiva.

Elle escondia as garras que eram lanças,
E todo se arqueava humildemente
Sob a mão pequenina das creanças.

E os filhos do molosso intelligente
São esta raça espuria, avinagrada,
Que anda latindo ao calcanhar da gente!

Quando a pobreza vai subindo a escada
Logo apparecem estes cães impuros
Mostrando a bocca vil, anavalhada.

Remechem na esterqueira dos monturos,
Mordem os cegos tristes, indigentes,
Que vão na sombra tateando os muros.

Nem heroicos, nem castos, nem valentes.
Maus e cobardes: a qualquer aceno
Fogem ganindo e vão mostrando os dentes.

Se tudo é baixo e putrido e pequeno!
Fermenta a humanidade; em vão se eleva
Por sobre nós a cruz do Nazareno.

O vil proscripto descendente de Eva
Sob o jugo do mal dobra o pescoço
E vai contente a rastejar na treva.

E elle, o filho do intrepido mollosso
Rasga o manto dos pobres por instincto
E lambe os pés a quem lhe atira um osso.

Tudo cahiu no immundo labyrinto
D'esta miseria, d'este egoismo atroz;
Tudo apodrece. Magro cão faminto!

Ès menos torpe que qualquer de nós.

(entrando no lupanar)

Abobada infinita,
Não és senão a tampa
D'esta sombria campa
Que a humanidade habita.

TERCEIRA PARTE

I

A noite dos amores

I

A NOITE DOS AMORES

A noite era d'Abril; o ceo era profundo,
Como concha de luz voltada sobre o mundo.

Custava a distinguir se os rios e se o mar
Seriam feitos de agua ou feitos de luar.

Fallavam entre si as arvores, as rosas,
E a immensa multidão das coisas silenciosas...

A alma universal, mysteriosa, etherea,
Sonhava como um Deos nos antros da materia.

Andavam pelo espaço effluvios penetrantes,
Como o aroma que sae da boca dos amantes.

Sentia-se um murmurio, um cantico disperso...
Era o sopro de Deos na harpa do universo.

Os olhos dos leões, dos tigres, dos condores
Abriam-se ao luar como purpureas flores.

E os mansos animaes das rochas nos escombros
Contemplavam a luz com mysticos assombros.

Ouviam-se gemer ao longe na amplidão
A guitarra do amor e a voz de D. João:

« Ó noites saudosas, minh'alma fluctua
N'um sonho indeciso de moira gentil...
Emballa-me os sonhos, ó silphide nua,
Ó pallida lua
Das noites de Abril!

«Os anjos dormitam, serenas creanças,
Ao som da harmonia das ondas do mar...
Huris encantadas volteiam nas danças,
Dispersas as tranças,
Á luz do luar.

«Aninham-se os sylphos das virgens dormentes
Nos tepidos seios de nitido alvor...
Sorriem... E os seios palpitam trementes...
Ó noites ardentes,
Ó noites de amor!

«Bailai, raparigas,
Cantai as cantigas
Á luz do luar;
Erguei-vos do leito,
Violas ao peito,
Cantar e bailar!

«Não sente canseira,
Não pode cansar
Quem baila na eira,
Quem canta ao luar.

«Cantando cantigas,
Andando a bailar,
Descobrem-se as ligas
Á luz do luar.

«No meio das danças
Apertam-se os dedos...
Que ricas lembranças!
Que lindos segredos!

«Saltai nas espigas,
Deixai os cuidados;
Bailai, raparigas,
Cantai namorados!

«Lá vem as fadigas,
Lá vae o luar,
E adeos as cantigas
E adeos o bailar;
Então, raparigas,
Erguei-vos do leito,
Violas ao peito
Até as quebrar!»

E á voz de D. João corriam aldeãs:
A face trigueirinha, o labio de romãs.

Andavam pelo ar sonhos enfeitiçados.
A guitarra cantava. Enchiam-se os eirados.

As creanças gentis, urnas de pura essencia,
Frescas como um lilaz, brancas como a innocencia,

Erguiam-se do leito e vinham-se banhar
Na luz silenciosa e meiga do luar.

Os soluços d'amor nos peitos das Ophelias
Rebentavam chorando, alvos como as camelias.

Fechava-se ao relento o calice das rosas.
Abriam-se os balcões e as portas mysteriosas.

E o louco D. João na sombra das estradas
Fazia-as suspirar, as virgens desmaiadas...

Seus beijos sensuaes voavam como abelhas
Dos collos mais gentis ás bocas mais vermelhas.

E o rosto onde poisava um beijo d'elle, um astro,
Perdia logo a côr, tornava-se alabastro,

Co'a doce pallidez e o mimo transparente
Do corpo virginal d'uma creança doente.

E no entanto D. João ia pelos caminhos
Entre aromas e sons e fremitos de ninhos,

Deixando atraz de si nas relvas verdejantes,
Desgrenhadas de amor, as pallidas amantes.

E no silencio azul de tentações repleto
Volteiava a canção, como um vermelho insecto:

«É noite alegre e formosa!
Vesti-vos de côr de rosa,
Com cintos de verde-mar;
É a côr que eu mais estimo:
Ai, que frescura, que mimo,
Dando-lhe em cheio o luar!

«Iremos de braços dados,
Como alegres namorados,

Nos luminosos caminhos;
E ao som das nossas risadas
As aves alvoraçadas
Cantarão dentro dos ninhos.

«Ao passar entre o arvoredo,
—Ai, que sustos! ai, que medo!—
Direis vos todas febris...
E esses peitos virginaes
Palpitarão.... Fora o mais...
Fora o mais que se não diz.

«Deixemos livros e sabios!
Tendes bocas, tendes labios,
Dae-nos beijos, dae, amores!
Com delicias tão suaves
Façamos cantar as aves,
Façamos abrir as flores!

«Erguei-vos, sim, minhas filhas!
Vinde ouvir as guitarrilhas,
Vinde vêr as maravilhas
Que ha lá no fundo do mar...

Vêr palacios de alvoradas,
Onde as damas encantadas
Com suas mãos delicadas
Tecem a luz do luar.

«Tudo quanto sonha e cria
Vossa doida phantasia
Tereis tudo... Noite e dia
Canta lá o rouxinol...
N'essas grutas transparentes
Ha em leitos viridentes
Loiros principes dormentes
Com cabellos côr do sol...

Sobre o balcão em flor, tranquilla, adormecida,
Sonhava docemente a casta Margarida.

Nas formas ideaes, magneticas, franzinas,
Não têm maior fluidez as cerulas Ondinas.

Requebrada, embebida em tintas de luar,
Fazia-nos sentir, fazia-nos lembrar

A simples candidez das alvas pombas mansas,
A frescura do linho e o somno das creanças.

E sobre tudo isto a graça virginal,
Como um beijo de luz n'um fundo de crystal.

Sonhava... Ao escutar a languida toada,
Poisando sobre a mão a face avelludada,

Abriu humidamente os grandes olhos vagos:
Puros como dois céos! tristes como dois lagos!

Rompera-lhe da alma o seu primeiro amor,
Como no mez de Abril rompe da haste a flor.

Ficara como a pomba a esvoaçar no abismo.
Correu-lhe pelo corpo um doce magnetismo...

E a curva musical das suas niveas pomas
Arfava como oceano a trasbordar de aromas.

E a canção continuava a rir e a chorar
Entre as scintillações maviosas do luar:

«Vinde, moças e meninas,
Que eu leio o livro das sinas
Nas vossas mãos pequeninas,
Nos vossos olhos traidores...
Sei as vidas dos amantes,
Com seus peccados galantes,
Melhor do que os estudantes
E que os padres confessores...

«Eu interrogo os segredos
Das coisas mudas, sombrias...
E as fallas dos arvoredos
E o canto das cotovias.

«Sei cantigas mysteriosas,
Cantigas de endoidecer,
Que os sylphos dizem ás rosas
E as rosas me vêm dizer.

«Conheço os fluidos medonhos,
Os fluidos inebriantes
Que a flor amarga dos sonhos
Entorna sobre os amantes.

«Dos olhos negros, serenos,
Languidamente quebrados,
Sei extrahir uns venenos
Para dar aos namorados...

«Eu tenho sobre um altar
Mil rendilhadas bocetas:
Vou-as enchendo ao luar
Com beijos das Julietas.

«Tenho em vasos crystallinos,
Sepulchros de muita flor,
Os corações purpurinos
Das virgens mortas de amor.

«E em noites negras, soturnas,
Mal eu vou adormecido,
Sae um choro comprimido
Do fundo d'aquellas urnas.

«Tenho volupias secretas,
Essencias desconhecidas
De endoidecer os poetas
Que fogem das Margaridas.

«Faltava-me achar agora
Um philtro que é preparado
Com luar crystallisado
E risos brancos da aurora.

«Diz o livro do destino
Que só ha uma donzella
Que no mel dos labios d'ella
Guarda esse philtro divino.

«Vi as rosas tropicaes,
Vi os lirios da Allemanha,
Vi as marquezas de Hespanha,
E as filhas dos cardeaes;

«E o doce effluvio, o aroma
Que eu procurei no Oriente,
Na Grecia, em Cadix, em Roma,
Vim achal-o finalmente

«Na tua bocca vermelha,
Aonde o beijo primeiro
Dorme ainda como abelha
Nas folhas d'um jasmineiro.»

. . . . . .

O echo repetiu, a soluçar, ainda
Da languida volata os ultimos harpejos;
Depois... adivinhae... Na solidão infinda
Sómente se escutava a musica dos beijos...

.....
.....
.....
.....

O pallido clarão da fresca madrugada
Inundava de luz o ether silencioso;
Por detraz da montanha espiritualisada
Vinha rompendo o sol como um titan curioso.

Sentiam-se fallar as aves nos seus ninhos.
E o feliz D. João, traidor como a serpente,
Por entre o nevoeiro espesso dos caminhos
Cantava esta canção maliciosamente:

« Ó pallidas rosas,
Que em noites saudosas
Dormis languorosas,
Da lua ao clarão,

Deitai-vos, donzellas!
E em noites tão bellas
Fugi das janellas,
Que eu sou D. João.

«Fugi, sensitivas,
Que as almas esquivas
Desmaiam lascivas
Da lua ao clarão...
E em noites escuras,
Ó vós que sois puras,
Temei aventuras,
Que eu sou D. João.»

.....
.....

E a doce Margarida, ao despertar no leito
Sem aquella innocencia occulta das creanças,
Encobriu o seu rosto em lagrimas desfeito
No luctuoso veo das perfumadas tranças.

E as solicitas mães, as velhas mães piedosas,
Ao irem acordar as filhas desmaiadas,
Não lhes vendo na face as purpurinas rosas,
Exclamaram depois loucas, sobresaltadas:

«Com quem fostes dormir ao pé das mancenilhas?!
Quem vos deixou assim brancas como um lençol?!
E a chorar, e a tremer diziam-lhes as filhas:
—O aroma do luar e a voz do rouxinol...

II

A guitarra de D. João

II

A GUITARRA DE D. JOÃO

Ia quasi no fim a ceia. D. João,
Sentindo dentro d'alma a flor da hypocondria,
Fumava e remordia
Um pessimo charuto, um *breva* de tostão.
Em volta as Messalinas,
Repletas de cognac,
Esvasiavam rindo as taças crystallinas,
Trauteando as canções alegres de Offenbach.

Na hedionda palidez, nas caras desmaiadas
Das Venus triviaes,
Abriam-se aos desdens, rubras como facadas,
Bocas avermelhadas,
Bocas de canibaes.
E os olhos côr da noite, os olhos desleaes,
Doces como setim,
Vertiam brandamente as humidas scentelhas
Sob a curva ideal das negras sobrancelhas
Pintadas a nankim.
Uma das cortesãs de formas vis, ridiculas,
Cheirando muito a alho e tresandando a vinho,
Com a tosse febril saltavam-lhe as claviculas
No magro peito nu, da côr do pergaminho.
Outras eram gentis, clorothicas, gulosas;
Gostavam de comer sómente as sobremesas,
E sabiam contar coisas libidinosas
Com phrases de soldado e um ar de archiduquesas.
Via-se ali tambem a deslumbrante Imperia:
Carnes phenomenaes, brancas espaduas nuas,
Vampiro da paixão, milagre da materia,
Gostando de Bordeus, d'amor e de ostras cruas.
Bebia, saboreava os preciosos vinhos
Com gestos senhoris, altivos, miudinhos,

D'um *chic* singular, um pouco amaneirado;
E que graça, meu Deus! que tentação fremente,
Vendo-a despedaçar, morder felinamente
Com vermelho apetite um biffe ensanguentado!
Mas no luxo venal d'aquellas prostitutas,
Nas olheiras fataes das noites dissolutas,
As noites de embriaguez;
No exagero febril do corte dos vestidos,
Desfeitos e tingidos
Pela segunda vez;
Nas joias de *plaqué*, nas pedras preciosas,
Ordinarios crystaes com venenosos brilhos;
Na ictericia cruel dos murchos veludilhos,
Nas carnes sem pudor, batidas, gordurosas;
Em tudo estava impressa a tragica ironia,
O sorriso fatal
Da miseria elegante, amarga, doentia,
Da miseria que vae morrer na enfermaria
D'um lugubre hospital.
Havia pelo chão copos despedaçados.
Sentia-se bater a aza flammejante
Dos vicios delicados.

Esmaiavam de sede as purpurinas rosas.
E a viva luz do gaz, crua como um diamante,
Tinha scintillações phantasticas, nervosas.
Pela gorda atmosphera esbranquiçada, opaca,
Que poderia até cortar-se mesmo á faca,
Andavam mil vapores,
Mil essencias febris, bebadas, desvairadas:
Exoticos licores,
O aroma dos bouquets e o cheiro das pomadas.

IMPERIA

«Só eu á tua dôr encontrarei remedio,
Meu pallido *crevé*, meu triste D. João;
Só eu posso arrancar-te a negra flor do tedio
Que Satanaz cultiva em nosso coração.

«Quando penso ao luar nos osculos divinos,
Nos beijos da tua boca, esplendidas abelhas,
Os meus sonhos de amor são cactos purpurinos
Que abrem, ó D. João, as petalas vermelhas.

Eu conheço a finura, a graça, a geometria
Da moderna paixão louca, desordenada;
E sei como se bebe um copo de alegria
N'um crystal da Bohemia, ás tres da madrugada.

Eu conheço da carne as morbidas essencias,
Os phyltros do prazer, os lubricos peccados.
Tenho no meu olhar finas concupiscencias,
Desejos tropicaes, occultos, sublinhados...

Eu mergulho em veludo e rendas de Malines,
Com a graça infernal, as graças do deboche,
Meu corpo que anda exposto em todas as vitrines
Ao pé de Lacenaire e ao pé da Rigolboche.

Cleopatra bebia as perolas do Oriente,
Eu bebo com champagne os ternos corações.
Adoro o baccarat extraordinariamente,
E costumo calçar luvas de seis botões.

Quando passo na rua, as damas elegantes
Acusam com o olhar os perfidos maridos...
Murmuram entre si dictos escalpelantes,
E imitam-me a final todos os meus vestidos.

Os pallidos *crevés*, lymphaticos Othellos,
Que eu conduso do amor aos negros labyrinthos,
Suicidam-se por mim, batem-se nos duellos
E morrem como os cães, os magros cães famintos.

Abandonam da esposa o seio casto e brando,
Para satisfazer-me a doida fantasia;
E torpes e febris entram cambaleando
Na alcova nupcial ao despontar do dia.

Muitos que eu conheci riquissimos banqueiros,
Dandys do grande tom andam pelas galés;
Alguns, ó D. João, fizeram-se cocheiros,
Outros morrem de fome á porta dos cafés.

Os velhos bestiaes, os monstros debochados
Que contemplam da morte o olhar sinistro e mudo,
E já sentem ranger nos ossos cariados
O *bull dog* infernal do reumatismo agudo,

Dão-me rendas e oiro e ceias e brilhantes;
Pôem dentadura falsa e luvas amarellas,
E atiram a meus pés humildes, soluçantes,
Os frios corações, envoltos em flanellas.

E por ti, D. João, por ti a quem outr'ora
Eu louca despenhei no inferno dos amores,
Por ti eu deixo tudo o que a minh'alma adora:
Os meus vicios fieis — pagens encantadores.»

D. JOÃO

Sou um pantano escuro, inavegavel, quieto,
Sem vida, sem amor, sem vibrações, sem luctas.
Trago dentro de mim um coração abjecto,
Torpe como o lençol das velhas prostitutas.

O *spleen* dominador, vampirico, secreto,
Roeu-me da consciencia as fibras impollutas.
Sou um pantano escuro, inavegavel, quieto,
Como a hedionda paz das trevas absolutas...

Se esgotei finalmente os sonhos do imprevisto,
Se já não posso ter as sensações agudas
Da virtude e do mal, porque é que ainda existo?

Sinto-me naufragar no horror das trevas mudas...
Quem me dera gemer no teu calvario, ó Christo!
Quem me dera sentir o teu remorso, ó Judas!

IMPERIA

Eu que tenho no olhar o incoercivel dente
Que aguilhoa da carne os sonhos bestiaes,
E tenho as attracções nervosas da serpente
Com que Jehovah tentou nossos primeiros paes;

Eu, a mulher perdida, a cynica indolente,
A torpe barregã de olhos sentimentaes,
Que ando de mão em mão escandalosamente
Como as cartas de jogo e os livros sensuaes;

Eu negra flor do mal silenciosa e calma,
Eu que cheguei a ter escrophulas na alma,
E abri um lupanar dentro do coração;

Ao vêr o teu olhar, o teu olhar sombrio,
Ó canalha gentil, ó pallido vadio,
Eu, que despreso o amor, amo-te D. João!

D. JOÃO

Deixai-me só, deixai-me, ó lindas creaturas.
Já me aborrece o amor; fugi, pombas inermes;

Fugi, fugi de mim, cantharidas impuras,
Vampiros sensuaes, deliciosos vermes.

IMPERIA

Mas que genio infernal, que nervosa attracção
Faz com que nós, D. João,
Corramos para ti, loucas, apaixonadas,
Como um rebanho mau de victimas damnadas
Que têm o teu olhar por unico pharol,
E vão de terra em terra, ao vento, á chuva, ao sol,
Deixando atraz de si nas urzes das paixões
Os farrapos da alma, os velhos corações,
Tão cheios de bolor, tão gastos pela traça,
Que o mais faminto abutre olha-os, fareja... e passa.

D. JOÃO

Quero-vos confessar o meu segredo; ouvi-me:

Eu tenho uma guitarra, um talisman sublime
Que pertenceu outr'ora a D. João Tenorio;
O peito mais cruel, mais rijo, mais marmorio
Desmaia apenas ouve as musicas estranhas
Da guitarra maviosa. A alma das Hespanhas,

Os canticos do sol, o aroma do luar,
O fogo da paixão rubra, peninsular,
Tudo soluça e canta e resplandece e brilha
Dentro d'esta guitarra. Os jardins de Sevilha,
Salamanca, Granada, o Tejo, o Manzanares
Conhecem-lhe de ha muito os lubricos cantares.
Quando ella murmura uns intimos harpejos,
Revoa pelo ar um turbilhão de beijos,
Desabrocham sorrindo os calices das rosas,
E erguendo-se do leito as virgens vaporosas,
Somnambulas de amor, brancas como alabastro,
Vão seguindo, seguindo o luminoso rastro
Da musica febril...

Creanças perfumadas,
Doces como Jesus, frescas como alvoradas,
Olympicas visões, pallidas Julietas,
O que é feito de vós, ó longas tranças pretas,
Ó lilazes em flor, ó urnas de alegria
Que eu quebrei como quebro ao despontar do dia
Um crystal da Bohemia, um copo esvasiado?!
Pombas que eu arrojei ás trevas do peccado,
O que é feito de vós?!

Umas, sem coração,
Usurarias da carne, agiotas da paixão,
Fazem do seu amor obscenos restaurantes
Aonde á meia noite os tristes viandantes
Vão pedindo por lista os gosos sensuaes,
Ardentes como o sol, frios como os punhaes.
Outras foram viver nos lugubres conventos,
Apertando o cilicio aos corpos macilentos,
Os corpos juvenis de brancas formas raras
Que eu tanta vez beijei n'aquellas noites claras,
Em que a luz do luar tem fallas silenciosas
Com que vós desmaiaes, brancas visões mimosas.
E o resto, finalmente, expulsas dos bordeis,
Andam cynicamente em volta dos quarteis,
Dando por um ceitil os beijos avinhados
Ás bocas dos ladrões e ás bocas dos soldados.
Depois, cheias de fome e lepras bestiaes,
Hão de ir a fermentar dentro dos hospitaes,
Aonde á luz do sol os magros estudantes
(E alguns foram talvez outr'ora os seus amantes!)
Enterrarão sem dó os frios bistouris
Na velha podridão d'aquellas carnes vis,
Fazendo observações, soltando gargalhadas,
Mettendo-lhes no ventre as mãos ensanguentadas,

Cortando, retalhando os membros que afinal
Cosidos n'um lençol, dado pelo hospital,
Irão á meia noite em tumulos sombrios
E seguidos de tres ou quatro cães vadios
Perfumar, engordar as lubricas raizes
Dos crassos vegetaes, os vegetaes felizes
Que arrogam para a luz, fortes, envernisadas,
Grandes folhas hostis, brunidas como espadas.

IMPERIA

Bebe um calix de absintho, e diz-nos, D. João,
Onde é que tu achaste essa guitarra ardente
Que domina, subjuga o nosso coração,
Como um indio que faz dançar uma serpente.

D. JOÃO

No tempo das flores
Eu fui a Sevilha
Em busca de amores.

Eu fui a Sevilha
Por vêr das morenas
O pé feiticeiro,
E em noites serenas
De branco luar
Cantar e bailar
Ao som do pandeiro.

Morenas, morenas,
Sentindo-me triste,
Lembrei-me de vós,
Fugiram-me as penas.
Morenas! Morenas!

Um rosto moreno,
Uns olhos trementes,
Um pé andaluz,
Que linda receita
P'ra almas doentes!
Que linda!... Jesus!

E se esta miragem
Me deu e me trouxe
Tão vivo prazer,
Então se não fosse
Miragem apenas...
O que ia eu dizer!...
Morenas! morenas!

No tempo das flores
Eu fui a Sevilha
Em busca de amores.

E apenas lá cheguei, oh, maravilha
Da eterna formosura!
Vi a creança mais ideal, mais pura
Que os olhos meus têm visto!

Era nervosa, pallida, franzina,
Doce como o cantar d'um rouxinol!
Corpo gentil de fugitiva ondina,
Tranças phenomenaes da côr do sol.

Tinha a brancura lactea das camelias,
Os gestos vaporosos das Ophelias,
A incoherencia dos sonhos ideaes...
Os seus olhos azues, astros bemdictos,
Eram dois grandes mudos-infinitos,
Como as piedosas noites tropicaes.
Dentro d'elles havia harpas eoleas,
Aromas penetrantes das magnolias,
Cantos da beira-mar
E um não sei quê de ingenuo e de magoado,
Como um silencio azul atravessado
Pelos aromas quentes do luar.
O linho branco e fino
Não tem maior frescura
Que a carne do seu corpo alabastrino.
Lirio de amor! mimosa creatura!...
.....
Era filha d'um conde millionario,
(Como todos os condes das balladas)
Vivendo solitario
N'um castello de ameias rendilhadas.
Tive no pensamento
A ideia extravagante
De a ir pedir ao pae em casamento;

Mas, para conservar certo decôro,
Quiz conquistar primeiro a linda amante
Com duas ou tres cartas de namoro.
Gastei dias e dias
E noites tenebrosas,
Procurando metaphoras sombrias,
Rimas difficultosas,
Adjectivos exoticos, vermelhos,
Comparações brunidas como espelhos,
Palavras côr da treva, côr do abysmo,
Para fazer sonetos iriados,
Deslumbrantes, correctos, purpureados
Nas estufas ideaes do gongorismo.
Cancei-me de escrever:
Resposta, nunca veio.
Que ingenuidade então! eu hoje creio
Que a minha amada não sabia lêr.
Mas não desanimei; até parece
Que achei certa poesia
Que a branca Julieta não soubesse
Os mysterios fataes da orthographia.
Ficava assim com a innocencia inteira
D'uma Eva feliz

Que usa a classica folha de videira,
Cortada pelos moldes de Paris.
Para lançar-lhe ao peito a crua garra
Dos meus fieis amores,
Mandei chamar um mestre de guitarra,
O instrumento official dos seductores;
Porque hoje as rimas das canções mais bellas
Não desgraçam donzellas,
Desgraçam simplesmente os editores.
Comprei um manto de velludo preto,
Um *sombrero* e uma espada;
E triste como Hamleto
Ia sempre ao romper da madrugada
Tocar-lhe variações
Debaixo do balcão que estava em flor,
Como acontece a todos os balcões.
E a sylphide cruel do meu amor,
A Beatriz infernal,
Sem ter piedade de paixões tamanhas,
Dormia nas finissimas bretanhas
Do pequenino leito virginal.
Dormia envolta nos aromas loiros
D'um roseo nevoeiro,

E sonhava talvez adormecida
Com os braços nervosos d'um toureiro
Que matára dez toiros
Na ultima corrida...
.....
.....
Uma manhã que eu ia passos lentos
Ruminando meus tristes pensamentos,
Meu tenebroso amor,
Ouvi ao longe um canto illuminado,
Alegre, juvenil, embalsamado
Como um lilaz em flor.
A guitarra cantava uns estribilhos
Maliciosos, vermelhos, matinaes,
Loucas scintillações de claros brilhos,
Vivas como crystaes.
E a minh'alma sinistra e tumular
Sentiu-se bôa, oxigenada, esperta,
Como quem chega a uma janella aberta
Que lança para o mar.
Fui instinctivamente
Seguindo as vibrações da guitarrilha;
Era D. João Tenorio de Sevilha,
O cavalleiro ardente

Que sob uma janella rendilhada,
Se bem me lembra a mim,
Cantava uma ballada,
Uma ballada que dizia assim:

Quando ella passa,
Ligeira corça,
Cheia de graça,
De mimo e força;

Desmaio, anceio,
Tenho receio,
Fico tremente,
Como o selvagem
Que, ao vir da aragem,
Ancioso escuta
O sopro ardente
Da fera bruta.

Sim, estremeço
Como estremece
Ligeira messe
Que o vento inclina;

E ao mesmo tempo
Ao vêr a doce
Mulher divina,
De tal maneira
Cheio de vida
Fico, Senhor!
Que a terra inteira
Desapparece,
Nuvem ligeira,
Nuvem perdida
No ceo do amor.

É juntamente
Febril panthera,
Pombinha mansa:
Olho de fera,
Rir de creança.

Ao vêr o fluido
D'aquelle olhar,
Eu vou levado
Como emballado
Por sobre as ondas
D'um grande mar.

Seu lindo pé,
Nunca em Sevilha
Vi maravilha
Tão pequenina;
Duvido até
Que haja na China
Tão lindo pé.

N'isto abriram-se as portas da janella,
E ao depois vi surgir
A grande flor morena, a flor mais bella
Das margens quentes do Guadalquivir:
Formas esculpturaes;
Formas nobres, elasticas, nervosas,
Como as antigas deusas gloriosas,
Serenas, triumphaes,
Que nós vemos nos marmores sagrados,
Com um sorriso branco e transparente,
Poisando a mão valente
Na juba espessa dos leões curvados.
Brilhavam nos seus olhos tempestuosos
Pensamentos purpureos, silenciosos,
Cortados de relampagos d'amor...

Era a deusa das *jotas,* dos fandangos:
Tinha a viveza acre dos morangos
E os aromas dos fructos do Equador.
Mas voltemos ao conto: D. João,
Apenas viu a bella enamorada,
Marinhou pela escada,
Poisando a guitarrilha sobre o chão.
Eu peguei n'ella, (que ventura a minha!)
E fui louco de amor como os poetas
Tocar aquellas musicas secretas
Á loira condessinha.
Mal eu passei os dedos
Por sobre aquellas cordas feiticeiras,
Ouvi gemer uns intimos segredos,
Notas alegres, vividas, ligeiras,
Risos doirados, harmonias cérulas,
Que brilhavam no ar fresco e transparente
Como cascatas de rubis e perolas.
Depois era uma languida volata,
Um cantar melancolico e dolente,
Orvalhado de lagrimas de prata.
E assim que a Julieta adormecida
Ouviu aquella musica dorida
A chorar e a cantar,

Ficou tremente, desmaiada e calma,
Como se houvera mergulhado a alma
N'um banho de luar.
Levantou-se do leito semi-nua,
Pallida como as brancas açucenas;
E, crusando no peito as mãos pequenas
Ella me disse: «D. João, sou tua!»
Como era bella assim! As loiras tranças
Encobriam-lhe os seios virginaes...
Oh, frescura da carne das creanças!
Oh, dentadas d'amor!... oh, canibaes!
Para pintar-lhe as formas peregrinas,
As curvas nobremente alabastrinas,
As curvas sensuaes das niveas pomas,
Seriam necessarias com certeza
Todas as expressões da natureza:
A luz, a côr, a musica, os aromas...
.....
.....
Mas n'isto de repente,
Com um gesto fatidico, marmoreo,
Surge-me frente a frente
O espadachim do D. João Tenorio.

Ouvira da guitarra feiticeira
Os languidos suspiros.
Travou da espada c'uma furia immensa,
E eu tirei da algibeira
Simplesmente um revolver de seis tiros.
Coitado! o menestrel da Renascença,
A flor dos cavalleiros andaluzes,
O typo da suprema valentia,
De armas de fogo apenas conhecia
Morteiros e arcabuzes.
Caminhou para mim acceso em ira,
Erguendo ao ar o ferro coriscante
Que assassinara o pae de D. Elvira.
Ia atirar-me um golpe ao coração,
Eu disparei, e n'esse mesmo instante
Cahiu morto no chão.

IMPERIA

Bebo á tua saude, ó novo D. João.

E o novo D. João, triste, silencioso,
Levantou-se e partiu, assim como quem leva
Dentro do coração os pantanos do goso,
As grilhetas do *spleen* feitas de chumbo e treva.

Ao sahir do bordel pegou na guitarrilha,
Quebrou-a com os pés, desfel-a em mil pedaços;
E depois exclamou: «Ó noite, ó mancenilha,
Estendei sobre mim os venenosos braços!»

Estava negro o ceo, profundamente esqualido.
E das nuvens fataes no tremulo castello
O crescente da lua avermelhado e pallido
Brilhava como a folha enorme d'um cutello.

III

O encontro

III

O ENCONTRO

Era uma velha rua miseravel,
Cheia de podridão,
Triste, caliginosa, impenetravel
Como um dogma christão.
A noite estava escura;
E n'esse beco a treva dir-se-hia
Feita de tinta negra e de gordura.
A luz dos candieiros taciturnos
Lampejava e tremia,
Como os olhos dos bebados nocturnos.

Nos bordeis graviolentos
Misturavam-se ás roucas gargalhadas
As canções avinhadas,
Os gritos e os lamentos.
Ao fundo das tabernas,
Sombrias como as bocas das cisternas,
Desenhavam-se vultos phantasiosos:
Os malandros esguios, angulosos,
De olhar azul, traiçoeiro, sem coragem,
E os assassinos ruivos, musculosos,
Com pescoços de bufalo selvagem.
Remexiam nos torpes labyrintos,
Á busca do jantar,
Os magros cães, Diogenes famintos.
Andavam farejando a podridão,
E, com a cauda erguida para o ar,
Desenhavam d'um modo singular
Estranhos pontos de interrogação.
E á porta de uma tasca, solitario
Dormia D. João.
Já não era esse typo legendario
Do seductor gentil romantisado;

Era apenas assim como um farçante,
Um bebado tunante,
Pallido, escalavrado.
Havia n'elle um mixto gorduroso
Do ladrão, do cocheiro e do soldado.
Tinha o aspecto immundo e crapuloso
De um Tenorio servil de baixa esteira
E o rosto bilioso
D'um jogador de feira.
Estendido na rua, sobre a lama,
Na escuridão do cerebro doente
A embriaguez creara-lhe este drama:

O SONHO DE D. JOÃO

Era uma noite linda, surprehendente:
O luar escorria entre as verduras
Ineffavel, somnambulo, dormente.

As larvas feias, humidas, impuras,
Os animaes viscosos, rastejantes,
Sahiam d'entre as negras espessuras,

D'entre as vegetações luxuriantes,
Onde fallam as bocas verminadas
Dos solitarios, lividos amantes.

As flores das magnolias perfumadas
Dormiam como pombas côr do arminho
Sobre as folhas luzentes, bronzeadas.

Os rouxinoes cantavam no seu ninho.
Vinham dos florescentes arvoredos
Emanações mais frescas do que o linho.

Os rebanhos deitados nos penedos
Abriam os seus olhos resignados,
Cheios de melancolicos segredos.

Lampejavam os trigos prateados
E o dorso faiscante dos rafeiros
Nas luminosas pedras dos eirados.

As resequidas hervas dos outeiros
Tinham scintillações mais cristalinas
Que as espelhadas lanças dos guerreiros.

As venenosas plantas assassinas,
Felizes como o somno da innocencia,
Vegetavam nos muros, nas ruinas.

E sobre o fundo abysmo da existencia
Ia cahindo, como um sonho ethereo,
Da casta luz a branca somnolencia...

Esfarrapado, livido, funereo,
Como velho esqueleto, D. João
Encontrou-se n'um grande cemiterio.

E ao ver-se alli, na morta solidão,
Para espalhar as sombras e os terrores,
Poz-se a cantar ao vento esta canção:

Ó raizes agudas dos ciprestes,
Ó raizes das flores,
Dizei: o que fizestes,
O que fizestes vós dos meus amores?!
Aonde estão as carnes delicadas
Das brancas Julietas perfumadas,
Das meigas Beatrizes?

Dize-m'o tu, ó aço das enchadas!
Dizei-o vós, ó lubricas raizes!
Virgens loiras e novas
Que partistes do mundo sem amar,
Devem de ser bem frias essas covas,
Essas prisões sem ar!
Antes desseis as bôcas impollutas
Ás bôcas dos ladrões, dos assassinos,
Se vós tinheis de ser as prostitutas
Dos vermes libertinos!...
.....
.....
N'isto ouviram-se ao longe a soluçar
Umas vozes sombrias, compassivas,
Como as ondas monotonas do mar.

Eram as velhas almas redivivas
Das Magdalenas tristes, lastimosas;
Como um tropel de palidas captivas,

Caminhavam sinistras, lagrimosas,
Dispersas pelo ar as longas tranças,
Encrusadas no peito as mãos piedosas.

Mostravam todas, miseras creanças!
Atravez dos alvissimos sendaes,
Os corações varados pelas lanças.

Nas frontes juvenis, esculpturaes,
Tinham a doce palidez funesta
Do alabastro dos tumulos reaes.

Era um mar d'agonia, uma floresta
De suspiros ardentes, desgrenhados...
Algumas d'ellas com tristeza honesta,

Inda vestidas para os seus noivados,
Dos filhinhos ás bôcas infantis
Offreciam os peitos golpeados.

Outras que foram lirios juvenis,
Já carcomidas pelas larvas frias,
Caminhavam sem olhos, sem nariz,

Envolvidas em tunicas sombrias,
E cheias de luar phosphorecente
As descarnadas orbitas vasias.

E toda esta multidão plangente
Foi rodeando o tremulo devasso
Silenciosa, ameaçadoramente.

E n'esse mesmo instante pelo espaço
Aquellas almas, corações e vidas
Arrebentaram, como bombas d'aço,

N'uma explosão de vozes doloridas:

O CORO DAS VICTIMAS

Nós somos D. João, as palidas amantes
Que tu assassinaste a rir e a cantar.
Não temos sepultura, andamos supplicantes,
Expondo pela noite aos ventos soluçantes
Os nossos corações mais frios do que o mar;
Nas campas virginaes, batidas do luar
Não deixa Deus dormir as palidas amantes.

A terra, a bôa mãe que produziu as flores
E que escondeu a luz na rocha dura e fria,
Ella que abre egualmente os peitos creadores

Aos homens e aos leões, aos tigres e aos condores,
Ao lirio assetinado e á immunda larva escura,
Ai de ti D. João! nega-nos sepultura
A terra, a boa mãe que produziu as flôres.

Desde que á noite canta a voz do rouxinol,
Manda-nos Deos lavar com nosso pranto ardente
Os beijos que nos déste, os beijos côr do sol...
Quando vem despontando o fulgido arrebol,
Tornamo-nos então em nevoa transparente;
Ai! que melancolia o coração não sente,
Quando ouvimos cantar á noite o rouxinol!

Não iremos dormir ao pé das Beatrizes,
Sem primeiro curar com nossas mãos piedosas
Do teu preverso amor as fundas cicatrizes;
E ao depois sobre nós hão-de criar raizes
Os bellos vegetaes de folhas lagrimosas,
Por debaixo do azul das noites silenciosas,
Quando formos dormir ao pé das Beatrizes.

E por ti, D. João, abandonámos tudo!
A flor da primavera, as graças matinaes,
Alegrias do amor, dôces como o velludo.

Partiu-se-nos da fé o cristalino escudo;
Deixámos para sempre os leitos virginaes,
Deixámos nossas mães, deixámos nossos paes,
Por ti, ó D. João, abandonámos tudo!

Dos teus olhos febris as dôces punhaladas
Mataram-n'os da alma os sonhos cristalinos;
Andámos pelo mundo exhaustas, desgrenhadas,
Lançando no abandono á margem das estradas
Do teu lubrico amor os fructos pequeninos.
Inda aqui pódes ver nos seios diamantinos
Dos teus olhos febris as dôces punhaladas.

Maldito sejas tu por toda a eternidade!
E não possa jámais na tua consciencia
Entrar um raio só de graça e claridade!
Em nome da justiça, em nome da orphandade,
Em nome da miseria, em nome da innocencia,
Em nome de Jesus, do céo, da Providencia
Maldito sejas tu por toda a eternidade!

D. JOÃO

Eu não vos tenho medo, ó pallidas creanças,
Que verteis sobre mim lagrimas compungidas
E negras maldições, agudas como as lanças.
Chorae, desenrolae as vossas longas tranças,
Levantae para o céo as mãos arrependidas,
Que eu não vos tenho medo, ó brancas Margaridas,
Ó sombras immortaes das pallidas creanças.

Eu hei-de ir para o céo por mal dos meus peccados:
O céo é hoje em dia um velho pardieiro,
Um grande casarão, sem vidros, sem telhados,
Aonde vão dormir os corpos arruinados
Que já não têm saude, e já não têm dinheiro.

Quem andou pela terra em misero abandono,
Aos encontrões da sorte, ao vento, á chuva, aos frios,
A velha meretriz, os magros cães sem dono,
Os rotos histriões, os santos e os vadios,
Todos lá vão dormir o derradeiro somno.

E então aquillo está que é mesmo uma desgraça,
Desde que Jehovah morreu de apoplexia:

Os tapetes senis comidos pela traça,
Torres a desabar, muros sem argamaça,
E o tecto, simplesmente a noite escura e fria.

É mais difficultoso o ir para o inferno:
Precisamos de ter lindissimas amantes
D'um *chic* sensual, bem novo, bem moderno,
Habitar em Paris dois mezes pelo inverno,
Conversar nos salões, jantar nos restaurantes,
Conhecer muito bem os vicios agradaveis,
Ir ás onze da noite ao theatro italiano,
Ter cavallos de raça e gestos impecaveis
E dois ou tres milhões n'um banco americano.
Não basta ser ladrão, não basta ser frascario;
O inferno encareceu, e é isso o que eu lamento.
Para perder a alma é hoje necessario
Ou ter muito dinheiro ou ter muito talento:
Chamarmo-nos Voltaire, ou ser-se millionario.

Já vós vêdes agora, ó almas cristalinas,
Que o paraizo, emfim, não é para invejar;
É muito pittoresco assim como as ruinas,
Mas só deve ser visto em noites de luar.

N'isto D. João soltando uma risada
Acordou finalmente.
A noite ia avançada.
Passavam por alli ruidosamente
As prostitutas magras, bandoleiras;
Estas davam-lhe um copo de aguardente,
Outras rogavam pragas tarimbeiras.
Uma d'ellas sombria, esfarrapada,
Disse-lhe: D. João,
Aqui tens uma antiga namorada;
Não a conheces, não.
E com tudo estes labios sensuaes
Beijaste-os tu de joelhos,
E dizias-me então nos madrigaes
Que elles eram mais puros, mais vermelhos,
Que para um crente as letras dos missaes.
Estes olhos febris da barregã,
Estes negros bohemios,
Já foram para ti os irmãos gemeos
Da estrella da manhã.
E este corpo nojento, rebaixado
Ao contacto das lepras vergonhosas,

Já por ti, D. João, foi comparado
Ás coisas mais preciosas:
Ao ceo azul, ao ceo immaculado,
Ao oiro, á luz, á primavera, ás rosas...
.....

D. JOÃO

Ó desgraçada Imperia,
Quem me diria outr'ora
Que eu tinha de te vêr n'esta miseria
Em que te encontro agora!
D'aquellas formosuras
Victoriosas, soberbas, irritantes,
Que inspiravam suicidios e loucuras
Aos magros estudantes;
Dos sorrisos felinos, traiçoeiros,
Das occultas, nervosas tentações
Que arruinaram poetas e banqueiros,
Cofres e corações;
Do teu corpo gabado antigamente
Nos folhetins, nas sallas, nos poemas,
Dos teus olhos de brilho surprehendente,
Irresistiveis como dois dilemmas;

Dos teus seios de marmor' de Carrara,
D'essas formas gentis,
D'essa belleza perfumada e rara
Que deslumbrou os dandys de Paris;
Dos teus labios viçosos como as flores,
De tanta coisa branca e delicada,
Resta apenas, ó fera desdentada,
Ó meus *lindos* amores!
Uma carcassa lastimosa e fria
Para amanhã os graves professores
Ensinarem lições de anatomia!

IMPERIA

Meu pustulento e roto coração,
Todo embebido em podridões modernas,
Tem sido como um velho cangirão
Que anda de boca em boca e mão em mão,
Nas grosseiras orgias das tabernas.
Eu percorri as trevas do peccado
E as espiraes dos vicios.
Meu corpo tem andado
Nos bordeis, nas cadeias, nos hospicios
E na lama das ruas.

Eu sei cantar canções aguardentadas,
Mais desavergonhadas
Que meretrizes nuas.
Durmo como as cadellas
N'esses beccos immundos;
E riem-se de mim as sentinellas,
E espancam-me de noite os vagabundos!...
.....

D. JOÃO

Vivandeira grutesca da canalha,
Iremos ambos pelo mundo fora
A batalhar a ultima batalha.
Se a morte quizer vir, que venha agora;
Abençoada seja!
Nós legaremos, como bons defunctos,
O espirito ao diabo e o corpo á igreja.
Mas no entretanto caminhemos juntos,
Livres como a andorinha!
Tenho bolsas vasias na gaveta,
Estomago de bronze e dentes fortes:
Se chegar a ser rei, serás rainha;
Se for palhaço, tocarás corneta
Quando eu fizer as sortes.

Não te assustem os ventos e as procellas;
Heide amparar-te, crê:
Sendo preciso, venderei cautellas,
Mas falsas, já se vê.
Nada me desanima:
Ferrador, sachristão, ou polyglota,
Mestre de dança, professor de esgrima,
Todas estas funcções
Eu sei desempenhar.
Para dois charlatões
Sempre hade haver lugar.
Hoje tem alargado as phanthasias
A area immensa do saber humano;
Já me lembrei ha dias
De me fazer dentista americano;
É rendoso e é bonito,
Mas eu talvez prefira
O ensinar sanscrito.
Posso tocar realejo ou tanger lyra,
Ser barbeiro, ventriloquo, emigrado,
Papa ou negociante...

IMPERIA

E até podes tambem ser enforcado,
Mas sendo assim...

D. JOÃO

Irei de braço dado
Comtigo, ó minha amante.

IV

Os saltimbancos

IV

OS SALTIMBANCOS

Era um linda tarde: a tumultuaria onda
Da alegre multidão enchia o *boulevard;*
E eu ia contemplando a podridão hedionda
D'este delicioso inferno sublunar.

Eu via da miseria as tragicas risadas;
Não a miseria franca, essa miseria nua
Que mostra sem corar as chagas verminadas
E come as podridões que encontra pela rua;

Não a miseria vil que traz os pés descalços
E traz aberto ao sol o bronzeado seio;
Mas a miseria que usa os diamantes falsos
E á noite vai ceiar por tres vintens e meio.

Era a miseria artista, anemica, ridente,
A miseria que tem a concepção profunda,
O *chic* singular de pôr correctamente
Um seboso *plastron* n'uma camisa immunda.

A miseria gentil, clorothica, enfesada,
Que possue a aridez e a graça do carmim,
E vai depois d'um baile, ás tres da madrugada,
Remendar no seu quarto as botas de setim.

Miseria que talvez não tem lençoes na cama,
E doida, sensual, exotica, franzina,
Passa no mac-adam com ar de grande dama,
Deixando atraz de si o cheiro da benzina.

A miseria fatal da nossa decadencia,
Que é como um elegante, apodrecido fructo:
Miseria que se vende e fuma a consciencia
Sob a forma banal d'um pessimo charuto.

Miseria que condoe mais do que um velho esquife
Parando á meia noite ás portas d'um bordel;
A miseria que tem por ideal um biffe
E que usa luva branca e punhos de papel.

E d'esta podridão nos rapidos declives
Eu lembrei-me de ti, ó pallido Jesus,
Que vieste trazer aos moldes dos ourives
O ornato original da tua *linda* cruz.

E eu disse dentro em mim: Ó rei dos *petroleiros,*
O exemplo da Paixão serviu só para isto:
Levar a freguezia á porta dos doceiros
E tornar um burguez commendador de Christo!

Eu ia andando e vendo os gestos provocantes,
Os risos triviaes, os lubricos peccados...
Vós tendes a attração das coisas elegantes,
Ó monstros que eu adoro, ó vicios delicados!

Ao pé d'uma *vitrine* as Evas innocentes
Paravam a scismar com muita commoção,
E viam reluzir os olhos das serpentes
Nas dobras triumphaes das sedas de Lyão.

Passavam entre a turba uns velhos silenciosos,
Com a rude altivez d'um exilado antigo,
Occultando a pobreza aos olhos curiosos
No sujo paletot, no seu discreto amigo.

Tinham a barba branca, hirsuta, amarellada,
O aspecto scismador dos velhos militares,
Que não podem suster o ferro d'uma enxada
E vão pedir esmola ao pé dos lupanares.

Se as damas do bom tom roçavam casualmente
Pelo hombro d'alguns d'estes desconhecidos,
Volviam para traz o olhar impertinente,
Limpando com o lenço a manga dos vestidos.

Os filhos da elegancia e da devassidão,
Com um riso nervoso, anemico, exquesito,
Iam no *boulevard* curvados para o chão
Dançando febrilmente a dança de S. Vitto.

Amargos, imbecis, clorothicos, franzinos,
Tinham a estupidez no olhar vidrado e baço,
Agitavam no ar os craneos pequeninos
E riam com um rir feito de molas de aço.

E ao vel-os eu pensei nos sonhos biliosos,
No brilho singular dos diamantes pretos
E na alegria azul dos ponches monstruosos
Illuminando a face aos dandys esqueletos...

No meio d'uma praça estava um saltimbanco
Mostrando ás multidões com outros animaes
Um urso já pellado, um velho urso branco
Que sabia fazer mil coisas joviaes.

Era como um vet'rano a mendigar no asphalto;
Tinha já pertencido a tres pelotiqueiros;
Punham-lhe na cabeça um grande chapeu alto
E dançava depois as marcas dos *Lanceiros*.

Ao pé do urso estava um longo dromedario:
Era magro, anguloso, esqualido, felpudo,
E tinha a nostalgia, o grande solitario,
Na luz do seu olhar, doce como velludo.

Seus melindrosos pés, desfeitos, combalidos,
Tingiam com o sangue as pedras da calçada;
E não havia ali uns olhos condoidos
D'aquella grande dôr espiritualisada.

Par'cia um aranhão phantastico, gigante.
O sombrio arlequim comprara-o por tres pintos;
O seu pello era longo e arido e ondeante,
Como o costumam ter os animaes famintos.

Sobre a espinha dorsal do filho do deserto
Um lepido saguí das raças mais pequenas
Franzia alegremente o narizinho esperto,
Com guinchos sensuaes e mimicas obscenas.

Uma Venus hedionda, a escoria das rameiras,
Sem pó de arroz na face e mesmo sem carmim,
Estava com as mãos cobertas de frieiras
Tocando variações n'um grande cornetim.

Erguia a saia curta, immunda, esfarrapada,
Mostrava as pernas vis, ossudas, masculinas,
Arqueando, que horror! na boca desdentada
O riso theatral das velhas dançarinas.

Ella tinha no rosto aquella côr purpurea
Que teem no hospital as Venus paralyticas:
Era a fermentação da rabida luxuria,
As florescencias más das podridões syphliticas.

Seus olhos bestiaes, ophtalmicos, vidrados,
Seus torpes seios nus, emagrecidos, sujos,
Vertiam o prazer no craneo dos soldados
E inflammavam de amor os peitos dos marujos.

Viam-se ali tambem creanças como aranhas,
Felpudas, ideaes, tristissimas, clorothicas,
Que lembravam, fazendo evoluções estranhas,
O aspecto singular das grandes letras gothicas.

E em volta d'isto tudo as multidões curiosas,
Com um riso imbecil de grande admiração,
Ouviam em silencio as fallas magestosas
Que arrancava do peito um bebado histrião.

Elle era alto, magro, estranhamente esguio;
Possuia um nariz vermelho, incendiado,
E um craneo intelligente, um craneo luzidio,
Como velho marfim, já todo amarellado.

Tinha o ar de quem vai a descrever assombros,
Um ar mysterioso, um ar de quem revela
Coisas que ninguem diz; pendia-lhe dos hombros
Um regio balandrau de arminho de flanella.

Com a ajuda infernal das cartas d'um baralho
Sabia adivinhar coisas miraculosas.
Aprendera latim. Cheirava muito a alho
E tinha no nariz verrugas biliosas.

Seu riso gorduroso, um riso desdentado,
Tinha a baixeza atroz d'um velho sodomita.
Trazia na cabeça um kepi de soldado
E nos enormes pés uns borzeguins de chita.

E com gestos febris, comicos, angulosos,
Prégava elle assim a toda aquella gente,
Arregalando muito os olhos maliciosos
E lançando da boca uns bafos de aguardente:

Eu fui o D. João, o typo da altivez,
O doido menestrel romantico, sombrio,
Que foi por muito tempo o espectro do burguez;
Eu fui o D. João, o lubrico vadio
Do poema sensual do grande lord inglez.

Em noites de luar, sobre os balcões em flor
Cantei da mocidade as limpidas balladas
E procurei na terra o ideal do amor...
Oh, sonhos que eu amei! Oh, tranças perfumadas
Em noites de luar, sobre os balcões em flor!

O que é feito de vós, lindissimas burguezas,
Ó pombas juvenis da grande Babylonia,
Que eu louco despenhei no mar das impurezas?!
Ophelias que cheiraes a agua de colonia,
O que é feito de vós, lindissimas burguezas?!

Não mais escalarei os muros d'um quintal,
Seduzindo a consorte ao meu melhor amigo:
Acabou para sempre o grande amor ideal;
Abençoado seja esse divino artigo
Quatrocentos e um do *Codigo Penal.*

Tornou-se-me o nariz esqualido, purpureo,
Por causa das paixões e do ultra-romantismo;
Deixei a doce paz do meu fiel tugurio;
Tenho insomnias crueis, soffro do rheumatismo
E já tomei, Senhor! dez frascos de mercurio.

Ó Neros de casaca e luvas perfumadas,
Filhos do mac-adam, rachiticos leões,
Mandae para o inferno as vossas bem amadas;
Examinae em mim o que é que são paixões
E vêde n'este craneo o effeito das pomadas!

Ponde os olhos aqui: Não tenho muitas vezes
Um pedaço de pão; estes casacos rotos,
Que são usados só nos baixos entremezes,
Fazem arrebentar o riso dos garotos
E fugir para longe o frak dos burguezes.

A vida para mim é como um alho cru.
Mas hei-de enriquecer. Ó gordas excellencias
Que amaes da Rigolboche o bello corpo nu,
Vendei-me por piedade as vossas consciencias,
Que eu vou negociar em guano do Peru.

Até já me lembrei, maldita phantasia!
De abrir com uma bala a negra sepultura;
Mas disse-me um doutor formado em theologia
Que o homem que se mata e foge á desventura
Dá um triste signal de grande cobardia.

Achei certa razão ao bom do pregador;
Muito embora não seja a vida uma delicia,
Co'as manhas do diabo e a ajuda do Senhor,
Sabendo eu evitar as garras da policia,
Talvez que chegue ainda a ser commendador.

Ó velhos sensuaes, monstros palacianos,
Tenho para attrahir os anjos vaporosos
Uns philtros mui subtis, reconditos, insanos;
Vinde-me consultar, Faustos libidinosos,
Mumias á Benoiton, dandys de oitenta annos.

Vinde-me consultar e abri as escarcellas;
O mais deixae correr, cá fica ao meu cuidado:
O tremulo pudor das candidas donzellas
É um sonho gentil, um sonho amortalhado
Na espuma virginal das rendas de Bruxellas.

Eu tenho bom marfim, marfim alabastrino
E sei apparelhar soberbas dentaduras
Com brilho juvenil, esmalte crystallino:
Ó velhas cortezãs, famintas creaturas,
Qual de vós quer comprar os dentes de Ugolino?

Eu sei tingir de preto as barbas todas alvas
E sei fazer chinós com tranças côr de amora,
Ó torpes barregãs, ó podres marialvas,
Que ao vêr agonisar as illusões de outr'ora
Vestis de lucto negro essas cabeças calvas.

Barrigas que suaes vellas de stearina,
Ha um remedio bom para extrahir os callos;
Vendeu-m'o Sancho Pança, é droga muito fina;
Regosijae-vos pois, grandes Sardanapalos,
Tigres de corrupção que amaes a bandolina.

Estou elaborando as bases d'um jornal
Que seja contra o vicio efficaz mésinha;
Tenho um estylo bom, muito sentimental,
E costumo a escrever a trinta reis por linha
Necrologios em verso e artigos de moral.

Estas creanças, vêde, achei-as n'uma estrada:
Fui eu que as eduquei, educação sublime;
Hãode levar no mundo a vida regalada;
Têm a espinha dorsal flexivel como um vime:
Para se ser feliz não se requer mais nada.

Este urso era um tyranno, um monstro singular,
Nascido em regiões phantasticas, distantes:
Vivia sobre o gelo ao pé d'um grande mar,
E á noite estrangulava os hirtos viandantes,
Como faz seu irmão, o velho urso—o Czar.

Agora é dançarino. Eu ponho-lhe unguento
Nas verdes podridões, na lepra dos joelhos.
Coitado! já nem solta um unico lamento;
E os seus olhos febris, rainunculos vermelhos,
Têm a tristeza ideal dos olhos d'um jumento.

Esta Venus hedionda, a Venus da miseria,
Que tem um dente só na boca tenebrosa,
Foi inda ha pouco tempo a deslumbrante Imperia,
A coisa mais gentil e mais deliciosa
Que tem deitado ao mundo o ventre da materia.

Em tempo eu escrevi-lhe uns versos delirantes;
Ella riu-se de mim; vergonha dos Tenorios!
A fria cortesã só tinha por amantes
Burguezes bestiaes, Neros de suspensorios,
Levitas do milhão, gordos como elephantes.

E é esta para mim a esposa dos cantares;
Quero-lhe muito mais que ás timidas donzellas;
Ajuda-me a viver; tem prendas singulares:
Ella sabe dançar no bico das chinellas
E joga muito bem os jogos malabares.

E no entretanto em volta a sordida canalha
Assobiava, applaudia o roto salafrario;
Um Gavroche feroz pegou d'uma navalha
E foi espicaçar com ella o dromedario.

No aspecto scismador dos rudes camponezes
Havia a ingenuidade, a estupidez, a manha,
Que mostram quando vão ás lojas dos burguezes
Examinar de perto alguma coisa estranha.

Mil bocas bestiaes, todas escancaradas,
Com soturno estridor athletico, disforme,
Lançavam para o ar as grossas gargalhadas,
As bombas joviaes d'uma alegria enorme.

Como broncos trovões rugiam pelo espaço
Palavras sem pudor, palavras explosivas...
No meio da canalha, esqualido, devasso,
Um ebrio já senil ria com as gengivas.

Uma Venus gritou com gestos de bacchante:
Chegou-te finalmente a grande expiação;
Maldicto sejas tu, ó meu antigo amante,
Ó bebado arlequim, ó magro D. João!

E o magro D. João e a torpe dançarina,
Com um ar infeliz e um riso desgraçado,
Foram apresentando a velha barretina
Ao sordido maná do cobre esverdeado.

E toda a multidão fugiu n'esse momento,
Cascalhando ao fugir plethoricas risadas;
Nas arvores da praça assobiava o vento,
Zuniam pelo ar granizos de pedradas.

O sol agonisára em purpura brilhante
Lançando o seu clarão nos altos edificios;
E a noite desdobrava o seio flammejante
Por sobre a podridão nevralgica dos vicios...

Deitado sobre o chão, sinistro, envergonhado
De andar assim exposto aos risos joviaes,
O velho urso branco, o triste condemnado
Soltava roucamente uns gritos gutturaes.

Vieram-lhe á memoria as grutas silenciosas,
As brancas solidões, as gelidas paisagens
E o tempo em que embebia as garras monstruosas
Na purpura real dos bufalos selvagens.

E o pobre dromedario, o grande monstro informe,
Doce como Jesus, triste como o luar,
Melancholicamente abria o olho enorme
No mysterio sem fim da luz crepuscular.

Lembrava-lhe o deserto, os cactos purpurinos,
Os oasis em flor, os gritos das serpentes
E o nervoso perfil dos magros beduinos
Galopando atravez dos areaes ardentes.

Vinha rompendo a lua. Os histriões famintos,
Levando atraz de si a inutil caravana,
Foram-se dirigindo aos negros labyrinthos
Onde apodrece á noite a consciencia humana.

Iam como Jesus na estrada do calvario,
Contemplando da lua o pallido crescente;
E a sombra colossal do velho dromedario
Caminhava no chão silenciosamente.

V

Os ultimos momentos

V

OS ULTIMOS MOMENTOS

A noite é escura e má. Rebentam mil trovões,
Como um despedaçar de peitos de gigantes;
E as nuvens collossaes, bronzeadas, triumphantes,
Correm no firmamento em negras legiões
Como pelo deserto as tribus de elephantes.
Na floresta sombria os vegetaes athleticos
Dobram herculeamente os grandes troncos nus
E bracejam no ar, assim como epilecticos
Ao verem o clarão dos olhos de Jesus.

Nos negros carcavões tombam enormes fragas.
Contorcem-se rugindo em longos paroxismos
Como ursos do norte, as monstruosas vagas.
Fallam na escuridão as bocas dos abismos:
O oceano blasphema, os ventos rogam pragas.
Relampagos febris continuadamente
Desdobrando um lençol de luz phosphorescente
Amostram-nos do céo as lividas entranhas.
E as aguas a espumar vão caudalosamente
Como arados rasgando os ventres das montanhas.
E as almas maternaes, cheias de immenso amor,
Atravessam a noite e as lanças inflammadas,
Embebem-se no céo com azas de condor
E vão por fim cahir exhaustas, desgrenhadas,
Nos seios do infinito, aos pés do Creador.
Sentem-se convulsões de homericas batalhas.
Andam pela floresta enormes mastodontes.
Veem-se lampejar titanicas fornalhas
Quando abrem a guela os negros horisontes.
E a terra, a boa mãe, suspensa sobre os ares,
Como uma grande nau batida pelos ventos,
Entre o bronco rugir cyclopico dos mares,
Entre a furia brutal dos cegos elementos,

Vae com a rapidez das balas d'um canhão
Por entre a noite má, caliginosa e turva
Descrevendo no espaço a grandiosa curva
Marcada pelas leis eternas da attracção.

N'um d'esses tremedaes aonde vão parar
Todas as podridões, todas as coisas vis,
E onde dormem á noite, em noites de luar,
Com o craneo partido e os ventres para o ar,
Os lazarentos cães mortos pelos edis;
N'esse beco hediondo Imperia e D. João,
Famintos, quasi nus, riem ás gargalhadas
Entre o despedaçar continuo do trovão
E o profundo mugir das negras enxurradas.

Imperia está nojenta, hydropica, leprosa:
Dir-se-hia que foi pintada a caparosa.
Tem chagas na cabeça e pustulas vermelhas;
A syphlis bestial roeu-lhe as sobrancelhas.
Causa nojo aos ladrões, aos parias e aos mendigos.
A lepra é sua irmã e os vermes seus amigos.
É d'essas podridões raras, phenomenaes,
Que a sciencia conserva em frascos collossaes,

Para expôr nos museus ás vistas curiosas...
No entanto essa mulher foi bella como as rosas
E teve a pallidez das virgens de Murillo.
Agora contemplae-a; é monstruoso aquillo:
Cortaram-lhe o cabello á moda dos soldados.
Os vicios infernaes passaram como arados
N'esse corpo desfeito. A estupidez idiota
Lê-se n'aquelle olhar. De quando em quando enxota
Os insectos febris que amam a podridão,
Roga pragas, depois estorce-se no chão,
Uiva como um chacal, dá grandes gargalhadas,
Coça instinctivamente as chagas verminadas,
Corre á pedrada os cães e fica a olhar quem passa
Arregalando o olhar da consciencia baça.
É um craneo sem luz com ideas sem nexo,
Um monstro que afinal quasi que não tem sexo;
É a escoria que sahe das minas dos instinctos.
Andou aos pontapés todos os labyrintos
Da miseria e da fome; apupam-n'a os garotos
E estão á espera d'ella os ventres dos esgotos.

Elle—anda magro, hediondo, exotico, descalço.
Tem risos de entrujão; lembra um pataco falso,

Amarellado e sujo. O seu nariz purpureo
É uma esponja de carne a distillar mercurio.
O craneo luzidio ao longe faz scismar
N'um ovo d'avestruz, nas bolas de um bilhar.
O roto balandrau que lhe serve de capa
É por assim dizer o gorduroso mappa
Das ilhas da miseria; encontra-se alli tudo:
A chita, o panno cru, as rendas, o velludo,
Os doirados botões das fardas marciaes,
Mil farrapos senis, ignobeis, triviaes,
Que, depois de vestir os hombros das duquezas,
Foram atravessando as baixas impurezas,
Os cancans, os leilões, as farças, as tabernas,
Os esgotos do estrume e as lazarentas pernas
Das velhas barregãs. Ignobil creatura!
A sua boca voraz, prostituida, escura
Parece exactamente a boca de um tinteiro;
Quando ri faz fugir; vem lá de dentro um cheiro
A tudo quanto ha de torpe e de corrupto:
Ao pé d'elle é um aroma a essencia do escorbuto.
Pende-lhe do pescoço um grande relicario
Com pedaços da cruz do martyr do Calvario,
Tres espinhos do mesmo e outros ingredientes
Que livram de sezões, raios e mal de dentes.

Com isso vai vivendo á beira das estradas,
Expondo ás multidões as lepras inflammadas
E as pernas bestiaes, tumidamente obscenas,
Da côr do lirio roxo e da côr das gangrenas.

D. JOÃO

E não passa ninguem por esta rua!
Se o demonio da chuva continua
Por mais um dia ou dois,
Jantarei como tu, Izequiel,
Os estercos dos bois.
Antes eu fôra besta de aluguel
Ou sapo das latrinas,
Que não andava aqui pelas esquinas
Leproso como Job!
Ai que frio, que frio insuportavel!
Ó carne miseravel,
Custa-te bem a transformar-te em pó!
.....
E a caridade, a virgem da agonia
Que estende a mão aos pobres infelizes,
Hoje não sae de casa; a noite é fria
E tem medo aos peleurizes.

Fazes tu muito bem, ó caridade!
Que a chuva na verdade
Causa graves transtornos á saude;
Para prova que o diga o meu abbade,
E mais esse é um monstro de virtude...
Fazes tu muito bem! deixa-te estar
Ao canto do fogão
Com as irmãs a rir e a conversar
Nas modas da estação.
E adormecei nas languidas poltronas,
Ao narcotico som dos vendavaes,
Ó magras solteironas,
Desdentadas virtudes theologaes!
.....
Ó Deos forte, ó Deos justo, ó Deos clemente,
Para que eu seja um verdadeiro crente
Com muitissima fé nos teus assombros,
Tu que fizeste já parar o sol,
Digna-te, ó Deos, lançar n'estes meus hombros
Um capote hespanhol!
É um milagre tão facil, tão vulgar,
Que qualquer alfaiate o arranjaria
Co'a simples condição de lh'o pagar.
E é teu dever, ó filho de Maria,

Dar um allivio prompto ás nossas dores;
Para isso te resam de mãos postas
E te trazem ás costas
Em cima dos andores.

.....

Homens e deuses tudo está perdido!
E em vão contemplo a abobada celeste,
A vêr se cae o enxofre derretido.
Para curar a peste,
A peste que nos mata
Já não basta o enxofre, é necessario
O nitrato de prata.
Hoje o homem, ó martyr do calvario,
Está mais podre do que um velho escriba;
Queres regenerar os corações?
Não nos mandes sermões,
Manda-nos cupahiba.
E até mesmo no crime e no deboche
A humanidade é chata e pequenina:
Que vale a Rigolboche
Ao pé de Nero e ao pé da Messalina!
Os juizes agora
São muito mais baratos

Do que foram outr'ora
No tempo de Pilatos.
Os dandys dissolutos,
Rachiticos pagãos,
Teem medo a Jehovah
E incendeiam charutos
Por não poder incendiar christãos,
Que é coisa que não ha.
Os paes são os negreiros
Das suas proprias filhas;
Os gordos merceeiros
Vendem as consciencias por lentilhas.
Ai, que frio! que horror!
Se eu ainda tivesse consciencia,
Ai que frio!... comprava um cobertor.
.....
Fugiu do mundo a candida innocencia.
Desgraçada donzella!
Ha quasi seis mil annos
Não tornamos a ter noticias d'ella.
Tambem pouco me importa; eu afinal,
Mesmo sem paraizo terreal,
Acharia esta vida muito linda,

Se não houvesse ainda
A tolice do Codigo Penal.
Ha tempos para cá eu tenho andado
Quasi constantemente
Pelas prisões do estado;
E é uma coisa indecente,
Uma coisa exquesita
Que vá prender-se um homem simplesmente
Por ter furtado uma mulher bonita.
E além d'isso a mulher de que se trata
Não era ahi nenhuma aristocrata,
Era apenas a filha de um barbeiro;
E ainda mesmo assim
Não era para mim,
Foi para um brazileiro.
E por isso, eu o juro,
Não tornarei a ser alcoviteiro.
Pedir esmola é muito mais seguro;
Tenho uma chaga preta
No sitio onde devia
Trazer uma grilheta.
Esta chaga é o pão de cada dia.
Ando a mostral-a sempre ás multidões
Psalmeando lamurias guturaes;

Rende diariamente tres tostões,
E nos domingos talvez renda mais.
Eu digo d'esta chaga o que alguem disse
Do Deus immaculado:
Se ella não existisse,
Já a tinha inventado.
.....
Que horror, que horror! os ventos infinitos,
Os ventos penetrantes,
Maldictos!
Riem como estudantes
Ás grossas gargalhadas
E atravessam-me a carne apodrecida
Com um milhão de espadas.
.....
Sinto exhalar da lampada da vida
O ultimo perfume...
Ó burguezes! quem compra D. João?
Quem quer fazer estrume?
Meu velho coração
Pára como um relogio;
Escrevei-me depressa o necrologio,
Ó menestreis da moda,
Bardos de romantismo;

Vou apagar a luz que me incommoda
E mergulhar no abysmo.
E tu, ó sociedade,
Ingrata cuncubina!
Se me não lanças pão, faz-me a vontade,
Lança-me estrichnina.
É um remedio seguro
Para quem traz o estomago vazio...
Oh, que frio! que frio!
Partam-me esta cabeça contra um muro,
Que eu não posso soffrer nem um instante
A dôr que me consome...

IMPERIA

D. João, ó meu amante
Diz-me que tens!...

D. JOÃO *(expirando)*

Não é remorso... é fome.

Parou a ventania.
As estrellas dormentes, fatigadas,
Cerram á luz do dia
As mysteriosas palpebras doiradas.
Vae despontando o rosicler da aurora;
O azul sereno e vasto
Empallidece e córa,
Como se Deos lhe desse
Um grande beijo luminoso e casto.
A estrella da manhã
Na altura resplandece;
E a cotovia, a sua linda irmã,
Vae pelo azul um cantico vibrando,
Tão limpido, tão alto, que parece
Que é a estrella no céo que está cantando.

FIM.

NOTA

NOTA

A arte moderna, especialmente na raça latina, é filha d'uma sociedade que perdeu a crença religiosa sem ter adquirido a convicção scientifica.

D'ahi o scepticismo moral, o verme que roe ha cincoenta annos uma litteratura, que, ao que parece, morrerá de escrophulas.

Hoje a arte sabe desenhar admiravelmente todos os estados doentios da alma, desde os pantanos da hypocondria até ás allucinações da nevrose. Pelo lado da fórma é d'uma correcção geometrica, pitoresca, inexcedivel. Cada adjectivo é um bistouri.

Falta-lhe o senso moral e falta-lhe a alegria. Não a alegria do paradoxo, mas a alegria heroica, sincera, verdadeiramente humana, a alegria que é o oxigeneo do espirito, e que provém da nobreza do caracter, da consciencia tranquilla e da saude robusta.

O seculo XIX ligou os continentes pelo telegrapho e os espiritos pela fraternidade; libertou a Belgica, libertou a Grecia, libertou a Hespanha, libertou Portugal e libertou a Italia; destruiu os dogmas; inventou a locomotiva e abriu o isthmo de Suez; resolveu o problema politico e formulou o problema social; descobriu a lei das correntes maritimas, a lei da historia, a lei das tempestades; com o telescopio viu o infinitamente grande, com o microscopio o infinitamente pequeno; sondou os mares, abriu as montanhas, estudou as linguas, examinou as raças, liquidou o universo.

Ora uma litteratura dá a medida d'uma sociedade. É um axioma de critica. Pois bem; se perguntarmos á litteratura do nosso tempo o que é que tem produzido a sociedade moderna, a litteratura responderá:— Adulterios e anemias.

Esta contradicção explica-se.

Em geral o poeta moderno não comprehende o seu tempo. Ignora os resultados assombrosos da chimica, da geologia, da etnographia, da linguistica. Vive fóra da sciencia e fóra da industria. Não conhece a officina, conhece o *boulevard*. Não conhece o laboratorio, conhece

o restaurante. Sabe os escandalos, vê as *cocotes*, frequenta os theatros, fuma nicotina, bebe cognac, sente-se fraco, melancolico, impotente, e de tudo isto tira elle a seguinte conclusão: a vida é um sonho, e o mundo está perdido. De quando em quando tem tristezas pantanosas, sombriamente ridiculas. Anda no meio artificial das fantasias coloridas. A *originalidade* preoccupa-o. Originalidade, n'este caso, quer dizer — aberração. Avalia a sociedade simplesmente pelo lado exterior do luxo, do café, do bordel, das anedoctas. Em summa: é a demagogia artistica, o atheismo litterario.

Por consequencia a poesia moderna, em geral completamente estranha á grande corrente do trabalho e á grande corrente das ideias, não póde de fórma alguma dar-nos a medida exacta da sociedade actual.

Se todos os phenomenos da natureza physica e da natureza moral, ainda os mais apaixonados e incoerciveis, como as tempestades e o amor, são regidos por leis de harmonia e de justiça, por que é que a poesia, que vae forçosamente buscar o assumpto a qualquer d'esses phenomenos, não hade ser governada pelas mesmas leis que os regem?

Qual é o thema da arte? o universo. Qual é o principio que o domina? a Justiça. Qual é pois o ideal artistico? a Justiça.

Contra isto ha simplesmente uma objecção: Mas o que é a Justiça? onde está ella? O que é justo para uns

é injusto para outros. A Justiça varia segundo as raças, os climas, os temperamentos. Apparece uma obra de arte; trata-se de a julgar, de saber se é justa. Quem o hade decidir? A consciencia? Não póde ser. A consciencia do auctor não é igual á minha consciencia, e a minha tão pouco não é igual á do meu visinho. Logo temos tantas justiças quantas as consciencias, e isto é — a anarchia.

Basta a conclusão do argumento para demonstrar a falsidade d'elle. No entanto respondamos directamente. A Justiça não é uma chimera, um sentimento, uma abstracção. A Justiça tem orgãos, a Justiça é a consciencia collectiva. Exemplifiquemos: Qual é nos povos civilisados a lei de justiça que domina o amor? o casamento. Qual é a que domina a politica? a liberdade. Qual é a que domina a natureza? as leis physicas descobertas e interpretadas pelas sciencias naturaes. Por conseguinte: se a poesia proclama o amor livre, será injusta; se canta o despotismo, será injusta; se em vez de encarar a natureza pelo seu lado grandioso, segundo os resultados da sciencia, a encarar simplesmente pelo lado bucolico e sentimentalista, a poesia será ainda injusta.

Deduzem-se d'esta theoria dous resultados.

Primeiro: — A arte deve ter um caracter *universal*. Não póde por conseguinte dizer-se que um poeta que cante a sociedade seja superior a um poeta que

cante a natureza. Tão revolucionario póde ser um como o outro, porque tão revolucionario é Proudhon que descobriu as leis economicas como o capitão Maury que descobriu as leis das correntes maritimas. Reduzir a arte á politica, reduzil-a ao amor, reduzil-a á natureza é amputar o infinito.

A chimica, a physica, a historia, a linguistica, a etnographia, a astronomia, a philosophia, em summa toda as sciencias humanas, são milhares de raios luminosos que se crusam, interceptando-se n'um unico ponto.

N'este ponto deve estar o poeta.

Segundo resultado:—A arte tem e deve ter um caracter *progressivo*. Se todo o artista superior deve fazer nas suas creações a synthese do seu tempo, segue-se fatalmente que, em virtude da lei de progresso, o artista de ámanhã deve ser superior ao artista de hoje. Pelo lado da religião, da politica e da sciencia, Dante é inferior a Hugo. Não quer isto dizer que, o genio d'um seja maior que o do outro; quer dizer simplesmente que entre um e outro correram cinco seculos.

Estabelecido isto, o poeta deve ser justo de duas maneiras: affirmando o bem e negando o mal. Existe no universo uma dualidade eterna. Toda a questão tem dous lados, toda a medalha tem duas faces. Não basta fazer a apotheose de Christo; é necessario azorragar a

face de Judas. Não basta cantar a estrella; é necessario esmagar o verme.

Tudo o que hoje se oppõe á realisação da Justiça póde synthetisar-se em duas grandes figuras, em dous symbolos—D. João e Jehovah.

D. João resume em si tudo o que ha de doentio na sociedade moderna: o idealismo, o tedio, as nevroses, a indifferença, a duvida, os paradoxos, a falta de caracter. D. João anda nos cafés, no boulevard, nos theatros, na litteratura, nas igrejas e nas consciencias. Symbolisa perfeitamente *uma parte* da sociedade moderna, pelo lado exterior dos costumes. É necessario matal-o; moralmente, já se vê.

Jehovah representa a tyrannia, o direito divino. É pelo papa contra a Italia, é por Chambord contra a republica franceza, é por Carlos VII contra a republica hespanhola, e é por D. Miguel II contra D. Luiz I. Papista, chambordista, carlista e miguelista. Com o despotismo nega a liberdade; com a transmissão do peccado nega a responsabilidade. Anda nos espiritos: é o dogma. Anda na natureza: é o milagre. Anda nos codigos: é o privilegio.

Depois da negação, a affirmação. Depois de ter destruido o mal symbolisado n'esses dois vultos grandiosos, é necessario affirmar a justiça encarnada em duas figuras sublimes: Christo e Prometheu. É a sciencia e a consciencia, a liberdade e a fé, o sentimento e a ra-

zão. Quando estes dois termos do espirito humano, ha tantos seculos affastados, se identificarem n'uma harmonia completa, o homem desde esse momento será justo, será bom, será feliz.

A morte de D. João é a primeira parte d'esta trilogia. Eu tirei a D. João todos os encantos poeticos, todas as bellezas romanticas, todos os prestigios legendarios, para o entregar, como qualquer vadio, á policia correccional. Fil-o partir do idealismo, do sentimentalismo, para conduzir á duvida, ao tedio, á indifferença, ao *espirito*, ao deboche, á falta de caracter. Procurei synthetisar d'esta maneira as doenças moraes d'uma das partes exteriores da sociedade moderna, doenças que influindo na litteratura a tem levado desde o romantismo de 1830 até á baixeza descarada dos ultimos tempos do segundo imperio. Note-se: eu não fiz de D. João um idiota; pelo contrario; á medida que vae perdendo a dignidade e o senso moral, vae adquirindo a analyse, a critica, a intelligencia, e é isto mesmo que o torna duplamente responsavel.

Muitos outros poetas tem cantado D. João, mas todos elles com um ponto de vista contrario ao meu. Poetisam-n'o, engrandecem-n'o, e, quando no fim d'uma vida impunemente devassa se torna necessario castigal-o, então abrem-se as gargantas do inferno e sorvem o condemnado. Para um malandro é épico de mais.

Eu segui um caminho differente. D. João, na sua

qualidade de parasita, morre como deve morrer: de fome. Quem não trabalha não tem direito á vida. Appellar para a justiça de Deos, como no quinto acto dos dramas *moraes,* é o supremo deboche, o supremo cynismo, porque é negar a justiça dos homens, mostrando que a sociedade é impotente para castigar o culpado.

INDICE

Pag.

Introducção IX

PRIMEIRA PARTE

I — Babylonia 3
II — O Orphão 21
III — Imperia 31
IV — Illusões 45
V — Vita Nuova 51
VI — A scena do balcão 67
VII — Cahir do azul 83

SEGUNDA PARTE

I — Melancolia 91
II — Romanticismo 99
III — Ao cahir das folhas 125
IV — Ruinas 135

TERCEIRA PARTE

I — A noite dos amores 169
II — A guitarra de D. João 187
III — O encontro 215
IV — Os saltimbancos 235
V — Os ultimos momentos 255

Nota 271

THE NEW YORK PUBLIC LIBRARY
REFERENCE DEPARTMENT

This book is under no circumstances to be taken from the Building

MAY 2 - 1915
MAY 4 1915
JUN 2 2 1915
JUL 18 1915
JUL 20 1915

Form 419